



PB198589



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor
Ralph G. Stanton



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

MOTIM LITERARIO *133*

E M

FÓRMA DE SOLILOQUIOS. *Libro*

*Desta Obra , inteiramente Original ,
se publicação duas folhas cada se-
mana , que encerrão objectos sepa-
rados , e independentes.*

SEU AUTHOR
JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO:
TOM. III.



L I S B O A ,
NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1811
Com licença.

*Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão
no largo do Calhariz , N.º 12 , onde se fazem,
as Assignaturas.*

*O preço para os Assignantes he 70 rs. por se-
mana , e para os não Assignantes 80 rs. , e a col-
lecção inteira de 52 semanas em papel 3:600.
E adverte-se , que a Obra durará 4 annos , que
para tanto ha manuscripto.*

DECLARATION OF INDEPENDENCE

1776

IN CONGRESS, July 4, 1776.

The Continental Congress declares, that the thirteen united States of America, are free, sovereign and independent States, that they are absolved from all allegiance to the British Crown, and that all political connections between them and that Crown, are hereby totally dissolved.

That the Prince of Great Britain, King of Great Britain, Ireland, and of the Towns of Bristol, London, and of the Cities of Edinburgh, Glasgow, and of the Kingdoms of Scotland, Wales, and Town of Berwick, in Right of which, he claims the Dominion of these Colonies, has by his Acts and Policies, shown a clear and manifest Tendency to the same.

That the said Colonies have a Right to be free, sovereign and independent States, that they are absolved from all allegiance to the British Crown, and that all political connections between them and that Crown, are hereby totally dissolved.

That the said Colonies have a Right to be free, sovereign and independent States, that they are absolved from all allegiance to the British Crown, and that all political connections between them and that Crown, are hereby totally dissolved.



IN WITNESS WHEREOF, we have hereunto set our hands and seals, this fourth day of July, 1776.

JOHN ADAMS, President of the Continental Congress.

THOMAS JEFFERSON, Secretary of the Continental Congress.

ROBERT R. LIVINGSTON, Secretary of the Continental Congress.

JOHN HENRY DEWEY, Secretary of the Continental Congress.

JOHN B. HENRY, Secretary of the Continental Congress.

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXII.

SOLILOQUIO LXV.

Nunca me persuadi, que hum homem chegasse a sonhar estando perfeitamente acordado, só a minha propria experiencia me póde persuadir da realidade desta em apparencia manifesta contradicção. O homem solitario, e costumado a profundas meditações sobre objectos abstractos, com os sentidos bem despertos sente correr a imaginação pelo paiz das quiméras até ao ponto da advertencia, então se lhe dissipa o rapto, ou o extasi,

e torna outravez aos uso , ou exercicio da triste razão : tal me succedeo a mim no presente Soliloquio abstracto , que eu não quiz deixar perder como outros muitos , que escritos serverião de alguma cousa aos homens meus semelhantes. Eis-aqui o que eu disse comigo em hum sonho acordado.

Se eu soubera , que cousa he esta terra , e que cousa são os outros innumeraveis **Corpos Celestes** , que apenas chega a noite se descobrem , e qual fosse sua verdadeira formação , e origem , com este perfeito conhecimento seria eu acaso mais alguma cousa do que sou ? Seria acaso com toda esta sabença , mais util aos meus semelhantes ? Nem huma cousa , nem outra alcançaria ; ainda que com effeito eu descesse agora dos **Astros** , acabando de dar hum passeio , ou huma volta pelo espeço , e contasse tudo aos meus semelhantes como testemunha de vista , nem eu me engrandeceria mais , nem os tornaria me-

lhores , nem faria á minha Patria o grande serviço de a alimpar de Francezes , e dos seus sequazes , animalejos muito mais daninhos , barbaros , e ignorantes , que os mesmos Francezes. Com tudo eu creio que não existe hum homem , que não goste de ouvir novidades certas lá de cima , he bairro aquelle , que desafia a curiosidade de quem tem os olhos abertos. Eu tambem o quereria , e para satisfazer meus desejos lerei acaso os sonhos do homem Buffon , ou quanto escreveo aquella porção de terra modificada em homem , e com espirito de homem , que se chamou Plinio? Nem hum , nem outro eu consultarei. Em me cheirando a ler o que os homens escreverão , volto a cara como se faz , quando se topa com hum objecto desagradavel. As esquinas de Lisboa ha quasi nove mezes a esta parte me indispozirão contra a letra redonda , nunca o chumbo modellado em caractéres typograficos foi mais profanado !

Quando observo os Astronomos armados de longos telescopios desde Galileo, até la Place, medindo os Corpos Celestes, e suas distancias, calculando suas reciprocas relações, seus movimentos com os magicos termos de razões inversas dos quadradados das ditancias, quando oiço a Lei de Kleper; seguida como o de cálogo pelos seus confrades, quando vejo hum Fysico-Mathematico descrevendo a figura da terra sentado em huma cadeira ao canto da sua casa; parece-me que vejo hum insecto que se não póde distinguir senão com o soccoro de hum excellente microscopio em cima do lombo de hum Elefante, no meio de hum vasto deserto do Imperio do Monomotapá, por onde girão outros Elefantes, e outros animaes; parece-me, digo, que vejo este insecto repimpado sobre a ponta de hum cabelo, ou pello do Elefante, explicando aos outros bichinhos seus semelhantes, que cousa seja aquelle corpo para elles mais que

immenso , sobre o qual elles se achão , e que relações tenha com os outros que veem mover-se em distancias tambem immensas para elles. Eu sou hum insecto chamado homem , e sempre me lembrarei com prazer daquelle Apologo das duas pulgas em cima do espinhaço de hum cão. *Formica, et musca contendebant acriter*; assim as duas pulgas disputavão sobre a figura daquelle vastissimo Corpo , em que existião , e depois que pela contrariedade das opiniões se escaldárão algum tanto , e vierão a dente , barafustando forte , sentindo-se o cão alguma cousa incommodado com seus movimentos , acudio com a parte de trás , cossou-se , esmigalhou as pulgas , e acabou-se a questão. Oh homens , filhos da terra ! Sois muito pequenos ! Eu não tenho visto mais , que o desenvolvimento de vermes , e de insectos ; não vi mais do que brotarem do chão hervas , e plantas ; e nascerem animaes depois do ajuntamento de hum macho , e de huma

femea. Eis-aqui os estreitos limites da minha imaginação, e das minhas idéas. Tudo o que avanças daqui por diante não póde ser mais do que idéas modeladas sobre estas precepções. Os homens não pensão sobre o que ignorão senão pela dialerica da analogia daquillo que conhecem. Hum homem he mais pequeno em comparação da terra que huma pulga, relativamente a hum Elefente. Ora eis-aqui hum perfeito delirio, em que eu me acho algumas vezes. A negra analogia me escandece de tal maneira, que chego a imaginar, que a terra, e os immensos Corpos Celestes que a cercão (mentira como esta, nem os Francezes nos tem pregado) são seres viventes, e semoventes de especies entre si differentissimas. Que vidas serão as suas! Que fórmás os devem differençar huns dos outros! Os homens, ainda que seja o mesmo Buffon, o mesmo Daubenton, o mesmissimo Spalanzani, e o proprio Galvani, são tão pouco aptos para inda-

gar estas cousas, como seria hum mosquito trombeteiro, passeando sobre o dorso de huma grande Baléa de Spiritberg, que pela analogia de sua propria vida, ferrão endiabrado, e azas amotinadoras, quizesse ajuizar do estado, e deduzir a vida, os movimentos, e toda a economia animal dos grandes Leviatans, ou Dragões do mar. Se olho para o meu corpo, eu o vejo coberto em parte de cabellos, e de pellos, se o considéro com hum bom microscopio, o observo cheio de huma subtilissima pennugem, e de hum cardume prodigioso de pequeninos viventes, que pela sua pequenez extrema, deixão indicifra-vel sua diversa especie, que vivem, e respirão na minha insensivel transpiração. Vejo algumas partes rugosas, que me offerecem a imagem de hum numero prodigioso de cordilheiras de montanhas, e valles, que taes devem ser para os infinitamente pequenos insectos, que existem em mim; vejo outras partes lisas á si-

milhança de vastas campinas, e que taes devem parecer, e são para os animaculos microscopicos. Até no meu mesmo sangue nadão, e se mergulhão viventes de varia fórma, todo eu sou huma interminavel bixaria. Se olho para a terra, a vejo em parte coberta de huma prodigiosa quantidade de arvores, e plantas, todas várias, e todas admiraveis, e em parte povoada de huma turba prodigiosa de viventes, que vivem, e respirão a transpiração da terra a que os homens, que apregoão por Fysicos, chamão ár; descubro, huma grande multidão de montanhas, e de valles, e as aguas estão cheias de hum cardume immenso de seres nadadores. **E**u vivo da terra, e sobre a terra; a terra he hum mundo para mim; eu sou hum mundo para os infinitamente pequenos seres, que me povoão a pelle, a carne, e até o sangue. A cada instante he varia a carreira da minha vida, vario he tambem o curso da vida da terra. Entre a sêcas,

e as excessivas chuvas, entre os Estios por extremo quentes, e os Invernros excessivamente frios, ha gradações, que não seguem sempre o mesmo trem. Observo em mim certas funções animaes periodicas, quarto de hora mais, quarto de hora menos, como observo periodicos na terra, alguns ventos, chuvas, estações, dias mais, ou dias menos. Sou sujeito a doenças (ainda mal), a sêca, a chuva extrema parecem as doenças da terra, ou os precursores dos terremotos; assim meu corpo está fóra do equilibrio, se suo com excesso, ou se huma ardente sede me atormenta. Sobre o meu corpo apparecem, certas alturas, a quem os mestres enterradores, filhos de Epidaurro chamão protuberancias, que ou ficão, ou se desvanecem; surgem dos abysmos do mar montanhas, que, ou desapparecem, ou ficão. Se eu tenho ossos, a terra tem em seu seio andaimes de durissimas rochas. Meu sangue se move, formando a

sistole , e a diastole ; as aguas se movem , e de tal movimento procede o fluxo , e o refluxo. Será esta a sistole , e a diastole da terra , ou o movimento , ou passeio constante do tropico de Cancro ao de Capricorneo , e deste para aquelle , será relativamente a terra , o que he a sistole , e a diastole , relativamente ao meu corpo ! Eu ignorante imaginava que a terra era hum montão enorme de materia , tão inerte , e immovel como hum calháo ; assim tambem cada hum dos infinitamente pequenos insectos , que nascem , vivem , e morrem sobre o meu corpo , se tivessem entendimento poderiam pensar , que eu era huma pedra.

De que especie pois de Corpos Celestes será esta a que eu chamo terra sem saber porque ? Quem sabe se será a terra em comparação das outras immensas especies , o que he hum insecto em comparação de hum homem , ou de hum Elefante ? Que condição he a minha ! Eu sou parte

da terra, e não a conheço, e nada sei da mesma terra, por mais que me entrange na meditação dos escritos de quantos Cosmologistas tem apparecido desde Wiston até La Meterie, porém também os insectos que vivem no meu corpo, nem me conhecem, nem elles mesmos sabem de que freguezia são. Que direi a mim mesmo da conquilagem, que os homens achão em cima das mais altas montanhas, ou nas profundas excavações que elles fazem? Parece-me, que taes accidentes na superficie da terra acontecem daquelle mesmo feitiço, que succedem pequenas mudanças na pelle do meu corpo, e dos outros animaes, mediando alguma pequena alteração na máquina. Que me direi destas que me parecem enormissimas cadeias de montanhas, pasmo dos homens pequenos como eu sou? Se estas montanhas, que se levantão até ás nuvens, relativamente a toda a maça terrestre não são de maior consideração, que as rugas

vo focinho de hum velho, nada haverá mais facil de comprehender com Buffon, que as ondas impetuosas do mar, tenham no decurso dos seculos, accumulado diversas materias humas sobre as outras; donde provenhão aquellas enormes maças, e montões de terra, pedras, e mais salgalhada de que se compõe os montes, a quem os homemsinhos como eu, e outros emlambuçados em Sciencias naturaes dão o nome, de espantosas cadeias de Alpes, Pyrneos, Caucasos, Chimboraço, etc. Assim os ventos formão montes de aréas no deserto sablunoso, que separa a Palestina do Egipto, ora n'hum lugar, ora n'outro, e nenhum enterrou em Bonaparte, quando fugia de Smit! A pequenez dos homems, tem feito escrever a muitos homems bem grossos livros sobre taes fenomenos, e bem comprido sonho, ou delirio tenho eu passado com todo este futilissimo apparatus de analogia, estrada batida pelos pequenos, que cuidão que todo o mato he

orégãos, e andão ás cégas tacteando, o que o Omnipotente não julgou conveniente, que nós soubessemos, quiz que o homem fosse antes bom, que sábio, e deixando o mundo ás nossas infantís disputas, deixa-nos ás escuras no conhecimento interior das suas incompreensíveis obras: quando eu sahi deste meu delirio da comparação do corpo com a terra, lembrou-me a ingenua confissão do Pastor de Virgilio tambem analogista: *Urbem quam dicunt Romanam Melibea putavi, stultus ego; huic nostræ similem.*

SOLILOQUIO XLVI.

LI, quando lia, dois livros com excessivo prazer, porque me fazião meditar muito, e profundamente, genero de prazer, que eu anteponho a todos quantos até agora se tem descoberto, ou excogitado, em apa-

nhando livro , que me obrigasse a meditações , até me esquecia do ordinario sustento , contrahindo o habito de meditar até a ponto de não sentir o reboliço das ruas de Lisboa , quando por ellas passeava : estes dois livros são , 1.º a descripção do cabo da boa esperanza por André Colby , 2.º a terceira viagem do Capitão Cook. No primeiro vi a relação de hum mancebo Otentote , tirado das agrestes brenhas , bem civilizado , bem tratado , que improvisamente abandonou o estado civil , e foi viver como hum salvagem entre os seus : eis-aqui o facto , agora eis-aqui a meditação. » Venhão cá martellar-me aos ouvidos que as sociedades cultas , Lisboa , e os Botiquins do Rocío , cortiços de ociosos falladores , tem huma infinita vantagem sobre os povos Salvagens. O Otentote vivia naquelle lugar , que os Portuguezes , corredores de séca , e méca , chamarão o Cabo de Boa Esperança , em huma Cidade , em que agora ,

se estão rindo os Inglezes , chamada Tabelbay , tinha aprendido a escrever , e era capaz de ser pelas miudas contas que já fazia , Negociante Holandez. Andava bem vestido , comido , e bebido , e posto que os Holandezes não sejam muito liberaes do vinho de Constança , nem por isso o Otentote deixava de andar muitas vezes alegre , mas deixa tudo para tornar a cobrir-se de huma fedorenta pelle de carneiro , vagando por entre fragas , e dormindo em huma como sepultura de barro , que chamão Huta , onde a escritura , a arithmetica , e outros conhecimentos que havia adquirido erão nullos. Acaba , ó homem ; de ser orgulhoso , porque escreves , e calculas. A educação , e o uso te fazem parecer cousa sobrehumana a escritura , e o cálculo. Se tu escreves , a Aranha faz a sua têa , parece o Geometra da Natureza. Que objecto de profunda meditação seria para Democrito , e para Seneca este Otentote ! Elle brada de continuo ao

meu coração, e me diz que a grande sociedade não faz o homem mais ditoso; e como pôde ser ditoso, se elle encontra verdadeiras prizoões? Por ventura he ditoso o homem que não he livre? Tudo o que parece vantagem nas grandes sociedades não he mais que huma especie de cantilena adormecedora com que os homens a assinte se procurão fazer esquecer dos males reaes que sentem, e a que estão duramente sujeitos. Quem estuda o homem fóra do mesmo homem vai enganado. A grande questão da sociedade feliz no meio das grandes lvoações está bem resolvida com a determinação do Otentote; e outras cousas mais leio eu em Kolby, que me instruem, e alumião mais que as grande tiradas do homem sofista de Genebra; e do homem analizador do espirito, cu intenção das Leis. E será verdade, dizia eu, no meio das minhas meditações, que o homem de Londres, de Lisboa, e de Roma seja mais feliz

que os Salvagens da America? Alguns Marinheiros Inglezes da Fraga-ta , Resolução (este he o segundo caso) quizerão ficar em Otaiti, po-rém o Otaitianno não quiz ficar em París, e he belissima a passagem do Poeta De Ille em que pinta este Otai-tiano no Jardim das Plantas abraçado com a arvore que conheceo indigena do seu Paiz. Logo digo eu, o Otai-tiano vivia abafado, e mortificado no paraizo dos homens mais que civili-zados de París: o Inglez vivia con-tente, sem serveja, e bom pão alvo em huma cabana de Otaiti. A vida dos pobres da Europa não he muito differente da vida dos Salvagens da America. O Salvagem Americano, se pesca, ou vai á caça, trabalha pa- ra si. O miseravel da Europa se ma- ta por amor dos outros. O vinho, os licores, o café, não tornarão mais diliciosa minha existencia. O Salva- gem faz mil carantonhas, se con- volve, e torce quando chega á boca o vinho, o licor forte, e os no.sos

pestilenciaes adubos. Tudo pode o uso, e este imperioso, e caprichoso tyranno nos faz necessario o tabaco desgostoso, e ingratamente estimulante. O uso faz o camponez robusto, e insensivel á impressão de hum calor suffocante no meio de huma descoberta campina com assombro do delicado poltrão, ou envidraçado no Inverno, ou abanando-se com hum lecre á sombra de frondosas latadas nas tardes do Verão. Não está a ventura na grande sociedade dos homens, huma pequena Aldéa diverge menos do estado natural, huma Povoação como Lisboa existe em huma distancia quasi infinita deste estado proximo a natureza, que se chamou Seculo de ouro; mais homens, mais vicios; mais polimentos, menos ventura, e mais escravidão. O maior delicto que os homens comettérão na ordem social foi a revolução de França, e este infernal attentado nasceo, creou-se, e chegou á sua perfeita maturidade no meio da mais

culta, mais litterata, e mais especuladora Povoação da terra, qual era París. Eu antes quizera viver entre os gelos da Laponia, ou nos areas da Arabia que em París.

SOLILOQUIO XLVII.

HUm animo apouquentado como eu sinto o meu animo, desde a instalação do monstruoso governo, que nos tyranniza, vive bem pouco disposto para especulações transcendententes, e abstractas, e eu na necessidade de occupar-me para adormecer meus receios, e o susto de me ver inquieto de humas casas do Rocío, sem janella para a rua, não tenho outro remedio mais que enterter-me em objectos a menos que me não cansem, mas que me divirtão. Nenhuma cousa me interessou tanto no estado social, e na posse de nossas leis, e costumes de que os barbaros nos ar-

rancárão, com a instrucção da mocidade, e nenhuma cousa me magoou tanto como observar o pouco amor, que os mancebos ganhavão ás letras, quando sahião das escólas de humanidades, onde os moçoão, e zangavão por muitos annos. E assim devia acontecer, a razão he manifesta, e se tornava publica pela confissão, que os mesmos mancebos fazião no momento de se evadirem ás garras dos Rhetoricões. Para inspirar aos moços o amor das letras convém interessallos, nem se podem fazer interessar pelas letras, quando se lhes não batem as veredas do coração, e do genio. Para isto são precisas obras engenhosas, nas quaes a Natureza destramente imitada, reage sobre o sentimento, e he capaz de sublimar a alma. E são a caso deste calibre as obras, que nas Escólas se propõe á mocidade! Deixo-me deste exame que póde ser odioso a muitos Padres Conscriptos architectores de planos de estudos. O merecimento de huma

obra não consiste em o embrexado de palavras todas ellas escolhidas, e approvadas em peridos compassados, que nada dizem, nem explicão. E os livros que só tem isto, são os que de ordinario se propõe á mocidade por modélos. E que acontece depois de alguns annos passados neste infructuoso trabalho ! Os rapazes não achão gosto na leitura de taes obras. Longe de lhes sublimarem a alma, e de lhe pôr em movimento o coração, esfrião, e estancão de morte os miseraveis, e persuadidos que fóra daquillo, que lhe explicou o Sr. Mestre nada ha que seja bello, e interessante, reputão, e com razão, o estudo das lettras humanas como huma inepecia, ou solemne parvoice, e enjoados deixão tudo por mão, e se arrependem de haverem perdido tantos annos inutilmente.

Pobres rapazes ! Empurra-se-lhe toda a culpa deste aborrecimento tão justo, e os Professorassos salvão-se.

a si, refundindo tudo na pouca boa disposição da juventude, e julgão satisfazer a todas as queixas, quando dizem, que a unica exposição de alguns retalhos dos arrezoados de Cicero bastão para inspirar o genio, e o talento da Eloquencia. Cicero he hum grande Author, e creio, que em razão do meu officio, e do sério estudo, que para o exercitar tenho feito, não houve ainda quem mais o gostasse a pesar dos Grammaticões de quinhentos, que bebião Cicero, isto he, as palavras, os torneos, e as desinencias dos periodos de Cicero. Ora pois ainda que o limitar-se a hum unico Author, e aos Authores de huma só Nação, quando se trata de formar a mocidade seja hum absurdo, quero conceder-lhe, ou dar-lhe de barato, que as orações interpoladas, e retalhadas de Cicero bastem por si só, para formar a Juventude, e desenvolver-lhe o genio para a eloquencia. Com tudo, será sempre verdade, que nem Cicero,

nem outro melhor que Cicero, se acaso existi-se, bastará para se conseguir este fim, se os Professores de Rhetorica não tiverem barbas para lhe fazer conhecer o espirito.

Eu aturei hum, e escutei muitos, e en re tantos, nenhum achei, que soubesse ao menos explanar a economia de hum arrazoado de Cicero, a connexão, e a relação das idéas; a conducta, e os fundamentos da razão principal, e todas as suas ramificações; o scopo, ou alvo a que o Orador se atirava, os meios que empregava para chegar a elle, as cautélas escondidas da arte, os progressos do raciocinio; a proporção, que havia entre o discurso, e a materia, entre o genero empregado, e a qualidade dos Juizes, dos ouvintes, e do Réo. Nenhum achei, a pesar de soffrer hum sabichão oratoriano, que assentão estes homens piedosos, que fóra delles não ha sciencia, nem as mais ligeiras lambuzadas de litteratura, que me soubesse mostrar, onde Ci-

cero he fraco, onde o amor proprio, e sua natural bazofia, presumpção, e vaidade o cégava, onde a muita confiança, que de seus relevantes talentos fazia o enganava! Levei-lhe huma vez o livro do meu Patricio, e parente Jacintho Freire de Andrade, e mostrando-lhe a grande, e arrogantissima tirada de Cojesofar, lhe pedi, que applicase a lente anatomica a esta grande peça, e que mostrasse nella todos os apuros, ou velhacarias da arte, com que está organizada, respondeo, que tão alta Filosofia não era para rapazes de doze annos como era eu, que isso seria deitar perolas a porcos. Carreguei hum dia com hum bacamarte, da Asia de Manoel de Faria, encantado com a Oração Apologetica, que elle põe na boca de Lopo Vaz de Sam-Payo, pronunciada em Relação diante de D. João o III., que presidia, respondeo, que lhe aborrecião Castelhanadas, e que onde estavam as Orações de Cicero, tudo o mais era

immundo lixo. Bastará pois a exposição de Cicero, quando o Interpretante, põe toda a sua diligencia, todo o seu estudo em huma litteral construcção conforme as severas Leis da velha Syntaxe, mostrando a pureza, e a elegancia da frase, conforme o juizo dos enormes Vocabularios dos Ciceronianos de quinhentos, o tom harmonico dos periodos, a escolha do *esse vidiatur*, que fica tinindo nas orelhas, e a frequencia das figuras que os Rhetoricões lhe marcão, e de que Cicero se não lembrou no impeto, e no calor da composição? De que utilidade podem servir as orações de Cicero a hum pobre rapaz estudante, expostas por hum homem, que consumio a sua vida, e saude para sustentar huma questão de muitos annos sobre huma palavra, que hum Poeta velho por divertimento inventou! Em quanto os Mestres fizerem seu emprego, e suas delicias de simplicis palavras, em quanto só isto buscarem nos Authores Classi-

cos, Estranhos, e Nacionaes; em quanto inspirarem aos infelizes rapazes o gosto esteril deste palavreado puritanismo, jámais de suas clamorosas escólas sahirão os mesmos rapazes com hum sincero, e efficaz amor ás letras, antes lhe ficarão com hum odio de todo o seu coração, e livre daquella afflictiva galé, buscarão outro rumo para seu estabelecimento, outra profissão muito diversa que lhe mantenha a existencia, e com que possam servir a Patria; extinguindo-se desta maneira a cultura das boas artes, que tambem são da Patria hum glorioso ornamento. Haja **Mestres**, que ensinem mais cousas, que palavras, que inculquem com arte o amor das letras, e a sua necessidade aos Discipulos, então poderei eu ter a consolação de ver renascer em Portugal hum bom, e arrazoado numero de Escriitores Filosophos, e Oradores consummados.

SOLILOQUIO XLVIII.

HUm Ex-Jesuita Italiano, doutis-
simo homem, chamado Paulo Beni,
hum dos melhores Filologos, e Crí-
ticos daquelle Paiz dos Heroes anti-
gos, e modernos, que produzio Ce-
sar, Catão, e Cicero, e produz Ca-
poralini, Schira, e Fioravanti, hum
homem que passou a sua vida em
agradaveis bagatellas, compôz hum
livro, que eu peccador li n'outro tem-
po, chamado Comparação entre Ho-
mero, Vigilio, e Tasso, no qual
com pasmosa dexteridade esmiuça
todos os tres decantados Poemas, ou
Judiciosos Delirios, confronta-os em
a Fabula, nos Episodios, na Moral,
na Dicção, nos Affectos, na Condu-
cta, nos Characteres, na parte narra-
tiva, descriptiva, Drammatica, na
Invensão, no maravilhoso, ou ma-
chinas, finalmente bate todas as moi-
tas, e de todas ellas poucò mais ou

menos faz sahir coelho, dando, e com razão, em tudo a preferencia ao Tasso; e com effeito dos edificios Poeticos existentes he o mais bem acabado, o mais perfeito, o mais bem distribuido, o que mais se entranha na alma, salvo sempre Estacio, porque as comparações, e os parallellos, não são para este amigo; passeia só no Parnaso, ou para melhor dizer anda acima do Parnaso, os que mais se encarapitão na bipartida cima, não fazem mais que olhar para elle cá de baixo, e serem semelhantes aos rapazes, que querem apanhar a arco da velha, que quanto mais se chegam mais lhe foge. Todo o bom juizo conhece nos parallellos de Paulo Beni, que a preferencia está por parte do Tasso, e este livro deitou a perder todos os imperiosos, e soberbos Accordãos da Crusca, que pertendião pôr acima de Jerusalém as Cavalhadas de Rugerio, as loucuras de Rodomonte, a turlupinada da historia do Estalajadeiro, e os desva-

rios, e poucas vergonhas de Angelica, e Medóro. A Jerusalém he o mais acabado dos Poemas, e Tásso o melhor Architecto destas deleitaveis, e interessantes ninherias. Antes de eu ler Paulo Beni, já era desta opinião, porque em materias de boas artes, e artes imitativas, o competente Juiz he o sentimento. O douto Ex-Jesuita julgou estas composições pelas regras, eu ajuizo do merecimento pelo interesse que me causão. Ora ahi vai huma nova especie de comparação, á vista da qual, antes que eu intervenha com a minha lembrança, e não sentença, todos julgarão, que o pobre Tasso fica mettido em hum chinelo, e posto a hum canto, ou mandado para o andar da rua. Ahi vai a exposição do primeiro Livro da Eneida, depois o da Iliada, e finalmente virá o da Jerusalém.

Lançado Eneas por força de huma tormenta; ou obrigado a dar á costa da Barbaria, o primeiro ob-

jecto, depois dos veados que elle mata, e come, com quem dá de cara a cara he sua mãe, mas elle não a conhece; e he de presumir, que Venus o enjeitasse: andava ella vestida de Caçadora, e o pio Eneas parece que tinha cataratas nos olhos, porque sendo as Venus tão boas de conhecer, que não ha quem com ellas se engane, o bom Eneas parece que estava tolo, ou muito esquecido de quem o pario; pede-lhe pois, que lhe ensine o caminho, contando-lhe de antemão seu naufragio como se ella o não soubesse, e a velhaca calada sem se descobrir, até que se pôz a andar: pela desenvoltura do andar se conhecem as Venus, e elle conheceo que era a mãe; deixa-o pois cozido em huma nuvem, como o Escapim de Moliere, amortalhado dentro do ridiculo sacco. Como Eneas era piedoso, e melhor, como diz hum estouvado de França, para fundar huma Ordem Monastica, que para comandar hum Exercito, vai direito ao

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXIII.

Continuação do Soliloquio antecedente:

Templo, e ninguem dá fé delle. Demora-se na vista, e cóntemplação das pinturas que vê pelas paredes, onde estava representada a guerra de Troia, e até se descobrio a si mesmo fugindo com o pai escarranchado no cachaço, e o filho pela mão, e a mulher atrás com duas enormes trouxas de fato. Esta vista, e exame das pinturas obrigou a dizer a hum Comentarior, chamado Francisco Maria Zanoti, que Virgilio pinta o seu Heroe consummado em todas as artes, pois só hum homem, que entendesse de desenho poderia gastar huma ma-

nhã inteira na contemplação das pinturas. (Oh Commentadores, gado bravo!) Chega finalmente a presença da Rainha, mas ninguem o vê, só elle por hum buraco da nuvem, vê os seus companheiros, que julgava affogados, e ouve que lhe estavam fallando na pelle, sem saber que elle alli estava, e he cousa milagrosa, que ninguem attentasse com aquelle fantasmão da nuvem, a veção que apparecia no meio de huma sala atacada de gente, ouve dizer á Rainha, que estimaria bem, que elle apparecesse, porque o desejava conhecer (hem sabia ella que mancebo lhe vinha das portas para dentro!) então he que se rompe a nuvem, e de improviso se descobre com carinha de riso; ficão todos muito contentes, e ha huma grande galhofa. As mulheres, que todas são curiosas, não lhe sofre o coração a boa da Rainha hum instante mais, e quer que o pobre, e naufrago Eneas sem tomar follego, lhe es-carre alli todo o sarrabulho, que

houve em Troia, desde o dia em que entrou o Cavallo, até á noite do fogo. Então o Pai Eneas repimpado em altissima poltrona, estando todos de boca aberta, começou a compri-da arenga, que occupa todo o segundo, e terceiro Livro, até que depois do „ Speluncam Dido „ apparece o Diabo á Náo da India, como consta dos autos do quarto Livro, e magra Cantata do Garção. Ora aqui temos em hum livro só huma multiplicidade de successos espantosos, e que parecem annunciar grandes acontecimentos futuros, que com effeito apparecêrão sem terem nenhum parentesco com estes. Vamos ao primeiro Livro da Iliada. Chegão as Hostes Gregas aos muros de Troia, e sem dizer Homero o que fizerão, nem como se acampárão, introduz hum velho, sacristão de Apollo, que vem resgatar huma filha feita escrava de Agamenão, e para este resgate se não offerece quarenta milhões, como Bonaparte diz, que quer pelo

das nossas propriedades particulares, de que nós, e não elle estavamos de pacifica posse, offerece tantos, e mais quantos, e ao mesmo tempo chora pelas barbas abaixo, que cortava o coração; a primeira resposta que lhe dá o tal Sr. cunhado de Helena, he huma bofetada tremenda, que faz esmechar o sangue pelas ventas sacerdotaes, com gravissima offensa de Apollo, depois o descompõe de nomes os mais injuriosos como os Francezes nos fazem a nós, que estamos em nossa casa, chamando-nos insurgidos, rebeldes, perturbadores do socego público. Apollo vendo o velho de pernas ao ar, toma o caso em trambolho, manda tamanha peste ao Exercito Grego, que deo cabo de metade. Achilles consola Agamenão, e de mistura com os outros Gregos lhe pede, que consulte a Calcas agoureiro, e bruxo famoso, advinhador de futuros brilhantes, para que elle descubra o meio de abafar a zanga de Apollo. Vem Cal-

cas calcando o chão, e temendo que Agamenão lhe faça o mesmo que fizera ao outro seu Colega no ministerio, não quer abrir bico, sem que Achilles lhe prometta defende-lo, e proteja-lo. Achi'les lho promette, que sempre os guerreiros co'tarão largos em pro ecções como o Junot. Então declara Calcas, que toda a culpa era de Agamenão, e que não acabaria a peste, sem que elle entregasse a Crisis a boa da filha. Se Calcas se não esconde succede-lhe o mesmo, e Agamenão media-lhe o espinhaço com o bastão de Marechal General, que tinha na mão, e diz que não larga a mulher, sem lhe ser recompensada pelos Gregos. Arde Achilles, e com razão chega-se a e'le, e o descompõe de nomes tão injuriosos, que com perdão do Pai Homero, duas regateiras não os proferem mais affrontosos. Depois de muitas, e mui grossas injúrias entre ambos, Agamenão, diz a Achilles, que não largaria a Escrava, sem que elle Achil-

les lhe entregasse a sua. Isto foi deitar azeite no lume. Tanto que Achilles ouvio fallar em Briseida, a quem queria mais que aos olhos da cara, a resposta que lhe deo, foi metter mão aos arames, puchou da altaclara, e por hum triz, que a não embébe toda na pânça a Agamenão. Acode Minerva, que era apaixonada de Achilles, dá-lhe hum puchão para traz pelos cabellos, doido do repellão, volta a cara, conhece a Deosa, e atira com a espada ao meio do chão. Então Minerva com boas razões procura aquietallo, e lhe pede, que tenha hum bocado de prudencia consigo, e que o melhor era separar-se elle com os seus do resto do Exercito dos Gregos, que coma, e beba na sua barraca, e que se não metta mais com Agamenão, nem se embarace com a guerra de Troia. Agamenão ainda que zangado conhecendo, que Achilles era o seu Berthier, e que sem elle não se sahiria bem do negocio da guerra, determina entregar a filha

ao velho , e envia dois a Achilles teimando sempre , que lhe entregasse em troca (elha , por elha) a tal Briseida. Os dois medrosos , não se atrevem a dar o recado a Achilles , porque não era para graças , mas Achilles percebe até pelo medo com que vem os dois do recadinho , o que elles querião , e lembrando-se que erão mandados , desculpa de Alcides , quando vão fazer huma penhora , lhes diz , que não tremão ; porque elle bem sabe , que a culpa he de quem lá os manda , de cuja villania elle se lembrará sempre , e que lhe não passará jámais das goellas para baixo , e finalmente , manda que se lhe entregue a moça sem curar das suas lamurias , que não forão poucas ao despedir-se (nesta entrega ; ouvi eu sempre o primeiro ronco do somno de Homero , porque sendo elle o *inexorabilis acer* , e o primeiro espadachim , não pôz embargos á penhora.) Desata depois a chorar , e a chamar pela mãe (outra incoherencia no caracter

de Achilles) apparece-lhe Thetis , e o consola , persuadindo-o como Minerva , que se conserve amuado fóra do acampamento dos Gregos , em quanto ella se vai deitar a Jupiter , para que o desaggrave , promettendo-lhe que Agamenão se ha de arrependar da desfeita , que lhe fizera ; Achilles obedece ao mandado da mãe : e acabou-se o primeiro Livro da Iliada. Os acontecimentos , não podem ser mais complicados , e de taes disposições , e de tanta bulha muito se póde esperar. Ora eis-aqui o primeiro Livro da tão celebrada Jerusalém.

Gofredo recebe aviso de hum Anjo , chama a conselho os principaes Chefes do seu Exercito. Chega hum Ermitão , e offerece-se para elle ser o conductor daquella empreza , todos concordão nisto. Gofredo , Supremo General passa revista a todas as Tropas , e depois manda marchar : tem noticia disto o Rei de Jerusalém , Moiro pérrro , e endiabrado , e prepara-se para a defenza. Esta he sem

mais apparatus, toda a acção daquelle primeiro Livro, que não póde ser mais simples, mais núa, e mais desprovida de folhagens, e franjas. Comparada com as outras duas, quem não julgará o Tasso mettido a hum canto? Mas não he assim, e nisto consiste a superioridade da Jerusalém acima da Iliada, e da Eneida: acabo de ler o primeiro Livro da Iliada; fico estafado, e aborrecido da querella dos dois, e não tomo interesse algum pelo resto, e não houve ainda alma viva, que levasse o Poema de fio a pavio. Acabo de ler o primeiro Livro da Eneida, succede-me o mesmo, e deixo para outra vez o que o Padre Eneas ha de contar, mentir, e bazofar, e se alguém me quizer apertar, dizendo-me, que a narração he interessante, seja embora, e tudo o mais, que se segue até Eneas vir, ou tornar da jornada do Inferno, o que dahi se segue até que a alma de Turno vá berrando para as sombras, ou não tem parentesco com o que

está dito, ou he outro Poema á parte, ou he a verdadeira materia do Poema, pois trata da principal velhacaria de Eneas, que era uzurpar o Reino a Turno, tirar-lhe a mulher, e fazer-se senhor do que não era seu, com o mesmo desaforo com que tinha abandonado a miserrima Dido, que o recebera naufrago, e que o sustentára faminto. Duas grandes acções de Eneas, ingrato com Dido, usurpador com Turno, fazendo escarneo do pobre velho Evandro que não queria para genro o tal Eneas, moquenco abeatado, e hyppocrita, dá seus ares de Bonaparte. Virgilio, quiz lisonjear Augusto, e bem se vio, que se arrependeo a hora da morte, mandando queimar o tal Poema para que não houvesse mais fumo delle. Vamos agora a Jerusalém; o homem de gosto, o homem sensivel, que chega ao fim do primeiro Livro, cuja materia parece tão simples, se lê com attenção, he tal o tropel de sensações vivissimas, que se lhe desperta;

he tal o interesse que toma, que já-mais larga o livro da mão, até vêr os fios á têa; este interesse cresce na razão do adiamento do Poema: os acontecimentos estão tão encadeados, que não póde deixar hum só sem que se interrompa toda a cadeia, he preciso levar ao fim o Poema todo, quando me parece, que a imaginação pára satisfeita, então se accende mais, e não sócega até ao verso *Il gran sepolcro adora, scioglie il voto*. O meu coração dá a sentença da preferencia, e he irrevogavel a pesar dos embargos, que no tribunal das preocupações lhe queirão pôr os Críticos, os Commentadores, e todos aquelles a quem a mania do antigo tanto avassalla, tyranniza, e céga, que só julgão bom o que tem a prioridade do tempo, limitando de moto proprio, sciencia certa, e poder absoluto, a força, e a energia da Natureza aos homens, que viverão ha dois mil annos.

Ora se o Tasso he tão superior

aos mencionados antigos , quanto o será aos mais celebrados , e divinizados modernos séccos , e pécos ? Que motim não tem feito a triste , e magra Henriada ? Ou seja do genio da lingua , ou da infecundidade do espirito do Author para este genero de composição , creio , que não ha cousa mais miseravel. Cahe-me o coração aos pés , quando alguma vez embico com os dois primeiros versos do Poema.

Eu canto aquelle Heroe ; senhor da França
Pelo jus da conquista , e jus da herança.

Isto assim vai muito enfeitado , porque a Lingua Portugueza não sofre baixezas , quando diz , que canta , porque ao pé da letra diz o grande Voltaire » Eu canto esse heroe , que reinou sobre a França por direito de conquista , e por direito de nascimento : esta repetição de direito , que não daria o Causidico mais pedante , he cousa verdadeiramente pueril. Se me lembro da dignidade do Heróe , não a podia o Poeta abater mais do que

fazendo-o tão chorão, e embasbacado que apenas lombrigou a senhora Gabriela. ficou de queixo cahido, e para sempre nanorado. Se elle introduzisse a-gum Subalterno assucarado não peccava tanto; nunca o Tasso fez ver a menor fraqueza a Gofredo, ainda que os dois valentões Tancredo, e Rainaldo se namorem, o primeiro de Clorinda, e o segundo de Armida. O eterno Agente do Poema he a Discordia, per onagem moral que ninguem vê; mas até com isto deo sincas, porque faz a Discordia companheira de amor; para se introduzir no coração de Henrique, e quando quer introduzir a Discordia em París, (parece, que lá he a sua terra) dá-lhe por companheira a Politica. Nisto andou melhor o louco de Ariosto: querendo introduzir a Discordia nos arraiaes dos Mouros acampados ao pé de París, buscando-a de balde por toda a redondeza da terra; foi dar com ella em Assis em hum Capitulo de Frades, e conhe-

ceo que estava alli , porque vio voar os Breviarios pelas cabeças escalavradas dos pançudos Definidores. Isto he huma chocarrice ridicula do Ariosto , como muitas outras ; mas em fim , leva a Discordia , dando-lhe por companhia a soberba , e o ciu me , paixões altercadoras , e dignas da sociedade da Discordia , e perguntando-lhe o Anjo , onde estava o Silencio , respondeo , que nem o víra , nem o conhecia : eis-aqui bem expõe o character da Discordia , e as propriedades bem dignas da sua essencia. Os defeitos da Henriada , formigão por toda a parte , mas qual he o homem perfeito , ou quaes são as obra humanas , onde não appareção manqueiras ? He grande aquelle , que tem pequenas falhas.

E X A M E
D A S
SCIENCIAS HUMANAS.

Quia nemo in se tentat descendere, nemo!
Tecum habita, et scies, quam sit tibi cur-
ta supelex.

Persio.

SOLILOQUIO XLIX.

Larga materia me deo sempre para profundas meditações; aquella historia, que de si mesmo conta Marco Tulio no arrazoado, em que defende Publio Quincio. Diz elle, que se encarregára desta demanda convencido do argumento, que lhe fizera o Histrião Roscio. Não queria Cicero (porque não era dos Causidicos de agora, que a torto, e a direito defendem tudo com os seus insipidos

provarás) , incumbir-se da defesa do Quincio , não porque lhe faltasse justiça , mas porque tinha pela proa o Orador Hortencio , de cuja eloquencia muito se temia , porque a este tempo era Cicero ainda mancebo , e pouco experimentado na arte Oratoria : mas , em fim resolveo-se , por que Roscio lhe disse. Tu temes confrontar-te com Hortencio , tendo a razão da tua parte ? Olha que o que tens de sustentar contra elle he esta verdade. » Que hum homem só , e a pé , não podia andar em dois dias setecentas milhas , e desta verdade pende toda a causa ; » esta razão foi tão forte que determinou Cicero a entrar na lide como grande Campião. Esta he a historia , e della derivei eu pela minha meditação o seguinte Corolario. » Se eu tiver razão , se da minha parte estiver a verdade , devo eu acaso , ainda que me conheça hum formiga , temer os mais abalizados Campiões da sabedoria humana , quando lhes disser , que nada sabem ,

e que em todas essas Sciencias que tanto nos inculcão, é impurrão, mais he o que se ignora do que o que evidentemente se conhece! mas não basta dizer isto, he preciso mostrar isto; e pode-lo hei eu fazer? Veremos. Ao éco destas palavras, já me parece que de todas as Escólas, Academias, Printaneos, Liceos, e Institutos do Mundo se revirão contra mim olhos envinagrados, e caras assanhadas que me querem atassalhar, e comer vivo. Bom medo lhes tenho eu, quando armado da analyse mais circumspecta, posso mostrar a verdade, e a evidência da minha proposição.

Costumão dividir-se as Sciencias Humanas, e que tratão só de cousas humanas que he a seara em que determino metter unicamente a foice, em dois ranchos; o primeiro he das Sciencias Intellectuaes, o segundo das Sciencias Fysicas, ou Naturaes, neste segundo rancho costumão entrar as Sciencias Exaccras, com parte das quaes não me metterei tambem. (O primei-

ro rancho, tem por objecto as Sciencias, que dizem respeito ao entendimento humano. Em primeiro lugar a origem, o progresso, as regras da arte de pensar, ou de dirigir o entendimento nas suas operações para o conhecimento da verdade, depois as noções do ente em geral, e em particular, e a tudo isto se chama em bom Grego, ou em bom Portuguez „ Logica, e Methafysica. „ Depois da Logica, e da Methafysica, com o andar do tempo se desenvolveo, e reduzio a principios, outra Sciencia, que se chama Moral, que entra na classe das Intellectuaes, e eis-aqui como. O homem he composto de corpo, e de espirito, e he muitas vezes logrado por suas mesmas paixões, e para se ter firme contra as tempestades, que ellas levantão em seu coração, e para as evitar, e dissipar, se inventou a Moral, ou se reduzio a principios, regras, e axiomas, para se conseguir este fim, para se conhecer o que he absolutamente bom, e

absolutamente necessario, para dar á alma aquelle bemfazejo socego, em que cá de telhas abaixo consiste a ventura, e a felicidade da vida. Estas são as Sciencias puramente Intellectuaes, Logica, Methafysica, Ethica. Mas estas Sciencias estão ainda cobertas de tantas sombras, envoltas em tão profundas trevas, que fugindo, ou escondendo-se ás fracas indagações do Espirito do homem, existem ainda em hum estado de imperfeição, e entre tantas cousas, que ensinão, só huma, ou outra verdade se manifesta. Esta proposição não se encaminha a apressar o estabelecimento do Imperio da ignorancia, e a corrupção do gosto, que tão rápidos progressos faz entre nós; mas a abater o orgulho, e altanaria dos que se dizem sábios; e que com tanto desprezo tratão os outros homens, cural-os da soberba, he constituilos no verdadeiro caminho da sabedoria. Talvez que este orgulho se derive da nova estrada, que os sabios dérão em

bater para se encaminhar ao Templo da sabedoria, esta vereda he o triste cálculo, que usurpou as funções da arte de discorrer, e raciocinar, methodo defeituoso, que tem concorrido para emagresser nossas idéas, obscurecelas, e estreitar os vastos orizontes do genio livre.

Eu não sou aquelle homem tomado do espirito de cegueira, e de vertigem, inquieto, e caustico, Cínico, Sophista, quero dizer Jaques de Genebra, subio, como dizem os Francezes, á tribuna das arengas, (em toda a extensão do significado desta palavra entre nós os Portuguezes) e tocou á generala contra os sábios para os pintar com as côres mais atrozes, e terriveis. Similhante a Gorgias antigo Dialetico, e Sophista, servio-se das armas da eloquencia para sustentar o imperio da ignorancia, e do erro; e detractor do saber, fez Proselitos, e tem adoradores; mas os sonhos, ou os delirios deste desalmado, se desfazem em fu-

mo. não lhes dando quartel, e acolhimento. Os que cavárão o abysmo da Revolução, trouxérão em procissão, e triumpho os seus ossos da Ilha dos Chopos, e condecorárão com o titulo de Sábio, o jurado Inimigo de Descartes, de Pascal, de Bacon, de Newton, e em geral dos mais qualificados Filósofos; este procedimento annunciou á França a confusão universal, e a desordem de todos os conhecimentos em que ao presente existe. Eu não sou este homem, não digo que se deve desprezar de todo o estudo, e a Sciencia, só digo, que se sabe muito pouco, e que he preciso ter menos soberba, e mais conhecimento proprio. *Tecum habita, et scies quam sit tibi curta supellex.*

He pois a Logica, (eis-aqui a mais exacta, e verdadeira definição.)
 „ A arte de conduzir a razão no conhecimento das cousas. Antes de se reduzir a regras esta arte em que quasi tudo he fallivel, e obscuro, ha-

via outra , que ainda não acabou , chamada Dialectica , como me lembra ter lido no Engenheiro Severien , na Historia dos progressos do espirito humano nas Sciencias , e artes ; esta Dialectica , era huma especie de charlatanaria em que forão eminentes , Xenofanes , Prodicus , Gorgias , Protagoras , e Hippias , estes homens andavão pelas Feiras , pelos jogos , e espectaculos públicos , ganhando sua vida a disputar , e fallar de qualquer materia , que se lhe propunha , e isto de improviso , atrapalhando , e confundindo tudo , conforme as regras da tal Dialectica. Este officio ainda continúa , se não nas praças , ao menos nos gabinetes. Bayle , e Jaques são os dois corifeos dos publicos charlatães , e tem pegado a tinha a immemoraveis. He pois esta arte muito differente da Logica , mas tambem houve seculos em que as casarão , e confundirão a ambas , e se os seus effeitos , ou mais depressa o seu uso não he pernicioso , e funesto ao desco-

brimento da verdade, ao menos he manifestamente inutil. Assim mesmo nos seculos barbaros; e até depois de renascerem as lettras, e se cultivarem em Italia, e França, tanto imbaio aquelles espiritos turbulentos, que então existirão, que foi julgada a unica, desprezando-se todas as outras. O mundo scientifico, se dividio em dois bandos gritadores, que amotinárão tudo, sem que nenhum se entendesse; o primeiro chamava-se dos Reaes, o segundo dos Nominaes, Reis, Imperadores, Tribunaes, e até Almirantados defendião, ou condemnayão ora hum partido, ora outro, conforme progredia, e triumphava a cabala, e o interesse! O primeiro rancho sem sahir jámais das trincheiras da Logica, gritava, que as cousas, e não os nomes erão o objecto da Logica; o outro rancho, queria pelo contrario, que não houvesse sciencias das cousas, mas sim das palavras. Isto era o diluvio de Ovi-

dio, o vento Norte á pancada com o vento Sul, vinha abaixo a máquina do mundo, não se ouvia outra cousa pelas Escólas, Logica, e mais Logica, e os Mestres não ensinavão aos rapazes, mais do que o modo de pilhar os adversarios com questões capciosas, e este gostinho os preocupava tanto, que nada mais se estudava que a mofina Logica, e em Portugal, onde por causa desta mania perpetuada em todas as Escólas Jesuiticas, nunca se compôz hum livro scientifico elementar; durou a campanha dos Logicos até depois, que o grande terremoto deo com Lisboa de pernas ao ar (fazendo com tudo menores estragos que os Francezes.)

O célebre Abeilard, conhecido mais pela Epistola de Pope, que por outra cousa, era o Campião mais temido em Logica; este novo Paladino Floricel de Niquea, punha cartazes publicos de desafio, lançando por toda a parte silogismo, e offerecendo-se em campo fechado, ou

aberto para combater qualquer The-
se. Nem hum Cavalleiro errante,
nem a flor, e cremem de todos elles.
D. Quixote buscou com mais avida-
de, quebrar huma lança em honra, e
gloria de Dulcinea. Desafiou para hum
combate público seu mesmo Mestre,
amotinou-se a Cidade de París por
acudir ao espectáculo, por certo não
se ajuntaria mais na Sé de Logronho
a ouvir prégar José Bonaparte: ar-
mado de silogismos de pés á cabe-
ça, quasi todos em barbara, e bara-
lipton, ataco-o sobre a natureza dos
universaes, e ao segundo aparterei,
com hum sincategromatico, o derru-
bou em terra, obrigando-o a renun-
ciar o systema que seguia sobre sub-
stancia, que segundo Bayle era o
mesmo de Spinosa, porém eu du-
vido, que coubesse em miólos taes
como os esquentados daquelles bar-
baros seculos huma cousa tão profun-
da como o systema deste Judeo Por-
tuguez.

Alberto Magno escreveu hum

grosso, e enormissimo volume de Logica mais obscura, que a de Aristoteles, porém não tanto como a de Aranha, Ariaga, Melgaço, e Agostinho Lourenço, e corrião tantos Discipulos á suas lições, que não havia casarão nos geraes da Universidade de París, que os contivesse, foi preciso dar lições publicas em huma Praça, sobre hum tablado, e por isso se chamou a Praça do Mestre Alberto, e corrompendo-se o vocabulo, chama-se ainda hoje a Praça Maubert, que se não serve para Logica, tem servido para a Guilhotina. Nesta Logica, que eu já li, porque tive o valor, córagem, e intrepidez de correr os 22 volumes de Alberto Magno, acção de maior denodo, que 22 campanhas Napoleas, se achão questões, não só inteiramente inuteis, porém ridiculamente pueriz. Nesta Logica, se agita com muita seriedade a questão „ se hum porco que vai para o campo para se vender, vai seguro pelo

homem, que péga na corda, ou pela corda que lhe prende o pé? Se hum homem, que compra hum capote, que tenha capuz, se inclua o capuz na compra do capote? Assim durou a Logica seculos, não havendo nem paz, nem treguas entre os Reaes, e os Nominaes, fervendo tanto as alterações quanto mais crescia o peso, e authoridade das duas Escólas Tomistica, e Escotistica, perdendo-se nestas tourinhas talentos da primeira ordem, como hum Egidio Romano, hum Alexandre de Ales, hum Guilherme Ockan, e outros homens desta abotoadura, até ao ponto de apparecerem dois Generaes no campo, que entrarão em conflitos mais espantosos que os de Abokir, e Trafalgar, Pedro Ramus, e o meu Patricio Antonio de Gouvêa, que encovou o Francez Ramus, injúria que talvez os Francezes quizessem agora vingar com o sangue de Béja, onde nasceo o Campião aterrador do primeiro inimigo de Aristoteles. Entre

nós durou esta mania até ao anno de 1759. Entre os Francezes se dissipou alguma cousa hum. seculo antes em 1610. Gazendi examinou a Logica de Aristoteles, e publicou contra ella seus exercicios paradoxaes.

Em fim reformárão-se as Scienciaes intellectuaes, e os cabeçudos, e teimosos de Porto Real, entre muito boas cousas apparecêrão com a Logica, ou arte de pensar, livro maravilhosamente escrito, a que tnhão precedido o de Silvano Francisco Regis, o de Loche, o de Malebranche, e a que se seguirão outros muitos dentro de França, como o de Condilhac, e fóra de França, o do litteratissimo, e amenissimo Genuense, cujos escritos (com especialidade os que escreveo em vulgar Italiano) para hum bom pensador são de hum prego inextimável. Seja pois o que fór, a Logica, ainda a mais aperfeiçoada tem hum defeito essencial, que nunca chega a descobrir meios convincentes para se conhecer hum era

ro, ou para se affirmar huma verdade. Hum homem de engenho, e farto de sciencia, e conhecimentos, se ri dos melhores silogismos, quando quer sustentar o mais claro paradoxo, e acha em si mesmo aquillo a que os Logicos chamavão meios termos para pôr em rota batida hum Silogismador mais agudo que Soares Granatense. Temos huma prova desta verdade ainda em hum seculo barbaro, quando hum silogismo em barroco espantava o mais destemido adversario. O Cardeal du Perron na presença de Henrique III., fez hum admiravel Discurso contra os Atheos. O Rei lhe louvou muito o zelo, o sober, e a eloquencia com que tinha confundido os incredulos, sustentando a verdade da existencia com razões tão sólidas. O Cardeal lhe tornou, que se S. Magestade lhe quizesse dar audiencia no dia seguinte, elle lhe provaria o contrario com outras razões igualmente sólidas: e desempenhou a promessa com escandalo.

lo do Monarca : e era tanto a força do abuso dos proprios talentos , que o Emminentissimo fazia para confundir os miseraveis Silogismadores , que o Papa Paulo V. dizia aos Irmãos Cardeaes „ pessamos a Deos que inspire a Eminencia Perron , senão elle nos persuadirá o que quizer.

Descartes manifestou de todo quão fraca fazenda era a Logica , quando em huma numerosa companhia pediu , que lhe propozessem qualquer das verdades conhecidas ; propoz-se huma , e elle a refutou com huma duzia de argümentos ; pediu , que lhe propozessem huma mentira , e elle com outra duzia a fez crer huma verdade. Logo não he a Logica quem conduz ao conhecimento da verdade por mais que os mesmos modernos se esmérerem em regras , em axiomas , em principios , e no que elles quizerem , tudo he baldado. A força do talento com a seduccão de hum longo discurso destróe tudo , e faz engolir pirulas que tenhão o diametro

de huma bala de 48, e comer paradoxos taes como os de Bayle, e os de Jaques, ficando com a bocca aberta os pobres Logicos, como os mendigos Rhetoricos á vista do homem de talentos, que sabe bem a cousa de que vai tratar, e se ri das regras das partes da oração, e da ladainha das figuras. Eu substituiria á Logica mais graúda quatro unicos principios tirados da Mathematica. 1. Não comer por verdadeiro se não o que he evidente. 2. Dividir bem as cousas para as conhecer. 3. Não omittir cousa alguma na divisão que se fizer, qualquer cousa que se deixar no esmiuçamento, entorna o caldo. 4. Conduzir as idéas, e pensamentos com exacta ordem, começando dos objectos mais simples, para os mais complicados, e dos mais palpaveis para os mais abstractos.

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXIV.

SOLILOQUIO I.

MUITA razão achei sempre ao bom Socrates em se desviar do Labyrinto da Fysica em que via perder-se, embaraçar-se, confundir-se os teimosos, e cabeçudos Filósofos de Athenas, que parecêdo-lhes pequenos theatros para as suas gritarias as casas em que cada hum mora, hião buscar, ou os vastos porticos, e arcadas publicas, ou as hortas da visinhança da Cidade para berrarem á sua vontade, e daqui vem o nome de Estóá, de Academia, de Portico,

e de Peripato. Deixou-se de systemas de Fysica, que não geravão senão animosidades, entre huns, e outros Sectarios, e buscou aquella sciencia, que de mais perto toca ao homem, e que lhe he mais necessaria, mais util, e até mais intelligivel, porque lhe dá pela roupa. A sciencia dos costumes, ou os principios da Moral natural, que regula os costumes. Para este lado inclinou toda a força de seu vasto genio, e com taes maximas, tão ajustadas á razão, tão enlabuzadas de virtude, que a sua consideração obrigou muitas vezes a dizer ao grande Erasmo, que quando em os Dialogos de Platão lia os principios, e os argumentos, ou razões de Socrates tão ajustados á natureza, lhe vinha a tentação de o metter na ladainha dos Sanctos, e de bradar S. Socrates, roga por nós. Isto he hum desvario, ainda que sustentado por la Mothe, le Vaier, e o que mais he ainda indicado, e quasi defendido pelo Doutor Diogo de Pai-

va de Andrade no seu livro das explicações orthodoxas contra Kempencio: mas em materias Theologicas não tenho eu outro lugar senão para o respeito, e submissão. Não metto foice em seara alheia: digo só que Socrates fez muito bem em se affastar do estudo da Fysica, que naquelle tempo sem illustrar muito o espirito, pouco, ou nada aproveitava ao coração. Se muitos objectos de luxo são escusados, ha sciencias, que são de puro luxo. Socrates via, que os Athenienses divididos em facções, e bandos Filosoficos, huns da parte de Epicuro, outro de Pitagoras, outros de Anaxagoras se esvaião em disputas sem fim, sem concluirẽm cousa alguma, começou a tratar a sciencia dos costumes, desejando os homens antes bons, do que sábios, e com effeito vale mais hum homem de bem, que todos os Archisabichões do Universo. Os da Escóla de Zeno, e Cleyantes tambem se inclinárão para esta repartição, tratarão de ensinar aos

aos homens as veredas da virtude, mas dêrão em hum excesso ridiculo, fizerão da virtude huma tal cousa, que não he para homens de carne, e sangue. São bons os escritos dos Estoicos para se ler, inuteis para se seguir, e imitar. Ora esta inutilidade, diviso eu em todos os tratados Filosoficos de moral mais corriqueira que a dos Estoicos: não se segue daqui que eu intente proscrever os livros, e tratados scientificos de Moral, antes eu julgo esta sciencia não só a mais util, porém a mais necessaria aos homens: só digo que estudala em os Tradadistas methodicos, he perder o trabalho. Antes que eu me graduasse na Universidade do Mundo, e dê-se em ler pelo grande livro da observação publica, bem queimei as minhas pobres pestanas em ler as empoladissimas tiradas de moral dos mais campanudos Authores. Todo o armazem de Nicole, toda a melancolica enfiada das maximas do Sr. Duque de la Rochefoucault, o mi-

anthropo Pascal, o desenhador do que
 não existe, la Bruiere, todo o Du-
 clos, quantos pintamonas ha de re-
 tratistas de caractéres, e ficava como
 dantes, e peor, como cão malhadico
 nas minhas manqueiras; via que todas
 aquellas apparatusas declamações erão
 o mesmo que prégar aos hereges. Os
 homens nem se estudão, nem se co-
 nhecem, nem se melhorão, se não
 pelo estudo pratico dos outros ho-
 mens, dei na fina para estudar a Mo-
 ral, e para me abster de vicios, que
 era contempla-los não em os debuxos
 dos livros, mas escritos, escarrados
 nos meus semelhantes, ou tão máos,
 ou peiores que eu. Ora não seria máo
 adoptar-se este methodo de estudar
 a moral não pelos livros, mas pelos
 homens: O Mundo he hum grande
 livro, e bom seria que os Professo-
 res por elle ensinassem os seus Dis-
 cipulos, e lhes fizessem vêr os costu-
 mes, as operações, as diversas figu-
 ras, e combates de tantas pessoas
 que vem representar neste grande

Theatro. Mas he pouco fazellas observar, he preciso avezar-se a julgar rectamente, do que he louvavel, ou reprehensivel nas acções alheias para aprenderem a regular sabiamente as suas. Não digo que se vão espreitar, e descobrir os occultos passos de cada hum, nem as escondidas manqueiras do nosso proximo. Não digo que se acostumem os homens a maliciar sobre todas as acções dos homens, e a acreditar antes o mal do que o bem, mas digo que se representem bem, e fielmente os retratos publicos da gen'e, ou desvairada, ou ridicula, e igualmente as acções das pessoas judiciosas, e virtuosas. Ora huma contemplação destas não ensina mais que hum inteiro Dialogo de Platão, toda a ironia de Socrates, e toda a malhoadada das Epistolas a Lucilio do immortal, e eloquentissimo Seneca? Este homem, digo eu, perdeu a fazenda, e dar-se-lhe-ha de perder a reputação? Ora quem estudar bem este original terá alma de

querer representar a mesma figura? Hum livro pôde dizer-lhe ainda mais, mas nada tem tanto poder como o que entra pelos olhos, além pôde fallar a Rhetorica, mas aqui falla a experiencia. Quando eu encontro algum daquelles, que hontem andavão gandaiando trapos pelas ruas, e hoje rodão em soberbas carruagens, que posso eu dizer? Dinheiro, Senhores, não cahe dos telhados em cima da gente. Aqui houve alguma cousa, e com humia ligeira observação conheço, que este homem, por caminhos obliquos, por abuso do poder; por detestaveis usuras sobio tão prestes, e posso eu deixar de horrorizar-me á vista deste espectáculo? E não abominarei eu de coração os meios que conduzem a este fim? Se eu quero aproveitar em moral, poderei eu querer imitar este monstro? Os vicios, e as paixões estudão-se nos homens, e não nos livros. Nada chega a pintura, que Antonio Vieira faz de hum colerico no Sermão, sobre o

perdão das injúrias, que vem no Tomo II. o maganão parece Seneca nos livros da ira. Pois isto ensina-me a fugir a ira, e a cólera, máis que a vista horrorosa, e medonha de hum homem colerico? Pois a vista de hum Beberrão? Quando fito os olhos nestes espeelhos passo de deixar de detestar estas espécies de loucura? Pois pa a eu conhecer as mulheres preciso de estudar, ou cantar-me na leitura da secante composição do eloquente, e ultimo Francez Mr. Thomás? Basta ter olhos, e querer gastallos por essas janellas, ruas, e praças para descobrir seus vícios, sua presumpção, e vaidade. Que retratos me offerecem algumas, para as quaes o governo da casa, he huma galé pesadissima? Será preciso ler grandes declamações contra o pendor que todas sentem para a ociosidade, quando eu vejo ranchos, que não perdem divertimento, e que jurarão como os Inglezes aos Francezes guerra eterna, e inimizade ás rocas, aos fuzos, ás linhas, e ás agulhas!

Hum dos fructos da melhor Filosofia consiste em conhecer o que he apparencia, e o que substancia, o que he casca, e o que he m'ôo; em saber distinguir o que he vaidade, e o que he realidade tanto nos commodos, e vantagens da vida humana, como nos titulos, nos postos, no favor, e patrocínio dos grandes: Tudo he comedia no Mundo; ou o Mundo he huma comedia, que eu vejo sem incommodo. Sento-me na platea que eu quero, sem me apertarem as ilhargas, sem me fazerem estourar as costellas, sem me impingirem bilhetes contra minha vontade, sem ter que tornar para casa moido, aborrecido, e estafado depois da meia noite, e isto para observar miseraveis copias dos originaes, que eu vejo, e de que eu gozo de dia, e a todas as horas que me resolvo a contemplar o Mundo moral. Tudo he Comedia. Olho para huns poucos de herdeiros, á roda de hum defunto, apenas os Clerigos berrão, o coche

do Lagoia chega, ou o Armador for-
 ra tudo de baeta pingada, oiço levantar
 hum pranto capaz de despedaçar
 pedras. Que comedia! Debaixo deste
 pranto apparente, anda mascarado
 hum riso, que arrebenta por se ma-
 nifestar, e romper. Olho para dois
 que se encontrão, nem ao chegar da
 Náo Hibernia ha maior estrondo de
 salvas, que a tempestade de cumpri-
 mentos, que de huma, e outra parte se
 escuta; conheço-os a ambos, e quem
 não conhecerei eu em Lisboa? E são
 dois irreconciliaveis inimigos. Qual
 he o Livro de moral, que me pinte
 huma imagem de perversa dissimu-
 lação como o original que eu tenho
 ante os olhos? Que comedia! E
 quantas comedias vejo eu naquelle
 que quer passar por homem rico, e
 e eu o vejo pegado pelas paredes,
 rebatendo aqui huma Letra, endo-
 çando acolá outra, até dar com os
 bodes na area! Que comedia, eu ve-
 jo naquelle pigmeo, que quer passar
 por homem grande, bem visto dos

grandes. Naquelle outro que quer passar por bravo, de grandes bigodes, retorcido sabre, e elle he mais poltrão, e mais cobarde, que o Trezites de Homero, ou hum Francez nas mãos de Palafox. Todos são Comediantes, e ha alguns, que até querem continuar a comedia depois da morte, escolhendo para roupas, ou mortalhas sepulcraes os mais devotos, e penitentes habitos, fazendo, ou representando depois de frios cadaveres aquella personagem de quem foram tão escarnecedores, tão contrarios, e inimigos na vida. Não fartos de representarem comedias em cima da terra, ainda teimão alguns em as representar debaixo della: e daqui nasceo huma especie de antigo proloquio, que diz „Mentes mais que hum Epitafio” e com effeito até nas pedras desejão os homens perpetuar, e eternizar a comica memoria da sua vaidade. Aqui jaz este, e aquelle, e nada jaz, se se levantasse a tampa em que estão esculpidas armas, e

pomposas inscripções, que se encontra-
 traria? Nada. Este methodo pois de
 estudar a sciencia dos costumes pela
 contemplação dos originaes vivos,
 são, e escoreiros não só he mais fa-
 cil que o dos livros, e tratadistas,
 mas he muito mais divertido. Póde
 acaso haver livro no Mundo, que
 pin.e, e descubra melhor os France-
 zes, que a observação, do que tem
 sido entre nós os Francezês! Qual he
 o Moralista que debuxe melhor hum
 ladrão, hum mentiroso, hum cobar-
 de, hum impostor, hum impuden-
 te, do que me patentêr, e manifesta
 qualquer destes Franchinotes, que tão
 despejadamente, e de côlo tão levan-
 tado passêão entre nós? Os livros
 servem para outras cousas, e para
 ensinar Moral, o Mundo. Se eu qui-
 zer, ou gastar, ou perder o meu tem-
 po, posso aprender pelos livros o que
 sejam, e como se formem as côres,
 quaes sejam as causas dos ventos, das
 doenças, e da esterilidade da terra,
 os fenomenos dos Ceos, a grandeza

das Estrellas , medidas de cá com toda a infallibilidade de dois vidrões ; posso saber por que treme a terra , por que berre o trovão , e fuzille o relampago ; posso estudar , e conhecer pelos livros , todos os factos historicos , ou verdadeiros , ou mentirosos que tem aturdido o Mundo. Isto , e muito mais me podem ensinar os livros ; mas ensinar , que boas rezes sejam os homens , isto só elles mesmos podem fazer. Todo o ensaio de Pope , todo o Espectador , não valem tanto como huma hora de exacta observação. Eu quereria , que estes Educadores da mocidade , que estes Pedagogos de Lordes pequenos , que sahem com elles a galopar a Europa inteira para lhes mostrar em Franca as escólas dos salteadores , e em Italia os seminarios dos capados , lhes mostrassem antes os homens pelo lado moral , e lhos fizessem contemplar com os olhos de huma luminosa Filosofia , quanto aproveitarião estas vivas lições ! Quanto se dilata:

ria no Mundo a grande sciencia dos costumes : unica sciencia , que nos póde fazer viver tranquillos, e felizes ; ensinando-nos a supportar , ou evitar os homens.

SOLILOQUIO LI.

O Fim unico a que parece se devião encaminhar todos aquelles , que se dão ao trabalho , e quasi sempre infructuoso mister das especulações scientificas, he a indagação da verdade. Este titulo tão consolador deo Malebranche ao seu livro , e ou por falta de bestunto meu , ou por sobeja obscuridade do mesmo livro , parece que o mesmo Malebranche quiz esconder a verdade dentro de hum labyrintho para se não dar com ella. Descobre-se , que o principal empenho de todos os Litteratos he espalhar dúvidas , embrulhar tudo , e apagar a mais debil luz , ou lanterna que appareça para se descobrir a ver-

dade. De tal maneira tratão o prò , e o contra , que o nosso entendimento fica sempre suspenso , confuso , e embaraçado sem se determinar , deixando se hir em huma continua fluctuação. Peccado he este muito antigo , e parece original nos Litteratos. Os antigos declamadores , e entre elles o verbosissimo Carneades , que até se lhe metteo em cabeça vir embrulhar , e confundir os mesmos Padres conscriptos , que formavão o Senado da antiga Roma , se gabava de poder defender o verdadeiro , e o falso de qualquer objecto proposto. Esta herança ficou para os Escriptores da Seita Encyclopedista de nossos dias , que com a maior promptidão , e verbosidade disputão ou a favor , ou contra qualquer argumento , que se lhes proponha , e desta maneira vemos , que até Filósofos tallúdos usurpão o mister villissimo de alguns Causidicos , que são Patronos das duas partes litigantes , sem saber huma da outra , senão quando ambas no fim da de-

manda se achão sem real na algibeira. Isto nos Filósofos não he a indagação da verdade, he apenas huma vã ostentação de engenho, que envolve em si o manifesto perigo, não só de esconder mais, porém de destruir, e anniquillar a mesma verdade. Confesso, e conheço, que se encontrão nas Sciencias humanas infinitas proposições muito duvidosas, e de tal sorte, que o entendimento não sabe a que parte se incline, e neste caso he mais que justo esmiuçar bem as razões, que militão por huma, e outra parte. Mas pôr tudo em dúvida por officio, profissão, divertimento, interesse, e para se adquirir a fama de engenho agudo, e penetrante, he cousa não só ridicula, mas vilissima, que longe de encaminhar o homem Filosofo á sua meta, que he o descobrimento da verdade, delia o desvia, e separa infinitamente. Nós não trabalhamos por adquirir gloria, mas por achar, e descobrir a verdade. Entre os modernos declamadores, e

sofistas , quem he o que de coração busca a verdade ? Parece que só se encaminhão a espalhar a mentira , ou ao menos a estabelecer a dúvida universal. Grandes erão as idéas de Bacon de Verulamis sobre este objecto ! Por mais que eu busque tratar cousas que immediatamente nasção na minha , e da minha cabeça , muitas vezes não posso ter mão nas reminiscencias , que o fio dos meus pensamentos involuntariamente me trazem. Dizia elle em hum dos livros da Dignidade , e augmento das Sciencias : Apparecem defensores por huma , e outra parte , que até deixão aos vindouros a liberdade de duvidar de tudo , de tal maneira , que parece que os homens agução o engenho , para que mais se propague , e se transmita a dúvida do que para se dissolver , e terminar. Isto se descobre mais nos sequazes , e partidistas desta , ou daquella Escóla , que tem a manha de querer , que seja perpetua a dúvida huma vez excogitada , e

admittida, quando os homens parece que só devião fazer uso de hum engenho indagador, e de aturado estudo para deixar por certo o que pareceo duvidoso, e não para eternizar a dúvida, ou reduzir a duvidoso, o que he demonstrado. Por este prurito não sómente de inventar mil novas questões, mas de pôr em dúvida todas as cousas, os Filósofos da Ecóla tem perdido o crédito em nossos dias, e toda aquella grande estima, que havião adquirido nos seculos barbaros. Eu não sei se os quiz reproduzir o infatigavel Bayle, com aquelles quatro enormes vocabularios com que affogou a Republica das Letras, e melhorados como se fossem poucos, e pequenos, com outros quatro de igual tamanho por seu Camarada Chanfipié. Eu sempre chamarei a Bayle mais Logico que Filósofo. Com armas da Dialectica na mão, he hum novo Carneades; derrama dúvidas por toda a parte, e embulha de tal maneira até os factos

mais indubitaveis da Historia, que sahe a gente suada de afflicção só com a leitura de huma pagina. Seu gosto era andar á caça de nevoas, dominado pela invencivel vaidade de achar que dizer contra tudo. Para a verdade não se caminha senão por estrada Coimbra. He preciso ter mais cuidado, e mais ancia da verdade, que gloria; e persuadirem-se os chamados Litteratos, que a gloria não se adquire se não pelas veredas da verdade. Primeiro deve o Filosofo cuidar na verdade, e depois se a modestia ó não prohibe cuidará o Filosofo em conseguir outros caprichosos fins. E se não se póde pescar, ou apanhar de todo a verdade, ao menos cuide-se em conseguir tudo aquillo que mais para a verdade se chega, e se aproxima. Depois disto eu sempre me persuadi, que tantas controversias filosoficas, e de outras disciplinas puramente humanas, que tanta matizada tem feito, e fazem no Mundo, não são mais que puras ques-

tões de nome, e continuão a axistir, porque continúa a desgraça de se não estabelecer bem o estado da questão, cu objecto de disputa, sem o quere-rem arrancar das unhas de termos equivocos. Não nos admiremos, quando observamos questões, que nunca chegão ao fim, tratão-se estas questões sem intenção sincera de achar, e determinar a verdade, só com o presupposto de sustentar a propria opinião, huma vez que se segue algum partido, quaes se virão nos seculos de barbaridade os Nominaes, e os Reaes; e ainda agora em seculos de luzes de Crítica, e de Filosofia, os Neutronianos, e Cartesianos; e assim tambem entre os systematicos de qual-quer faculdade como a Medicina. Aqui entra o interesse, o uso, e quasi sempre huma pertinaz ignorancia, que agora mesmo reina nas Escólas, e nos livros. He admiravel o que escreveu Samuel Wrenfelt, cujo titulo he este » De Logomachis Eru-ditorum, Das guerras de palavra

dos Eruditos, onde esta materia se trata de hum modo tão exquisito como util.

Seguem esta bandeira do embrulhamento universal as disputas publicas. Muito me dêrão sempre que meditar, e quasi sempre que rir humas cousas chamadas Conclusões. Toirinhas ás vezes, que nenhum homem melancolico deve perder, porque se o espectaculo das cousas humanas, e mortaes toca o entendimento, e exprime lagrimas dos olhos, o espectaculo de algumas conclusões provocaria a riso o mesmo Timão Atheniense, e o mesmissimo Joung em a noite em que lhe morreo a enxada. Esta defesa das Conclusões he cousa introduzida ha poucos seculos, e de quando em quando nos trazem alguma ou tediosa, ou ridicula Comedia. A primeira conclusão destas Conclusões he sempre esta. Que o Defendente ha de ter razão; e se por acaso se encontra algum indiscreto, que bem provido de voz mostre re-

nitencia em approvalla, a coroa dos espectadores naquelle corro litterario á força de pateada, ou vozaria, o obriga a reconhecer a justiça. Os Entremezes pois que se representão nos intervallos, os artificios, que se praticão entre aquelles ora fingida, ou verdadeiramente enraivados, e derramados combatentes muito dão para notar, e para discorrer, e para mim estas justas, e torneios litterarios forão sempre hum manancial fecundissimo de reflexões sobre a demencia humana. Com estas Conclusões se decidê da capacidade, e do talento de hum sugeito: regra fallivel por certo, porque póde haver homem de profundo engenho, e vasta erudição, a quem o apparatus, o aspecto horrivel dos combatentes, a voz de Esrentor com que sahe daquellas praguejas bocas a maior do primeiro silogismo perturbe muito seriamente. He preciso ter hum grande exercicio para senão desconcertar. Aparecia n'outro tempo hum Escotista; dian-

te de hum Thomista , hum Ariminense diante de hum Molinista , e viceversa : não digo que a batalha de Marengo fosse mais renhida como o apregôa o Quixote Corso , mas por certo não o foi tanto a de Farsalia. Cesar , e Pompeio não erão dois Campiões mais teríveis. Debalde o corpo de reserva dos outros arguentes já com a espada do papel impresso , e folha dobrada na mão queria entrar em campo ; acabava-se o dia , e elles deixando que o Sol se pozesse sobre a sua ira , tocava-se a campainha , e não cesseva o fogo.

Taes disputas apenas p'lem servir de alguma cousa aos mancebos em quanto se exercitão em fallar ao publico , mas de nada aproveitão para achar , e descobrir a verdade , cada qual dos combatentes afferrado a sua anticipada opinião , sahe dalli com a mesma dúvida , e com mais firme presupposto de seguir , e defender o seu partido. Eu observei algumas vezes que sem se tocar a

questão apenas começavão a gritar, o Defendente hia para o Sul, e o Arguente para o Norte, e como em caminhos oppostos de Charneca quanto mais se avançavão, mais, e mais se desviavão. O homem imparcial, que busca só a verdade nas sciencias, e que só se matriculou na Escóla da verdade, humas vezes se ri, outras se indigna, quando obrigado de algum respeito humano, se acha no meio destes Escolasticos espectaculos. Lembra-me ter visto delles huma pintura galante em o mais discreto, e engenhoso Poema Heroico-Comico que tenho lido. Era Mss. na lingua Italiana, e intitulava-se „ O Capitulo dos Frades: hum imprestimo mo sumio para sempre, acontecimento muito ordinario, porque se julga, que estes furtos não tem restituição. O Episodio das Conclusões excedia em graça, invenção, e originalidade a tudo quanto ha de melhor no Lutrin, e Dunciada.

Hum dos mais sérios empregos

do bom engenho, deve ser, descobrir, e reconhecer todos os extremos, defeitos, erros, abusos, e vícios, que se oppõe ao descobrimento da verdade, unico intuito do homem Filosofo. Muito arredado da perfeição litteraria andarás aquelle que não possuir hum claro conhecimento de tudo isto em qualquer materia que se determine profundar. He preciso saber isto em geral, mas conhecello nos casos particulares, e distinguir em qualquer argumento, tudo o que he fóra de proposito, e tudo quanto se oppozer ao fim que he o conhecimento da verdade. Se eu vir defeituosos os outros Filosofos, e desprovidos deste conhecimento, se eu os observar arredados do conhecimento da verdade, affogando esta em questões frivolas só com o espirito de partido, e por obedecer ás Leis imperiosas da Escóla, que se abração, eu devo dizer, se compo-nho, ou escrevo, e cahirei eu na mesma rede, darei com o pé na mesma

peia? Cahirei acaso naquella mesma imperfeição, que reprovo, e que reprehendo nos outros? Mas onde vou eu dar comigo com todo este aparato de razões, sobre a ancia com que em qualquer materia, que se escreva, ou trate, se deve buscar a verdade! Que esta verdade deve prevalecer em Filosofia ao espirito de partido? Antes que me adiante mais, devo dizer préviamente, que o compôr muitos, ou poucos livros, em pouco, ou muito tempo, com brevidade, ou prolixidade de discurso, se não deve reputar como hum argumento seguro do merito, ou demerito dos livros. Hum homem bem velho, chamado Calimaco, disse „ Hum grande livro, he hum grande mal; e hum moderno ajuntou, „ e hum grande Prefacio, he hum mal ainda maior. Os fructos que não chegarão a maturidade, nem agradão ao paladar, nem podem ter duração; são mais abortos, que partos naturaes os livros dos muitos appressados. Nos

corpos desmedidos , acha-se pouco sal, e muito succo vicioso. O merecimento de hum livro não consiste no seu grande, ou pequeno volume, no muito ou pouco tempo, que a sua composição levou ao seu Author. Nestas balanças não se pesa o merecimento. Este só se deve medir pe'o amor da verdade, que o seu Author manifesta. Se elle a escurece, se a encapota, se a embrulha, sejam quaes forem os outros predicados do livro, eu direi sempre, que não presta para nada. O bom Escriitor he aquelle que não busca a gloria de escrever muito, mas de escrever bem, que escreve sem furia, e que em suas composições busca a verdade. Eis-aqui o que dá valor aos livros da mais importante materia, que he a Filosofia. Por mais diligencia, que ponha o Escriitor Filosofo, se não busca a verdade nenhum bem trás á Republica das Lettras, e aos homens com suas composições. Em quanto hum livro cheirar a Neutó-

nianismo , outro a Cartezianismo , outro a Wolfianismo , não apparecerá a verdade. Inda se espera no Mundo huma Seita , que busque só a verdade , esta se deixará ficar no fundo do poço de Democrito , em quanto de lá ouvir altercar os differentes partidos , e dizer a cada hum delles » A verdade está da minha parte.

SOLILOQUIO LII.

NOtei sempre , e com muito particular attenção a repugnancia , que os mancebos tem em ler livros preceptivos , e instructivos , cheios até aos olhos de preceitos de rigida moral ; persuadem-se que encontrarão o que ha de mais repugnante , e fastidioso para elles , que he hum velho austero , e caustico , que os suffoca com reprehensões , que ainda que esteja cansado das pernas , não o está de lingua para lhes prégar , e ma-

rinar de continuô, querendo-os fazer
 á força de pregações velhos antes
 de tempo. Não succede isto, quan-
 do lhes cahem nas mãos livros de
 Historia, ou Vidas de homens illus-
 tres, porque na variedade continua
 dos accidentes, acha hum pasto sabo-
 rosissimo sua sabia curiosidade. No
 meio deste deleite do espirito exis-
 tem, sem o advertir em huma ver-
 dadeira escôla, e podem aprender
 pela prática, tudo quanto hum livro,
 ou hum Mestre de Theorica lhes po-
 deria ensinar sem proveito com a en-
 fiada de maximas de moral. Ora se
 os Professores de Ethica, em lugar
 de lhes explicarem os principios, os
 Theoremas, e os Corolarios de hum
 tratado systematico de Heinecio, de
 Eduardo Job, de Wolastou, de Pu-
 fendorfio, de Wolfio lhes fizessem
 notar o formoso, e o feio dos retra-
 tos tão vivamente esculpidos na His-
 toria, e que ella costuma subminis-
 trar, quando he judiciosamente com-
 posta, tirarião por certo hum grande

provêito, por elles aprenderião a co-
 nhecer, e a distinguir tudo aquillo
 que ha de louvavel, ou reprehensivel
 em cada hum dos Paizes, nos costu-
 mes, no governo, nas artes, e na po-
 licia. Isto que eu desejava ver nos
 Professores publicos de Ethica, ain-
 da mais o quizêra encontrar naquel-
 les, a quem se confia a educação do-
 mestica da mocidade. Estes, mais
 pela observação prática, do que pe-
 las theorias dos livros deverião ins-
 truir, e ensinar seus Discipulos; mas
 seria preciso que este cuidado de
 educar bem a mocidade, e de lhe
 impingir bem os principios da moral,
 não fosse confiado a pedantes, ma-
 njetados com os livros, que delles
 afora, são perfeitamente estupidos;
 mas a bonsanatomicos dos caracte-
 res, prerogativas, defeitos, e ridi-
 culos dos homens. Que lhe podessem
 dizer » Rapaz toma sentido, e repa-
 ra bem na affectação ridicula, que
 mostra aquelle nas palavras, nos
 gestos, nas acções, no andar, e no

vestir. Olha para aquelle agora, e abre bem os olhos para veres hum retrato vivo da vaidade, e de amor proprio naquelle, que he pena não ser Francez pelo muito que mente, e bazofeia da nobreza de seus Avogados, das suas proprias aventuras, e proezas de seus feitos de armas, e valentias. — E como nem todos os homens são máos, e para fazer o bem não basta fazer-lhe notar unicamente o que he desordem, devião estes Mestres mostrar-lhes imagens vivas de virtude, e dizer-lhe: olha Rapaz, que delicadeza se acha naquelle homem, que modestia conserva na sua grande fortuna, que respeito mostra aos inferiores! Com quanta prudencia mede suas palavras, seus louvores, suas censuras! Olha com quanta sabedoria se sabe calar sem se obstinar em suas opiniões, sem querer ser o tyranno das conversações, sem se erigir de motu proprio em Mestre de cadeira! Sem querer perder hum amigo, só para não perder

hum motejo, huma agudeza. Estes retratos offerecidos aos olhos da juventude, que se educa a proveitão muito mais, que as genericas lições. São exemplos vivos, e muito dezasissado será aquelle que attentando bem nestes objectos sem o trabalho da applicação litteraria, que estafa, consume, e enjôa, não aproveita muito pelos caminhos da Moral.

E como se ateima a se querer fazer aprender pelos livros, o que com muito mais facilidade, e proveito se podia estudar com os olhos passeando; bom seria, que em lugar dos theoremas de Ethica, se mandassem estudar de memoria certos Proverbios sentenciosos, ainda que usados do Povo, e até surrados entre o vulgo; cada hum destes Proverbios contém huma grave sentença demonstrada, e ensinada pela experiencia. Não ha lingua, nem Paiz, que não tenha estes Proverbios, e entre todas as Nações, nenhuma he mais farta delles que Portugal, tão judiciosos, que

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXV.

Continuação do Soliloquio antecedente.

parecem dictados pela mais apurada Filosofia. Os Medicos, a quem a malignidade chama sem razão assassinos circumspectos, tem os aforismos de Hippocrates, e os de Boerhaave Commentados por Haler com tanta sabedoria, e com tanta razão applaudidos do mundo, e tão celebrados, servem aliàs de hum grande subsidio á sua incerta arte: assim os Proverbios, não digo todos, digo só os mcraes, podem admiravelmente aproveitar ao homem, para dar ás cousas seu justo valor, e regular suas acções. Huma judiciosa Collecção destes Proverbios,

e sufficientemente commentada, metida na cabeça aos rapazes, obrigados a repeti-la como lição, formaria huma quinta essencia, e hum facil Compendio, que se receberia, e conservaria com mais gosto, que tudo aquillo, que com tanto enfase, rodeios, e apparatus nos pertendem ensinar os Livros Sapiencias dos Filozofos. Este resumo seria huma mina riquissima de documentos, para quem quizesse viver como verdadeiro Filozofos, e aproveitaria muito mais, que toda a Leitura dos caracteres de Theophrasto, com todos os outros que de sua cabeça lhe ajuntou La Bruiere; livro tão applaudido, tão divinizado, que sem mais empenho, ou protecção abriu ao seu Author as portas da Academia Franzeza, daquella Academia que foi obra de Richelieu, e objecto da munificencia de Luiz XIV. mas livro, que segundo o meu fraco entender tem huma grande desgraça. Quando as sentenças estão enfiadas, ou amon-

toadas humas sobre outras sem ordem, e o que he mais, sem Comento não podem tornar, nem gostosa, nem proveitosa sua leitura; o que tão injustamente se disse de Seneca, se deve com razão dizer de La Bruiere, que he arêa sem cal. Com sua brevidade entrão de pressa na cabeça, e com a mesma brevidade desapparecem, e desertão da cabeça: e assim não póde a memoria surtir-se destes destacados, ou descosidos axiomas moraes, porque escapando hum quando entra outro, nenhum chega a imprimir-se profundamente nos miólos. Nunca por similhante livro se poderão aprender os importantissimos principios da Filosofia dos costumes. Não com pequeno afinco me deitei eu á leitura dos caracteres no tempo do meu litterario delirio, que tanto tempo me fez perder, e apenas conservo hum, cu outro dos retratos tão gabados de La Bruiere, feitos, segundo creio, de fantasia, porque a maior parte dos originaes são impossiveis em a natu-

reza, como por exemplo o do destraido que me ficou ! Pode acaso a distracção chegar a tanto em hum homem, que se esquece de tarde, ter-se recebido com huma mulher nesse mesmo dia pela manhã, e que entrando em casa, onde já tinha chegado a mulher, que vinha da Igreja naquelle mesmo instante, lhe pergunte quem he, e o que quer naquella sua casa? Isto he feito de proposito. E qual he o homem, que aprenda por este retrato a não ser destraido?

Sem a observação de originaes ambulantes, e mostrados por bons Mesires não se aprende a sciencia dos costumes. E porque o Mundo quer quasi sempre rir, e seria hum Misantropo. quem não admittisse publicos, e particulares divertimentos, sempre me persuadi, que as Comedias poderiam instruir não pouco nos principios da moral, e nas obrigações civis, a que está sujeito todo o Cidadão ingenuo. Não fallo das Come-

dias dos nossos theatros , rapsodias
 mal concertadas , retalhos mal ajar-
 cados , çujos de immundos equivocos ,
 de amores obscenos , de malicia en-
 sinada com arte , de vicios triunfan-
 tes , que se representam com tão li-
 vre , e licito passaporte. (Estas Escó-
 las estão agora desertas , porque os
 Francezes á força de roubar , vão fa-
 zendo dos ociosos , peralvilhos , e
 caixeiros de Lisboa perfeitos Anaco-
 retas) , fallo daquellas Comedias , a
 quem os Latinos , chamão moratas
 que fazem rir sem obscenidades , e
 torpezas ; que mettem com habilidade
 a rediculo os defeitos mais usuaes dos
 homens , que não ensinão maxim s
 viciosas , nem subtilezas para que o
 homem fique impune na perversida-
 de ; que representam , assim he , os vi-
 cios , mas tambem o castigo , que os
 segue não com tardos passos. Se ap-
 parecessem Comedias de entredos ju-
 diciosos , e verosimeis , bem enci-
 deados , e semeados com destreza de
 documentos uteis , que recomendas-

sem as virtudes , e desacreditassem os vícios , eu faria continuos votos para que os veneraveis Histriões tivessem enchentes reaes , porque estou persuadido , que a mocidade , longe de sahir do espectáculo com huma larga dóse de corrupção , sahiria com o coração cheio de horror ao vicio , e de amor á virtude. De Tragedias eu dispensaria os Theatros , quem tem vontade de chorar , chore seus peccados das portas para dentro , chore a Tragedia universal da Europa , e do Mundo desgraçado ás mãos do Jacobinismo , e theatro da rapacidade , e mentiras Francezas. Tenho lido quantas Tragedias há , e nenhuma he absolutamente perfeita , porque de todos os assumptos Tragicos , não ha mais do que hum susceptivel da ultima perfectibilidade das regras. Não quero agora bulhas com os Professores de Poetica , algum dia apparecerá. Digo agora , que para ensinar a moral sem livros , aproveitão mais as verdadeiras Comedias , porque estas ,

além do ridiculo, que mais facilmente se insinua no coração do homem, tem a fortuna de estarem mais ao alcance da intelligencia do todo, porque são entendidas não só dos altos, ou levantados entendimentos, mas do povo mais inlitterato, e rude o que não succede á Tragedia.

SOLILÓQUIO LIII.

Parece que a continua Leitura dos Livros, em que tenho consumido grande parte da minha apouquerada vida, ou turbulenta existencia, deveria ter produzido em mim dois muito naturaes effeitos: o primeiro. hum decidido amor, e hum violenta paixão pelos livros, e o segundo hum firme persuasão da sua muita idoneidade para formar o homem sabio, isto he, o homem capaz de viver bem na sociedade dos outros homens, que he o fim, e o fructo de todo o

estudo , e erudição. Pois não he assim ; antes pelo contrario , tem produzido em mim effeitos oppostos. Hum odio refinado aos livros , e hum claro conhecimento da sua inutilidade para este grande fim. Dásse hum manco ao estudo , enche a cabeça de maximas , de nomes , de *datas* , de factos , de opiniões , de hypotheses , quando se espraia pelo dilatado campo da Historia , humanidades , e Filosofia. Depois de eu ter a cabeça abarrotada de tudo isto , disse das humanas sciencias , aquillo mesmo que Bruto moribundo , disse errada , e indignamente da virtude. „ Oh sciencia , sciencia , eu cuidei , que eras alguma cousa , e agora te descubro hum nome vão , ainda que sonoro , e lisongeiro ! „

Entre todas as virtudes , não ha outra que seja mais necessaria ao homem , que vive em sociedade , e por isto o mesmo em estreita relação com os outros homens , que a prudencia : esta virtude não póde ser , nem ins-

pirada, nem ensinada pelos livros. Esta virtude moral deve em parte seu principio, e sua origem á natureza, mas aperfeiçoa-se, e torna-se em habito, não pelo estudo das theorias moraes, mas sim pela observação. O grande livro do Mundo he aquelle, que com seus varios acontecimentos, põe diante dos olhos do observador, tanto a sábia, e prudente conducta dos homens assisados, como os erros, e as desordens commettidas por outros, e para quem tem alguma cnça de miôlo na cabeça, esta he a verdadeira escola, onde os Professores de Eritica devião ensinar, e formar os mancebos na virtude da prudencia. De tal sorte he formada a maior parte dos homens, que não aprendem bem, nem se lhe imprime bem na cabeça, para se guardarem do que he pernicioso, se não quando elles mesmos por experiencia o provão, e sentem. Não se conhece o bem, se não quando se experimenta o mal. De ordinario, não se estima

a saude, se não quando se perde. Ora isto não se ensina pelos livros : he preciso que o Educador, lhe faça observar nos outros, e no Mundo o que lhe quer ensinar. Elle dará huma viva lição de prudencia ao Discipulo, se lhe fizer notar em cabeça alheia quanto custe o fallar de certos factos sem consideração, e respeito algum; principalmente prorompendo em censuras, em termos pungentes, picautes, e irrisorios diante de pessoas não confidentes, pessoas chocalheiras por natureza, que ainda sem malicia são almocreves do que escutam, acarretando quanto ouvem de hum lugar a outro, introduzindo de sua casa, e mettendo de sua cabeça grossas franjas, quando estendem o seu guardanapo, e ostentão grande fertilidade de imaginação. Com esta facil observação elle conhecerá, quanta circumspecção seja precisa nos grandes circulos, e conversações para discorrer, e fallar das acções alheias. Fará yêr igualmente a outro a quem acabe de

dar alguma tintura de sciencias, a ridicula inchação daquelle, que entonado com quatro definições do compendio, e anno e meio de curriculum academico, empanturrado, e com ár dictatorio, e magistral vai com voz alta, e desprezadora, buscando o glorioso titulo de pedante, fazendo ao mesmo tempo conhecer a quem o não sabia; que elle está cheio, e occupado de si mesmo, e que com tanto estudo, ainda não aprendeo dois dedos de civilidade. Ainda que o homem por sabio que seja tenha razão no meio das disputas, pede a mesma razão, que exponha com socego, e modestia o seu parecer, e sentimento, impugnando com garbo, e cortesia a opinião contraria, mostrando sua falsidade, sem atacar pessoalmente o que a sustenta. Esta delicada maneira de combater, attrahe a benevolencia, senão do adversario teimoso, ao menos dos ouvintes imparciaes. Em muita, e grande opinião se tem a si mesmo, quem se ab

tera, e se enfurece, porque os outros persistem em opiniões diversas das suas. A estes espiritos de contradição não aproveitão prègações, apenas se contém alguma cousa, quando conhecem que muitas vezes sustentárão huma proposição ridicula, e falsa, e que loucamente inflamados comprárão com gritos, serem o fastio, e o odio de muitos, e que todos fogem, como de hum apestado, sua conversação, pezada, e desgostosa para todos. O bom Moralista com este quadro adiante dos olhos ensinará ao seu Discipulo, que quando entrar em campanha disputatoria faça guerra de homem civilizado, isto he, com huma dóse daquella prudencia, que nas conversações he necessaria a todos, e na verdade he cousa vergonhosa, que padeça falta, e inopia de prudencia, quem se figurar, e blazona de saber mais que os outros. Com estes exemplos se faz conhecera grande vantagem da esdóla dos desenganos, que de ordina-

rio se não alcanção dos livros, e sómente se aprendem a propria custa. Só desta máneira se formará o homem digno do raro elogio de prudente, e sahirá desta escóla muito mais sábio, e instruido do que sahiria em materias de Etica do mesmissimo Portico de Athenas, e da confusão, e continua opposição, e contrariedade de opiniões, em cujo laberyntho perdido o entendimento, não atina com a verdade que unicamente se encontra pela segura estrada da experiencia, e pela assidua leitura do livro do Mundo.

SOLILOQUIO LIV.

Nenhuma cousa incha mais os homens que a sciencia, e nenhuma cousa os devia humilhar tanto como essa mesma sciencia filosofica, que em conclusões evidentes he igual a zero. Sempre forão para mim objectos de profundas meditações certos franchinotes empanturrados, que tornão a

casa dos pais, e parentes com hum só anno do Mondego na barriga, e humma alluvião de fumaças na cabeça. Raros exemplos são estes da ingenuidade vaidade humana! Não lhe preciso espera-los de tão longe, estes não são de facil accesso, passão rápidos, nem se dignão de apavonados lançar ao menos de travez os olhos sobre as pequenas, e quasi esmagadas formiguinhas, que não escutam os sustos da urna dos destinos a imperiosa voz do Bedel, que chama para a sabatina. Basta que eu contemple hum miseravel, que escutou por hum anno as explicações rebatidas nos precedentes do Compendio Logica. Ei-lo vai cheio, e abarrotado de seu insigne saber. Para se julgar hum grande, e respeitavel personagem, não lhe he preciso ter chegado a discernir, e conhecer as redes mais subtis dos sofismas para saber plantar hum bataria de argumentos, e aterrar, e pôr em completa derrota hum adversario; nada disto he preciso, basta

haver tocado os preliminares da tal Logica que eu julgo bem pouco fructuosa arte, para se aprezar tanto a si mesmo que considere o resto dos homens como animaes estupidos. Esta inchação, ou hidropica vaidade cresce, e chega a trépar, e sobir tanto, que se lhe não vê o cume, se hum automato estudante passa de Escolar de Medicina á magestosa honra da laurea doutoral, conseguindo a summa ventura de apalpar varios pulsos em companhia de seu Mestre. Não toca a terra com os pés, e tanto se lhe antolha haver-se levantado, que olha lá muito de cima com insultante desprezo para o resto dos homens a quem elle chama o vulgo dos ignorantes, e em horas de bondade, e humanidade se compadece dellés, porque em fim não chegam a conhecer a horrivel virtude dos calambulanos, a tanacidade do bazalicao, e o mercurial poder dos pós de Joannes. Se olha, ou se digna abaixar os olhos para homens

destinatos por estudo , e que tem consumido a vida na contemplação da Natureza , e que á luz do facho da Filosofia aprendêrão a dar ás cousas o seu justo valor , se enternecem , e magôão de vêr que ignorão , quantas tripas , ventriculos , e forçuras tenha a pansa dos quadrupedes , quantas roscas formem o orificio anus. Compadecem-se destes mesmos doutos , porque não entendem como elles , o grande misterio de tantos nomes estranhos , com que o saber Grego , e Arabigo enriqueceo , tornou veneravel , ou fez ridicula a Medicina. Ainda aqui não para seu coração bazo-fia , e desvanecido. Este insecto soberbissimo , julgando-se mais , que os que tem as mãos callosas na praxe Medicinal , sentado á cabeceira de hum padecente , que está (ás vezes por culpa sua) a ponto de passar a eternidade , trinchará sentenças , e cuspirá dicisões sobre a qualidade da dysenteria , que atenúa o enfermo , e lhe cahirão da boca infalliveis pro-

nosticos sobre as qualidades corrosivo irritantes da materia morbifico-dysinterial. E o que ha de mais admiravel he que se não abata a proa a hum destes loquacissimos assassinos, ainda que veja crescer a olho, e engrossar-se todos os dias o Catalogo dos mortos. Mas eu não estranho que em mancebos inconsiderados, se encontre esta presumçosa vaidade pelos seus ainda que tão tenues conhecimentos. A inexperiencia, e a idade, imaginando-se cabeças calculantes, lhes serve de escusa, e de desculpa. Mas que manquegem ainda, e se sintão deste influxo pessoas envelhecidas nos estudos, e que se dão a si mesmas o grande ár, e o tom de hum grande saber Theologico, Filosofico, Legal, ou porque engatinhão alguma cousa na eloquencia, ou em fim, porque sabem engrazar quatro versos, isto sim, que me dá grande motivo, para me maravilhar, e espantar! Não he só na Mãe dos Gracos, que Juvenal observaria o

grande supercilium, se vivesse em os nossos apoquentados dias, elle o encontraria em tantos, e tantos que fallão sempre magistralmente em *Filosofia*, *Jurisprudencia*, *Medicina*, etc. Avezados a tratar com os doces, e embasbacados discipulos, por muitos annos conservão, e guardão o mesmo ar turgido, e empollado para todos os dias da sua vida. Oh se estes taes podessem com paz, e indifferença examinar o Paiz do verdadeiro, e do falso, combinando com as suas as opiniões alheias, mais do que elles cuidão, se acharião como os outros fluctuantes entre as trevas da ignorancia. Eu ainda accrescento mais alguma cousa, e digo, que as *Sciencias* para quem tem os miolos em seu lugar, e apanha bem a verdadeira perspectiva do saber humano, longe de inspirarem vaidade, e soberba são aprissimas para imprimir, e conservar a verdadeira humildade no coração do homem. Não será jámais bom *Medico*, senão aquelle, que chega a

conhecer quanta seja a incerteza da sua arte, e quam pouco tenha de concludente áquella interminavel salgada de remedios, e Medicinas, que se acha formada em batalhões pelos seus livros, e como a mesma arte, cujo fim devia ser curar as enfermidades, chegue apenas a curar, ou conhecer bem poucas, vendo-se, e experimentando-se a cada passo, que as curas mais se devem á industria, e força da natureza, que aos seus repentinos recipes; pois não medea hum instante entre a palpar hum pulso, e escrever caractéres mágicos para o Boticario entender, ou não entender. E pelo que toca á Filosofia! Oh quanto ha de obscuro, incerto, e até incomprehensivel! Aguce embora os olhos quanto poder o humano entendimento, não poderão já mais penetrar as densas travas de que estão bloqueados infinitos objectos da repartição da Fysica! Pois se elle intenta espraiair-se pelo Paiz da Methafysica, e levantar-se á con-

templação do Immortal, e Soberano Ente principio, penetrar seus altos conselhos, e expôr como se por lá passeasse tudo quanto elle fabricou em infinita distancia de nossa vista, aqui sim he que elle conhece, que fra-ca fazenda seja a comprehensão humana! Na verdade se o homem de estudos, quando aqui chega, e aqui sente fraquearem lhe as azas, não se sabe humilhar, e conhecer se, tenha paciencia, porque o seu nome deve ir augmentar o Catalogo dos Orates, onde quer que mais bem parados estejam. Não duvido, que pareça muito vasto em alguns o patrimonio do saber, mas quanto mais atrahidos do cheiro da litteratura se avançarem na applicação, tanto mais conhecerá que excede muito, e muito o que não sabe, ao que já tem estudado, e conhecido. Vê que huma boa parte do que sabe consiste em bagatellas, e que a caça que tem feito differe pouco da caça das aranhas. que acaba, quando muito em apanhar algumas moscas. Conhece

tambem, que huma não pequena parte da sua sabença se restringe, e fecha entre os confins da opinião, ou apenas do verosimil, e provavel, e nunca do certo, demonstrado, e evidente. Muitas vezes se vê o homem obrigado, e necessitado a desamparar parte daquillo, que dantes tinha com tanto trabalho estudado, e aprendido, porque pezando, e esmiuçando as cousas melhor, as acha se não manifestamente falsas, ao menôs, por todas as razões duvidosas. Que direi do saber dos Jurisperitos, tão cerado, e confuso, por mil quotidianas controversias, e pareceres contrarios, e oppositos? Todos estes motivos são muitos poderosos para convencer de ridicula a soberba do homem, quando esta nasce das Escólas, e dos livros. Em summa, huma parte da sabedoria consiste, e não nos persuadimos, que sabemos aquillo, que de facto não sabemos. Sabedoria he esta a que poucos, ou nunca, ou muito tarde chegão. O que deve, e pó-

de unicamente aproximar-nos aos confins desta sabedoria ; está encerrado naquelle estudo , que ensina a conhecer o homem interior, e as suas acções moraes. Não existe em nós aquelle grande capital de saber , que nos figuramos , nem aquelle agudo , e penetrante engenho , que nosso amor proprio qnzeneiro conhecido, nos diz que existe no meio da nossa cabeça. Desenganemo-nos, quem não temos a aquelle fino juizo ; aquelle rara prudencia ; penetração ; e habilidade, que nos figuramos, illudidos , e entornados. Repassemos pela memoria tantos erros que temos commettidos ; tantos despropositos que temos dito em materia de sciencias. O homem litterato reflectindo seriamente na vaidade, e incerteza das Sciencias Humanas, na fluctuação, e guerra continua das opiniões , no pouco que ha demonstrado , e evidente até nas mesmas Sciencias Naturaes , na fragilidade , e miseria de tantas hypotheses que embrulhão mais do que aclarão

as verdades, que querem expôr, não póde deixar de envergonhar-se, se acaso tem depositado em seu coração huma excessiva estima de si mesmo, e hum ultrajante desprezo dos outros homens, porque não tem na cabeça as mesmas quimeras de que elle se tem tão infructuosamente nutrido, e sustentado. E como poderá continuar na muito louca adoração de si mesmo, quando de dia em dia fôr observando o pouco que foi dado ao entendimento humano avançar-se pelas veredas da Sciencia da Natureza?

SOLILOQUIO LV.

SE com effeito se jun'assem todos os escritos, que os Filósofos antigos, e modernos tem composto sobre a felicidade, poderião elles só formar huma Bibliotheca, entulhando-lhe estantes mais compridas que hum dia de dominio Francez. A divisão de

opiniões sobre a felicidade do homem tem parido volumes tão gordos, e anafados como enfadonhos, e secantes. Todos elles tem dois objectos em que se empregão; o primeiro de terminar em que consiste esta felicidade tão desejada; o segundo, quaes se ão os meios mais eficazes, e opportunos para chegar a ella. Muitos destes temperos se tem dito, desde que Epicuro começou jejuando a pão, e agua, a especular sobre esta materia. Aristipia asneou solemnemente, e os que mais doudejarão forão sem dúvida os Estoicos. Soberba, e ridicula gente! Promettião a seus sequazes a posse da vida beata, mas aonde ella se não póde encontrar. Ensinavão a desprezar os males, e até ensinavão a rir-se delles, quando chegassem para hum Estoico a invasão de huma cafila de ladrões, ou Generaes Francezes era hum motivo de gargalhada; isto diria o mesmo Seneca, se agora vivesse, e os visse tão despejada, como insolentemente passear.

pelas ruas de Lisboa; mas bem de-
 pressa conhecem, estes automatos
 que se querem inculcar insensíveis,
 a differença que ha entre soffrer hu-
 ma tempestade no meio do Oceano
 em hum navio com agua aberra, e
 o metter a bulha áquelle perigo, e
 desafallo, descrevendo-o repimpado
 em hum sofá, e sobre huma meza
 de Ebano em que escrevia Seneca.
 Em nossas eras tem apparecido gros-
 sos volumes sobre a felicidade. Tra-
 tados methodicos, que juntos todos
 formão os livros, que se chamão
 Templo da Ventura. Até Poemas,
 como o de Helvecio, que se tem máos
 versos como os Francezes, ainda
 tem peiores idéas. O proprio Bou-
 langer, que escreveo com profundo
 espirito sobre algumas materias Fi-
 losoficas, sobre tudo em Cosmologia
 asneou solemnemente no livro em
 que ao tratado, em que pretende pro-
 var, que Ezopo fora Salomão, ajun-
 ta hum Tratado sobre a felicidade,
 demonstrando-a com o methodo Ma-

thematico ; engrazando , e enfiando proposições , Lemas , Theoremas , e Corollarios para se sahir no fim com huma parvoice , e em tom tão grave , que não he mais sério Espinosa no labyrintho Methafysico. Tudo vem a dar na maxima de Horacio , quando diz , que escorregará outra vez para a Escóla de Aristipo , e seus mandamentos ; e convida o amigo para vir observar nelle hum porco de vara , tirado dos lodaçais de Epicuro , de pele liza , bem curada , e nedia. Ora entretantos escritos , eu acho , que Juvenal não só disse mais que todos , mas atinou com a felicidade cá de telhas abaixo em meio verso :

Mens sana , in corpore sano
 Quem pode introduzir huma alma tranquilla , e inperturbavel dentro de hum corpo , são como hum pero , rijo , e escorreito , poderá affoitamente dizer ,, eis-aqui o homem feliz , e n'isto consiste a verdadeira felicidade. Seja qual for o estado em que o ho-

mem se ache, ou se considere, figure como quizer no Mundo, occupe os primeiros lugares, nade em riquezas; e dilicias, cinja diademas; vista purpuras, commande a exercitos, seja o filho mais nomeado do carnicero de Ajacio. José Bona, se não tiver a alma sã, mettida n'hum corpo, a quem se possa dizer: *estimo que passe muito bem*; e livre de molestias, este homem não será feliz. Andem por onde andarem, gritem, argumentem, estafem-se em disputar, e escrever sobre a vida beata, em se não encontrando estas duas cousas; que o honrado Juvenal, o mais virtuoso; e sublime dos Moralistas Filósofos aponta, he escusado dizer que se atina com a felicidade, e que se determina seu verdadeiro constitutivo. He pois a felicidade, conservar o corpo sem dores, e o animo sem inquietações, e molestias. Juvenal, o adorado Juvenal, diz ás vezes cousas em duas palavras, que os Filósofos, mais apessoados, e de

maior nomeada não saberião, nem já mais souberão dizer em volumes inteiros.

Summum credē nefas animam preferre pudori,
Et propter vitam, vivendi perdere causas. 61

Esta admiravel Sentença vale, e diz mais que quanto escrevêrão os paradoxaes Estoicos, quando em pomposas tiradas nos insinúão a amar a virtude mais que a vida, e afrontar a morte, antes que desertar dos Estandartes do Honesto: E tornando com a minha prelenga sobre a felicidade, digo, que se não póde constituir n'outra cousa. Alma sã, e corpo são. Se consiste no deleite puro, e espiritual, e no sabor sublime como só quiz o calvo Epicuro; não terá a alma deleite que valha dois caracoés, se alguma paixão a tiranniza, e, se se doe de alguma matadura. Se a felicidade consiste na tranquillidade imperturbavel da alma como quer o Mestre do ingrato Nero: esta serenidade da alma não se conserva, se for envolta em algum

vapor que se escape até ao cume deste sereno olimpo , onde não devem chegar as nuvens tempestuosas. Alma sã , e corpo são. Esta he a ultima sentença sobre a felicidade ; porque quem poderá rasoavelmente viver contente de si , e chamar-se feliz , se o corpo lhe faz guerra , e a alma se acha batida de tempestades ? Só a calma , quanto for possivel , de ambas as partes constitutivas do homem , póde fazer que o homem se diga feliz , e contente , em quanto a morte o deixa andar por cima deste globo.

Que nisto consista a chamada ventura , não duvido , antes digo , que o citado Juvenal fora o que mais atinou em a determinar. Mas poderá acaso conseguir se , e realizar-se esta saude da alma , e do corpo ? Não. Desenganem-se os Filósofos , mais Padres concriptos que existirem , que esperar felicidade na vida , he pedir peras a hum pinheiro. Ha muito que o desatinado Adão pôz embargos á

ventura de seus tristes Netos. Concebem se lisongeiras esperanças he verdade, mas he correr atrás de sombras, e em lugar de Juno, abraçar como Ixião huma nuvem. Tudo fica em gostosas especulações, que se desvanecem, quando procuramos reduzi-las á prática. Ora comecemos pelo corpo. Ainda que a saude do corpo seja hum dos alicerces da felicidade, he a primeira cousa, que se não póde chamar objecto de Filosofia Moral, e o primeiro argumento, que mostra, que se existe felicidade, esta provem do acaso; e que não he conseguida jámais por hum espontaneo movimento do homem. Não está na mão da Filosofia com todos os batalhões de preceitos, que ella costuma empoladamente assoalhar, que nascamos sãos, e tesos como hum alho, e que o continuemos a ser por toda a carreira da nossa vida. Se perdemos a saude, de balde recorremos á Bussola da Filosofia para a encontrar. Buscala depois de estragada,

nos apparatusos Arcenaes da Medicina, ou he buscar agulha em palheiro, ou he querer ter ainda menos; e eu sou assim formado pela Natureza, que supportando sem emoção a vista dos objectos mais desagradaveis, e repugnantes, cahio em deliquio, se por desgraça vejo huma mixorofada da Bôtica, e até o quieto espectáculo de huma Botica sem que trabalhem os almofarizes, cujas pancadas formão hum som mais lugubre, que a campainha da Misericordia em manhã de padecente, me revolta, e me inquieta. Se a saude do corpo como constitutivo da felicidade, não he da repartição da Filosofia Moral; eu creio, que menos o será ainda da Medicina, cujos soccorros são perfeitamente inuteis se a Natureza se não metter a Medico. Ella por si não só conserva, mas até procura reparar as ruinas do edificio humano, até que a Lei da morte mais forte, e imperiosa, que todos os recursos da Natureza, ponha o indispensavel

fim á nossa existencia. Ora para se
 conservar esta saude , he preciso hum
 ingrediente essencialissimo para a fe-
 licidade humana , que vem a ser o
 sustento para o corpo , e o vestido
 para o mesmo corpo. A mais terri-
 vel de todas as doencas he a fome , e
 huma das precisões mais urgentes , e
 mais indispensaveis na ordem social ,
 he o vestido , tal , e qual , porque o
 caduco do corpo humano , ou não
 precisa , ou não merece ricas tapeça-
 rias para armação. Tambem não he
 do officio da Filosofia prover o ho-
 mem de munições de boca , e cobrir-
 lhe os couros , se elle andar esfarrapa-
 do. Todos os dogmas da mais auste-
 ra Moral , todas as cartas de Seneca
 não poderão jámais dispensar o esto-
 mago de Lucilio do pão quotidiano.
 Mais val hum jantar , que hum Dia-
 logo de Platão ; sentir-me-hei abatido
 pela tarde , se em lugar da olha , mo
 pozerem na mesa ao meio dia. O
 manual de Epituro , nem mata a fo-
 me , nem estanca a sede em o Filo-

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXVI.

Continuação do Soliloquio antecedente.

sofo , e póde muito bem o Filosofo morrer de fome , e de canção. He verdade que a Filosofia Moral nos póde soccorrer muito , ensinando-nos a Temperança , porém por mais que nos esmeremos nesta virtude , e por muito util que ella seja para conservar , e recuperar a saude , sempre veremos , que não he da repartição da Moral procurar-nos aquella felicidade , que he relativa á nossa parte terrena , ou corporea , isto he , a saude , e para a saude o sustento , e não está na mão do homem conservar huma cousa , e adquirir a outra;

Qual he pois a felicidade, que propriamente se póde esperar da Filosofia, visto que o austero Juvenal determina com tanto acerto, e tanto sizo a sua essencia? Huma só: isto he, a saude da alma, ou a tranquillidade da alma, que vem a ser o mesmo. Esta saude consiste em primeiro lugar, em saber avaliar bem, e rectamente tudo aquillo, que he relativo ás nossas acções moraes, para evitar as que são más, e seguir as que são boas; eis-aqui a primeira parte desta saude, a qual para existir deve presuppôr na alma huma alentada dóse de sabedoria, e hum desterro total da ignorancia, de modo que o homem jámais se engane, ou se confunda. E existe, ou tem existido algum Nero de Adão na plenitude desta sabedoria adquirida pelas forças da Natureza, ou pela teima do estudo? O proprio Salomão, que noutras fontes claras, e sem limos bebeo a grandes sorvos esta sabedoria, na idade em que devia ter

siso , asneou solemnemente. A segun-
 da parte desta saude , consiste na tão
 buscada , e tão querida tranquillida-
 de , conservando o coração quieto ,
 não turbado de paixões immoderadas ,
 nem agitado , e combatido de moles-
 tos appetites , mas em perfeita paz ,
 sem afan , e sem cuidados , horriveis
 espectros , cujas espantosas , e negras
 azas abafão o miseravel , que lhe
 amargurão , ou azedão a posse de
 hum bem presente com a medonha
 representação de hum mal futuro.
 Não deve pois o coração para exis-
 tir tranquillo , ter outro desejo mais
 que o desejo de obrar bem , e até
 viver izento dos remorsos de ter obra-
 do mal , deve ter hum bom provi-
 mento de constancia , e paciencia na
 chegada das adversidades , ai ! tão
 amigas , e tão companheiras da vida
 humana. Eis-aqui o grande segredo
 de toda a Filosofia ; e eis-aqui a fe-
 licidade a que podemos aspirar nesta
 baixa habitação terrena , não nos es-
 quivando a trabalho , e fadiga algu-

ma para a conseguir, e conservar. A esta especie de felicidade, que não he impossivel ao homem inquilino deste globo, e cuja posse pôde depender da vontade do homem, tambem se pôde unir de quando em quando o gozo de honestos prazeres, ou intellectuaes, ou corporaes, porque, em fim, o homem não deve ser de pão, e o Estoicismo rigoroso he só para homens de madeira, mas estes prazeres como não podem ser estaveis, não podem ser tambem o dote estavel da continuada felicidade do homem, porque esta, segundo a sentença definitiva do Filosofo Juvenal, consiste em ter o animo, são, bom, composto, e tranquillo. E com effeito, se o homem não sente cuidado, nem pensamento, que o rale, nem desejos, e paixões, que o inquietem, e se no seu interior vive contente do estado em que aprôve á Providencia constituido, este chegou áquella meta, donde tantos outros com continuo estudo, e es-

forço de balde tentarão chegar ; e não o conseguirão. Se faltar este equilibrio não se poderá jámais chamar ditoso hum bisneto do antigo Adão. Ora na verdade Juvenal não teve ainda maior amigo do que eu, nem mais justo apreciador de seu merecimento ; mas a verdade he alguma cousa mais que Platão, e Juvenal. Seja qual for o constitutivo da felicidade, diga Zeno, Epicuro, e Seneca o que quizer, e por diversas estradas todos caminhem á mesma fonte, que vem a ser a tranquillidade da alma ; he cousa escusada pretendela, e possui-la ; se não está na mão do homem a posse, e a conservação da saude do corpo, menos está a posse, e conservação da saude do animo. He não conhecer o homem, dizer que elle pode conservar a alma tranquilla, e perfeitamente equilibrada. Não póde: e esta impossibilidade nasce da imperfeição inherente á Natureza humana, e o verdadeiro motivo desta imperfeição não

se póde encontrar se não em culpa. Hum corpo tirado do equilibrio persevera em o estado de oscillação, até que causas, que a Fysica diz que a ponta, o fazem descançar. Eis-aqui o que succedeo ao homem: Oscilou, fluctuou desde o momento da sua queda, e não repara se não quando morre. Querer perfeito equilibrio na vida, ou perfeita tranquillidade, he querer o impossivel; e todos os systemas dos Filozofos sobre a felicidade, não são mais que meras especulações. O moto continuo, e a inalteravel satisfação interna, seja qual for o estado do homem são duas cousas impossiveis, huma em Fysica, outra em moral. Hum contentamento estavel, he inquieto que nunca occupou as casas do coração humano, ainda que o homem abunde em todos os bens, cuja posse, segundo o parecer de muitos, forme a verdadeira felicidade. Os bens possuidos, já não parecem aquelles mesmos que dantes erão. O costume he hum quo-

ridiano encanto , que não nos deixa saborear a doçura de tantos objectos , que tanta impressão nos fazião nos miólos antes de conseguidos , e hum unico bem , que falte , e se deseje sem se poder adquirir , tem força de amargarar todos os outros , que se possuem. Huma grande fortuna he huma grande servidão , e quanto mais possui o homem , mais oscila , mais fluctúa , e a alma sem equilibrio não póde ter felicidade. Quero dar ao homem este equilibrio , mas para se chamar feliz he preciso que elle se estenda não a alguns dias , ou annos , mas que abranja o inteiro circulo da sua existencia. Poderá ser a manhã serena , mas será a tarde enevoadada , e tempestuosa. Temos ainda mais panno para mangas , dado o contínuo deleite , e estavel equilibrio , ainda com elle se não póde chamar homem feliz , porque se he contínuo embota-se , não produz deleite , nem a reflexão de o possuir. Nós buscamos huma felicidade , que dependa

de nós o tella , e o perdella , e que a nosso arbitrio nos siga , e acompanhe até ao derradeiro bocejo. Ora não ha alguma que não esteja sujeita aos caprichos da Fortuna , isto he , aos varios accidentes do Mundo. E cousa , que não he nossa , não póde ser fundamento , e base da verdadeira felicidade. Isto mesmo conheceo , e descobrio o proprio Epicuro , e por isso em ultima analyse veio a reduzir a felicidade á Indolencia , isto he em ter o animo de tal maneira composto , que se deixe hir ao som da agua , qualquer que for o estado em que se encontre.

Ora Juvenal , que era hum bom olheiro do homem , e insistio teimosamente ainda mesmo , quando com tanto fel lhe reprova , e reprehende os vicios , em lhe apontar os meios de o tornar feliz , quando lhe diz que a felicidade consiste na saude do corpo , e do espirito , tambem lhe assignala as veredas para esta saude , e lhe brada com a força de hum Ora-

culo. Olha que para a saúde, ou tranquillidade não ha outro caminho mais que a virtude. Pope gasta a quarta Epistola toda em dizer isto, e Juvenal, gasta hum verso

Semita certe

Tranquille per virtutem, patet unica via: assim tambem como só na virtude achou os quatro fundamentos costados da Nobreza: *Nobilitas sola est, atque unica Virtus.* Eu concludo, que o ultimo systema de felicidade he a virtude, e que só he feliz, sem seguir, nem Estoicos, nem Epicureos, nem nenhum ou dos antigos, ou dos modernos Calculadores em Moral, o homem virtuoso. Se ha este homem, tambem ha o feliz. E que cousa he esta virtude? Na ordem natural, na qual sempre fallo, he escutar a consciencia, e obedecer á consciencia, porque nunca ella diz huma cousa, e a sabedoria, ou a Filosofia diz outra. Fóra disto não ha felicidade. Esteja, e permaneça o ho-

mem naquelle estado em que o quer o tantas vezes já citado Juvenal.

Nil conscire sibi, nulla palescere culpa.
 Ainda que viva debaixo do jugo Francez, que he peor que a enchovia do Limceiro, aquella mesma que fica por debaixo do carrasco, será feliz. Só a alma innocente he alma tranquilla. E quem não terá alguma culpa? Ainda se poderia não desesperar de encontrar este cisne negro, rara ave no Mundo, se lá pelos Serções do Maranhão se encontrassem homens insociaes! (Eis-aqui o Paradoxo de Jaques) Mas na sociedade, Paiz dos vicios, onde está o Innocente! Eu não sei se quero que o homem viva insocial, se não quero. Considerando este grande objecto pelo lado da Filosofia de certo me não sei determinar: e saibão todos quantos a presente virem por mim feita, e assignada, que a resolução deste Problema, o maior de todos, me tem occupado, desde que abri os

olhos da razão, e me dei ao porfia-
do estudo do homem. Quem resol-
verá se he mais feliz na sociedade,
se em perfeita isolação? Onde hou-
ver menos homens, haverá menos
vícios, e onde houver menos vícios
haverá mais felicidade. Juvenal, (e
não me calo com Juvenal! não he pe-
dantaria citar hum tamanho Filosofo)
chama feliz ao homem, que se não
encoleriza, que constitue a morte en-
tre os ricos presentes, que nos fez a
Natureza, que estima ainda mais os
trabalhos de Hercules, que os moles,
e implumados leitos, e canapés de
Sardanapalo, que nada deseja, e que
sabe arrostrar, e desprezar a dór,
o desprezo, e a repulsa. O homem na
solidão está mais proximo a este es-
tado de perfectibilidade, porque está
mais separado daquelles abjectos,
cuja acção, e reacção fazem perder o
equilibrio, ou tranquillidade do espi-
rito. Eu sei que nem todos os homens
são capazes de sentir o prazer da isola-
ção, e isto mostra, que he muito

pequeno o número dos que se podem chamar humanamente felizes. Quando isto em que nós agora tão precariamente existimos, se podia chamar Reino tranquillo, e independente, e me acontecia entrar em algum mosteiro, tal como o de Alcobaça, ou Tibaens, nunca deixei de dizer cá entre mim: *Ob fortunatos si sua bona norint, cenobite!* e me dava vontade de puchar pelas orelhas áquelle Monge, que ouvia carpir seu estado, e dizer mal da sua vida! Insensato! dizia eu, chora sua mesma ventura, e não conhece que está constituido no estado que mais se aproxima á Natureza, e por isso mais perto da felicidade, não digo da eterna, que isto he indisputavel, mas da temporal, que se desvanece sempre na razão directa da communicabilidade, e sociedade dos homens. Quem póde duvidar, que huma Aldéa he mais ditosa que París?

SOLILOQUIO LVI.

NÃO só nestes ultimos, e desgraçados dias em que existimos se tem escrito muito sobre a Politica, e seus direitos, mas desde que começárão a apparecer homens, que se chamarão Filozofos, começárão a apparecer escritos, e pesadissimos tratados sobre esta chamada Arte, ou Sciencia. Agora se conheceo de todo sua inutilidade, e creio que os Prélôs não gemêrão mais, com papelinhos desta natureza depois, que o filho de Maria Leticia se desembestou, com a vergonha que o acompanha em tudo, com o célebre oraculo „ Eu tenho huma Politica, que me he particular, e privativa. Ora os axiomas, e principios da Politica, do maior, e mais descarado dos rapinantes, e oppressores, destróe, e inutilizão quantos volumaços politicos tem até agora pejado, e afrontado a velha, e cadu-

ca Republica das Letras. Como a mania commum aos homens he a ancia de governar , porque a innata vaidade dos homens os obriga , arrastra , e violenta a quererem sobresahir aos outros , se os tyrannos , e os valenões conquistadores , chegam a conseguir este dominio , ou esta superioridade pela força; os sábios que de ordinario são de fraca tempera , de coração mavioso , e homens poltrões , e gotosos , e incapazes de fazer , e de vêr sangue , já que não podem mostrar-se superiores aos outros , governando-os com a força , lisongeam ao menos sua vaidade em os querer governar pelas letras , e pela sabença , e poucos disfarçam , e dissimulam a presumpçãozinha de querer governar os mesmos governantes : daqui nasce aquella tão inutil , como secante aluvião de livros , que se chamão Instituições de Principes , Modélos de Principes Perfeitos , Idéa dos Reinantes , Retrato de hum Rei , etc: daqui os fatigadores livros de Republicas ,

de Utopias, de Polisynodias, e outros nomes mais, (que até para os títulos dos livros he preciso hum Dicionario !) Daqui nasceo a decantada, mas verdadeiramente fantastica Republica de Platão. A Politica, ou Politicas de Aristoteles seu Discipulo daqui veio também. A Cyropedia de Xenofonte, foi o effeito de huma birra que elle teve apenas apparecerão os dois primeiros livros da Republica de Platão, creada como elle na Escóla de Mestre Socrates. Quiz também ensinar aos Principes a arte de reinar, porque qual he o Filosofozinho, que se não julga mais alguma cousa que o maior Principe?) Platão deo preceitos, e Xenofonte quiz dar modélos, por isso fingio tantas virtudes em Cyro, e fallou mais verdade na vida de Agesiláo, Rei digno de o ser, porque foi o mais moderado de todos os Imperantes. Apenas Theofrasto entrou a dar sentenças no Lyceo, começou a arrostar maximas de politica, e a ensinar

a governar a Cassandro Rei de Macedonia, e a Ptolomeo Rei do Egypto, e como se não chegasse a idade de 109 annos se não para escrever Politicas, imbutio, ou encampou ao Mundo duzentos tratados de Politica, segundo hum moderado rol, que nos dá Diogenes Laercio; e cresceu tanto o monte das obras de Politica, no tempo do tal Ptolomeo, que Demetrio seu Bibliotecario (porque tambem ha Reis Bibliomaniacos) lhe persuadio que edificasse huma Bibliotheca para os recolher, e com effeito, o primeiro, e principal fundo da Bibliotheca de Alexandria era formado de livros de Politica, e Demetrio ajuntou duzentos mil tratados desta Sciencia. Este thesouro de velhacarias, enganos, e embustes, quasi todos forjados, e architectados nos Lyceos, e Institutos de Athenas, fazia acudir, como a reclamo, á Cidade de Alexandria, tudo o que era *Graculus essuriens*. Esta Bibliotheca de Alexandria estava irrevogavelmen-

te condemnada a morrer queimada viva. Julio Cesar, sitiado na mesma Cidade, e atacado méenos, que Palafox em Saragoça; pelo bairro, onde estava a Livraria Política, deitou fogo a Esquadra, ancorada no porto; o vento levou as lavaredas para aquelle lado, e lambérão os volumesinhos em hum instante.

Acabou a Livraria, mas não acabou o prurito, ou mania de compôr livros de Política, e até nos seculos mais barbaros, esquecendo outras cousas, nunca esqueceo a Política. Hum Bispo d'Orleans, chamado Jonas, que merecia ser, senão lançado ao mar, ao menos deitado n'hum poço, escreveu hum livro, que se diz. Instituição Real, dirigida a hum homem, chamado Pepino, Rei de Aquitania. He cousa muito para notar o catalogo dos Escretores de Política, que fez Mr. de Real em hum alentado Bacamarte de 4.º, quasi todos são Ecclesiasticos, desde o Cardeal Egidio Colona, Frade da

Tom. III. K

Graça; (que escreveu hum livro rarissimo entre os mais raros, da instituição de hum Príncipe;) até ao Abade Duguet se contão mais de cem Escritores de Politica Ecclesiasticos. Até S. Bernardo; dirige tratados de Politica a Luiz Gordo, e Luiz Moço. Os poucos Reis; que se conhecem Authores, são Authores de Politica. Luiz XI. escreveu hum livro chamado „ Rozeira das guerras. Jaques I. de Inglaterra; dedica, e dirige a seu filho Politica; e mais Politica; chamando ao livro „ Presente Real. Até os Imperadores do Oriente, no que se chama Baixissimo Império, escreverão Politicas. Manoel Paleologo, e Constantino Proflrogineta; escreverão regras de governo de hum Estado. Pois Testamentos Politicos? Alberoni, Mazarini fizeram Testamentos, e o Cardeal de Richelieu, seria mais famoso, se morresse ab intestato. He hum a lastima o que escreveu o Rei de Prusia, o da Espada, furtada por Bonaparte.

que quiz ser até Author de Epigramas, e acaba hum, dizendo, a quem? A Voltaire, Newton escreveu o Apocalypse, e Richelieu o Testamento. Pois elle Frederico II. não he mais feliz, com o Anti-Machiavello. O Tratado do Principe, que este mancebo escreveu, he hum solemne desafio, e o mais toleravel dos Tratados de Politica, que se escrevêrão depois de renascidas as Lettras, são os seis livros da Republica de João Bodino, saqueados com tanto descoco, e silencio pelos modernos Architectores de systemas de governança. Nesta fonte bebeo hum Francisco Patricio, grande ladrão, tudo o que escreveu da Republica: daqui Hobes, teimando sempre, que o homem natural he o homem de guerra, tomou a idéa do livro, chamado do Cidadão. Daqui nasceo a mania do Duque de la Rochefoucault, que quer que todas as acções do homem tenham por principio a maldade, etc.

Ora escrevendo-se tanto sobre a Política, que será Política? Eu não creio na transmigração de Pitagoras ainda que me pasmo de vêr, que pensamentos que nascêrão na cabeça de hum homem, passados seculos appareção na cabeça de outro, que não conheceo, nem leo jámais o que o passado tinha escrito. A primeira vez (quando lia) que abri o livro de Severiem sobre os progressos de engenho humano, atinei, ou adraquei com o artigo, Política, e acho-a definida por hum respeitavel Bispo Francez, da tempera velha, desta maneira. » A Política he huma arte mais de enganar, que de governar os homens » o Bispo chama-se João Camus, que era a mesmissima definição, que eu lhe tinha dado cá com os meus botões. Arte má, e péssima. Ja hum valido, e Ministro de Henrique IV. tinha dito, que o Príncipe antes deve obrar contra a sua consciencia, que contra a razão de Estado. Por isto he arte pestifera ainda que empregada por

hum Príncipe tão famoso em virtudes como Henrique IV. Que fará empregada pelo descarado Tyranno, que lhe occupa, e enchevolha o Throno? A sua Politica peculiar he quem lhe manda que quebrante impudentemente todas as leis da humanidade; que devaste, que assole, que roube o Mundo em que poder empolgar as insaciaveis garras. Cuidava eu que o fim unico da Politica devia ser, fazer viver todos os Cidadãos como irmãos naquella igualdade que fosse compativel com o talvez que funesto estado social, promovendo por todos os meios sua geral, e particular felicidade, sem pobreza, e sem riquezas, mantendo o repouso público, fazendo abominar os crimes, cultivar as virtudes; mas não he assim ao menos na presente época: hum Despota soberbissimo faz de sua vontade a Politica, e lei suprema, e quer contar tantos escravos, quantos homens, e não lhes quer deixar outras faculdades moraes mais que a

paciência, e submissão, e a cega obediência a seus caprichos. Nisto pararáo em França os escritos Politicos, sonhos que se desvanecêrão, e que só deixão a vergonha de se haverem composto. Sonhos, e legitimos sonhos são os Elementos de Politica de Mr. de la Hogue. Os Discursos politicos dos Reis, por Escuderi. A Politica dos Conquistadores, por Gregorio Leti. A Prática de educação dos Principes, por Varilhas, e os delirios politicos de hum homem de bem, que assim chamo eu a todos os escritos do Abbade de S. Pedro, e sobre tudo, o projecto de huma paz universal entre os Potentados da Europa, em que elle propõe com muita sisudeza, e gravidade o estabelecimento de hum Tribunal, composto de Plenipotenciarios de todas as Potencias da Europa, em que se decidissem, e terminassem todas as querélas, que se podessem suscitar entre os Principes. Este Tribunal devia formar huma Dieta per-

manente. Ora este Tribunal existe realmente, e os Desembargadores, que o compõe são os filhos da Maria de Ajac'o, prezidido pelo seu escolhido. Este Tribunal se intromette em accomodar desordens de Reis, que elle mesmo fomenta, e maliciosamente accende, e quando se espera huma accommodação acaba tudo em huma usurpação da parte do Presidente. Fez armar hum letigio entre os Reis de Hespanha Pai, e Filho, avoca os Autos ao Tribunal, e as duas por tres fica com os Autos, com o Author, e com o Réo, e sem appellação, nem aggravo com a fazenda que pertencia a ambos, de jurro, e herdade. Este mesmo Tribunal acode com huma Tutoria a Portugal Orfão, depois de ter feito fugir, e obrigado a retirar-se o cabeça do casal. Com a fazenda mata os Orfão, e quer ficar com o prazo, que nunca foi de livre nomeação. Tomára que vivesse agora o infatigavel Escriitor de Politica Abbade de São Pe-

dro, para lhe pedir, que chamasse ao seu Tribunal este perturbador, e usurpador público, e universal, e que sujeito á Dieta, realizasse o plano politico de huma paz segura, e permanente!

Que cousa tão pequena são os homens! O botafogo das cabeças Francezas, foi Jaques com a ultima, e manca producção, que appareceo sobre Politica, e que se chama „Contrato social, ou Principios de Direito público. O Author, homem mais Paradoxal que Harduino, e costumado a perpetuas contradicções em tudo quanto fez, quanto disse, quanto fuitou para escrever, sustentando com tom de caustico, quantas opiniões lhe paria sua soberba, e misantropia, mostra de todo qual fosse, e qual não podia deixar de ser o seu caracter. He tal seu orgulho, que começa por acesar huma bateria contra Grocio, que diz, que a primeira acção de hum Povo na ordem social he escolher, e determinar hum Go-

verno. Jaques diz, que houve outra acção diliberativa no Povo anterior a esta, chama Jaques a esta primeira acção o Contrato Social, mas antes deste, ainda houve outro, que he a união do mesmo Povo.

Levanta-se Jaques contra Pufendorfio, dizendo que só elle Jaques, déra a verdadeira definição da lei. Pufendorfio diz, que he a ordenança de hum superior, pela qual impõe aos que d'elle dependem huma indispensavel obrigação de obrar na materia, que lhes prescreve. Que esta ordenança para ser justa deve ser fundada na Lei natural. A agua não he mais clara do que isto, nem o he hum desengano. Jaques, que quiz tratar os maiores homens como formigas, porque leu muito Plutarco da traducção de Amiot, que he a mania dos Plutarquistas. Metteo-se a dar huma definição da Lei como base daquella politica illuminada, que fez os Francezes primeiro doidos, e depois ladrões, que he mais escura, te-

nebrosa, e incompreensível, que todas as definições que em matéria de Fysica dava Aristoteles á tóa. Quando todo o Povo. determina sobre todo o Povo, diz Jaques (elle não se considera mais do que a si) então se forma huma relação, e he do objecto inteiro, debaixo de outra consideração, sem alguma divisão do todo. Então a materia sobre a qual determina he geral como a vontade, que determina. A este acto, chamo eu huma lei. Contrato Social Cap. 6.º da Lei. „Quasi todo o Jaques he assim, e parece que quem não tinha idéas mais claras sobre a essencia da lei, não se devia metter a Escritor de politicas, as dos Francezes fundados nestes alicerces deverião ter os effeitos, que lhe temos visto, embulhar tudo, confundir tudo. Quando estes barbaros Wandalos, se revolucionárão, alguns de seus gritadores de Tribuna, acenárão, que se devião buscar os principios da felicidade social, não em a ficção de hum

contrato, que não existio mais que em os miolos de Jaques; mas em a natureza do homem, e nas consequencias, ou resultados necessarios da sua condição, determinando, qual fosse o principio das suas acções, qual o estado mais analogo a este mesmo principio, e deste derivar as leis para o novo contrato que se quizerão formar, e estipular com a peçonhenta, e contagiosa Revolução. Começou todo o Povo a determinar sobre todo o Povo, na conformidade dos confusos principios do Cidadão Jaques. E que foi feito do Povo? Mostrou-se Soberano por hum instante, elevando-se dentre elle as borrascoas facções; que tanto sangue derramárão, vierão a parar suas deliberações em terriveis desordens, e na mais escura, e miseravel confusão. Succedêrão-se os partidos huns aos outros, cançárão-se de lutar, e se deixárão cahir com cega, e bruta necessidade nas mãos da mais execravel, e monstruosa tyrannia, que os

seculos virão, e que os homens podião imaginar. Taes forão os virtuosos resultados das idéas politicas de Jaques! Fervêrão os miolos Francezes, e querendo caminhar pela destruição á refórma, dêrão com os bodes na arêa, e ficárão mais escravos, mais offendidos, mais aviltados de que se dizião estar antes de darem hum passo para a sua imaginaria renovação.

A' vista disto, não direi, que a Politica seja huma arte perniciosa, para não sobrevar contra mim tantos, e tantos, que fazem desta quiméra seu estudo, e seu emprego; mas ao menos direi com muita razão que he a mais inutil de todas as artes, que os seus principios reduzidos a practica, dão zero; e que todos quantos tratados ha desta materia sem exceptuar o de Machiavello tem sido de nenhum prestimo áquelles a quem ou o mercçimento, ou o acaso levantárão a Ministro de Estado, officio em que alguns tem acabado tão ver-

gonhosa , e desgraçadamente , que melhor lhes fora andar guardando cabras pelos montes em que nascêrão. Estes monstros , cuja quéda he tão merecida , se se servirão dos principios de Politica foi sempre para degradar as Nações , que elles dirigião , ou tyrannisavão , pizando aos pés todos os dictames da razão , e todos os gritos da Lei da Natureza , que se oppunhão á sua ambição.

Eu quizera que não existisse outro livro de Politica por onde os Povos estudassem mais do que a Historia de Hollanda , desde sua formação em Republica , até a sua infausta quéda nas mãos do aventureiro Corso. Se o fim unico da arte de reinar , he fazer os Póvos afortunados , tranquillos , livres , abundantes , virtuosos , pacificos até ao ponto em que a justiça pessa , e mande a guerra , industriosos , activos , frugais , e na possivel igualdade moral , cultivadores perfectissimos das Sciencias , e

das Artes; só na Historia de Hollanda, se podião descobrir, e conhecer os meios efficazes, e conducen-tes a este importantissimo fim: sobre a scena do Mundo, ainda não appareceo hum governo tão perfeito, nem hum mais cabal modelo do contrato social dos homens; nem mais capaz de mostrar qual era a prosperidade compativel com o estado dos homens juntos em hum Corpo politico. Só em Hollanda se conhecia, que o homem podia ser feliz na sociedade, só alli se via que era Cidadão, só alli se dava verdadeiro preço á virtude, entre homem e homem não havia outra differença mais que a da authoridade no tempo em que a exercitava, a sabor de eleições publicas, e tranquillias; acabada a authoridade, iguaes, e amigos como dantes. Hum Burgomestre, huma alta Potencia, em acabando de o ser, despia a sotana da magistratura, e ficava como qualquer outro Hollandez hum animal de dois pés, sem pennas,

e com huma alma racional, farto, cheio em sua casa lavada, pintada, e burnida infallivelmente todas as semanas, mas farto, e cheio á custa do seu commercio, e da sua industria. Quando aquella barra aberta pela natureza, e fechada agora pelas mãos dos Arralequins mais ridiculos que a França vomitou, he patente á sahida, e entrada da abundancia de todas as Nações, hum dos meus mais deliciosos recreios filisoficos, era a contemplação da policia, da circumspecção, da frugalidade, da magestosa taciturnidade dos calças largas. Eu desafio todos os nossos flagellos, chamados Aguazis, que tem Escritorios, com feitos, que n'huma folha corrida me mostrem hum crime de hum Hollandez extreme aqui commettido, ou hum letigio em que se descubra huma sombra de velhacaria, ou que me apontem hum individuo Republicano Hollandez, que apparecesse aqui Franchinote, tirando

dentes, mostrando Camaras opticas,
 vendendo pirolas, apregoando em-
 plastros, dançando em cordas, bai-
 lando em theatros, conduzindo ur-
 ços, e macacos, ou vendendo rendas,
 fitas, cabelleiras, galões, brincos,
 bonecos, assobios, berimbãos como os
 individuos de todas as outras Nações
 nos vinhão entulhar as Praças, as
 Ruas, as casas, e lamber o dinheiro!
 Sciencias, e Artes uteis; Commercio,
 e Marinha; Silencio, e Parcimonia;
 barriga cheia, e grandeza de alma;
 eis-aqui hum Hollandez da gema.
 Conservar huma Nação neste pé, e
 neste estado he a verdadeira politica.
 A Lei, e a Verdade. Eis-aqui os Mi-
 nistros de Estado em Hollanda, mais
 gloriosa, que a fantastica França
 com hum velhaco tal como Richelieu,
 hum dissimulado tal como Mazari-
 ni, hum invejoso tal como Fleuri, e
 com hum guarda livros de salteado-
 res tal como Champagny.

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXVII.

Continuação do Soliloquio antecedente.

Não se tornão as Nações felizes com os rodeios, e tortuosos manejos da Politica. Desde o momento em que se fizer buscar, e promover o interesse publico, como interesse particular; desde o momento em que as leis punirem irremissivelmente o vicio, onde quer que se encontrar, e premiarem o benemerito, desde o momento em que o Governo, seja qual fôr, procurar manter os costumes nacionaes inalteraveis, e fechar para sempre a entrada a costumes estranhos; todas as Nações poderão ser Hollan-

da antes de seu fatal cativoiro nas mãos ávidas, e sacrilegas do abominavel Corso. Se nunca as modas, os costumes, os usos, a linguagem, os livros da França houvessem entrado em Portugal, elle se conservaria na sua antiga simplicidade, no seu poder, nas suas riquezas, e na fruição pacifica de seus bens, e não esteria (côm todas as luzes da escola politica da França) representando tão lastimosa, e miseravel figura, sepultado na voragem, em que se tem abysmado as outras Nações, que ou por crédulas, ou por fracas, se deixarão arrastar do pestilencial espirito de Politica Franceza.

... 32

SOLILOQUIO LVII.

HUma das questões mais capazes de desafiar a curiosidade filosofica he sem dúvida a questão da perfectibilidade do engenho, ou bestunto hu-

mano nas Sciencias, e Artes, ou de sólida utilidade, ou de mero desenfado, e honesto, e apuradissimo prazer. Tem limites intransgredivéis esta perfectibilidade, ou he progressiva até huma barreira indefinita como chamava Descartes a congerie dos seres, que compõe o Universo? Creio, que não ha cousa mais custosa de resolver do que esta. Presuppõe huma Historia analytica de todos os seculos litterarios, hum previo, e profundo conhecimento de todos os escritos em todas as vastas ramificações da litteratura; e huma tal dexteridade de comparar humas producções com outras de que parece pouco capaz ainda o mais subido engenho, e de mais remontados quilates: esta analyse exige huma força aturada de attenção profunda, que a par della, seja hum superficial divertimento a applicação do mesmissimo Archimedes, do taciturno Pappus, e do absorto Apollonio na resolução de seus Problemas de Geometria subli-

me; e talvez que o mesmo Newton, tão amancebado como viveo com o cálculo, que era capaz de rezar o Padre nosso por cálculo, não fosse capaz desta eterna combinação, nem de conduzir sem se quebrar hum fio por este inextricavel labyrintho das producções do engenho humano, que de hum seculo para outro seculo, ora apparece em movimento progressivo, ora estacionario, ora retrogrado, ora eclipzado. Sempre me picou muito esta questãozinha, e ella he tal que exige huma inteira Academia para a resolver, porque não me parece emprego só para que baste hum homem, fosse elle da erudição de Bayle, ou da penetração sobrehumana de Spinoza. Devia-se repartir a cousa, e cada hum dos Confrades da associação litteraria tomar a si huma materia particular, e procurar primeiro que tudo (eis-aqui o que parece impossivel, ou ao menos a primeira difficuldade insuperavel) definir quaes sejam os limites da per-

fectibilidade a que a dita Arte, ou Sciencia possa chegar, porque eu sempre digo, que he preciso parar em algum termo, e qual será o grande Apollo, que ouse afirmar que daqui para diante não se deve, nem se póde desejar mais? Depois desta primeira diligencia, correr os seculos, e vêr quaes tenham sido os engenhos que mais se tenham aproximado, ou tocado esta perfectibilidade. Quanto mais se busca profundar a questão, mais embrulhada, e mais escura apparece. Em primeiro lugar, he preciso estabelecer hum principio, e considera-lo como demonstrado, que ha Sciencias, e Artes, que para se aperfeiçoarem dependem só das faculdades intellectuaes do homem; e Sciencias, e Artes, que para chegarem a sua possivel perfeição dependem de causas separadas do homem, e que não dimanão de sua vontade, applicação, e engenho. Supposto como inegavel este principio, eu posso dizer, que as Sciencias, e Artes

da primeira classe tem chegado ao gráo de possível perfectibilidade. Ora esta perfectibilidade he como hum effeito , ou hum indice da sua causa , e posso tambem dizer , que a perfectibilidade do individuo humano tocará o seu ponto extremo nesta parte , e que não ha por isto perfectibilidade progressiva , como querem alguns Calculadores Filozofos do seculo , e entre elles a habilidosa Madama Staël em seu decantado Livro , que se chama „ Da litteratura considerada relativamente ás Instituições Sociaes. As Sciencias , e Artes que tem chegado a possível perfectibilidade podem ser reduzidas a Sciencias intellectuaes , e Artes de imitação. Ambas estas Senhoraças são tão velhas que tem (sem transgredirmos os limites da verdade historica , e sem nos envolvermos nos tempos fabulosos) mais de tres mil annos. Ora , esforços feitos em tão grande espaço , sem passar a barreira tocada , e bem tocada ha hum quarteirão de seculos ,

quer dizer, que a perfectibilidade do engenho humano nesta repartição, não tem progressão infinita. Esta verdade não se póde conhecer senão por meio da analyse comparativa das producções literarias, e da conformidade que ellas conservão com a natureza, unica regra infallivel do bom, do bello ideal, que he o mesmo, que o verdadeiro. Hum paralelo, ou assimilação de todos os seculos, e de todas as Nações cultas me abrigaria a fallar eternamente comigo mesmo, e não ha forças humanas, que me obriguem por longo tempo affixar-me sobre hum, e mesmo objecto; mate-se quem quizer, porque eu só espero esse favor da natureza, se não se adiantarem com o presente, os humanissimos Legisla-dores Francezes, que tantas vezes por essas esquinas nos ameação com a morte se a nossa falla se encontrar com a dos Inglezes. Bastará pois deitar huma vista de olhos para os Gregos, e para os Romanos: estes

ultimos não tinham nem causas fysicas, nem moraes, que retardassem, ou suspendessem a progressão do engenho, e por isto devião exceder os Gregos, ajuntando mais grãos de perfeição ao já inventado, e cultivado por elles. Neste lugar vem tão a proposito hum *atqui*, que he preciso ser hum Ergotista, ainda depois da afrontosa morte, que padecêrão as Escólas. *Atqui* os Romanos não progredirão mais na perfectibilidade do engenho em tantas producções com que rivalizarão com os Gregos, *ergo* não ha perfectibilidade progressiva, mas certos limites onde he preciso, ou suspender-se sempre, ou tornar para trás como a experiencia tem mostrado. Se eu provar a menor saído do pó litterario mais ufano, e ancho que hum vencedor nos jogos olympicos, por que teve a fortuna de correrem mais os seus cavallos; que os do competidor. Consideremos pois os Gregos para caminharmos á conclusão. Estes homens que vierão parar em

trazer trigo a Lisboa, forão os Me-
 tres do Mundo, e com razão o maior
 Doutor do Christianismo chama a
 Athenas inventora das Sciencias; en-
 trarão primeiro na carreira litteraria,
 ao menos relativamente a nós, e en-
 chêrão o universo de immortaes mo-
 numentos de litteratura: deixárão, e
 ainda permanecem modélos em todas
 as boas Artes, e abrirão, e batêrão
 todos os caminhos que conduzem á
 verdade. Ora a analyse destes monu-
 mentos nos podem obrigar a confes-
 sar, que elles tocárão os possiveis
 limites da perfectibilidade, porque
 nas Sciencias intellectuaes nada se
 tem avançado até agora, e por isso
 não ha fundamento para se dizer,
 que os Romanos são superiores aos
 Gregos na carreira do enjenho. O
 estado deste enjenho entre os Roma-
 nos appresenta hum vacuo immenso,
 e longe de progredir parou; porque
 os Romanos, como he sabido, nada
 escrevêrão sobre as Sciencias Exac-
 tas. Só Vitruvio dá a conhecer em os Li-

vros da Architectura, que se entendia em Geometria: quasi nada escreverão sobre a Medicina; he muito pouco o que conservamos de Cornelio Celso, se o compararmos com o que os Gregos escreverão, e nos deixarão. Muito pouco trabalharão na politica, e sciencia da Legislação, em quanto os Gregos levárão estas Artes, ou uteis, ou prejudiciaes a hum estado de perfeição, que ainda nos admira, e eu não cessarei de clamar a qualquer filho de Eva, que se vir invadido da mania das letras, que folhee com mão diurna, e nocturna, as Viagens de Anacharsis; ultimo livro bom que escreverão os amotinadores Francezes; nesta obra se vê, que os Gregos esgotárão tudo quanto se podia dizer de melhor em escritos que tratem das instituições sociaes.

De nenhuma maneira se pôde oppôr Plinio aos Naturalistas Gregos. Ora os Romanos como erão de Toga, e senhores das cousas, dedi-

gnavão-se de ser inferiores a outra qualquer Nação, e com effeito podião mais que todas, tudo querião dever a si, e nas sciencias não consultavão folgo vivo. Plínio julgaria que não era do decóro, e magestade de hum Magistrado, amigo de Vespasiano, amoldar-se a hum exemplar Grego, porque se elle olhasse bem para Aristoteles, conheceria, que o devia seguir na exactidão dos factos que aponta, e na regularidade do Plano para a sua descripção da Natureza. A grandeza do plano, que o Naturalista Latino adoptou, impõe sem dúvida pela sua mesma grandeza, mas esta mesma grandeza he viciosa: porque he principio inegavel, que para escrever com apurado gosto, e fructo manifestô, convém quanto fôr possível circumscrever dentro de hum circulo determinado o assumpto da escrita, d'outra maneira he enlear o entendimento dos pios leitores; he vagar sem tino, por caminho incerto; he ficar na superficie da cou-

sa sem lhe chegar ao fundo. O alentado volume de Plinio, que Harduino fez crescer, e chegar a três *in fol.*, e o Traductor Francez a doze *in 4.* he huma Compilação; e cá em nosso Portuguez hum palheiro sem critica em que vão de mistura, e desgraçadamente ajouçados absurdos sem numero com alguns factos verdadeiros semeados a espaços de alguma reflexões mais capazes de deslumbrar, do que de instruir filosoficamente.

He innegavel a preheminiencia dos Gregos nas artes Poeticas, isto he, em todas as ramificações desta boa fazenda; que na verdade não sei para que sirva; vierão primeiro, e se assenhorearão das grandes imagens que a Natureza offerece aos verdadeiros contempladores, e esta prioridade de tempo lhes legitimou a posse do primeiro assento nos bancos do Parnaso, excluindo todo o progresso ulterior a este respeito. Mas o merecimento dos Gregos não se li-

mita a este genero de superioridade nas boas artes ;; adiantarão-se até encarrar com seus principios filosoficos , e isto, por meio de huma analyse , que presuppõe o conhecimento profundissimo da Natureza sensivel. Aristoteles (tenham ainda esta consolação os Frades velhos , que se criarão com elle de pequenos , com a infelicidade de lho não explicarem nunca com clareza , e com verdade : o nome de Aristoteles deve vir sempre á balha , quando se trata de materias da repartição da intelligencia.) Aristoteles atinou tão bem com o manancial do pathetico , e meios de mover , e remover com força o coração , como tinha atinado com o fio que o engenho humano segue em seus raciocinios. Isto mostra tamanha força de engenho , e penetração , tanto vigor de entendimento , que lhe não podem oppôr , as mais sublimes reflexões , e graves sentenças dos Authores Latinos ; a luz , e energia destas sentenças se devem pela maior

parte ao ênfase, e concisão da lingua Latina, e ás quasi continuas apoposises, ou reticencias dos Escriitores daquela grave, e magestosa Nação, que começando em ladrões, degenerou em castrados. Estas sentenças são mais artificios de engenho, que provas de sua progressiva perfectibilidade entre os Romanos. O uso frequente das sentenças impõe muito nos escritos de Seneca, e de Tacito. Os Historiadores Gregos são nisto muito parcós, e os Latinos muito prodigos. Os primeiros se pagão de levar seus leitores á scena dos acontecimentos. A narração he ordida com tal arte, e os quadros tão bem desenhados, e coloridos, que o Historiador desaparece, e deixa o Leitor combatido do interno movimento de differentes affectos, e entregue successivamente ao assombro, á curiosidade, á admiração, horror, benevolencia, e compaixão. Tacito amarra-se de continuo ao Leitor, asoprando-lhe sem cessar ás orelhas

hum refinado odio aos Tyrannos bem merecido na verdade, ainda quando elle tão de proposito o não assoprasse. Espia os passos dos mesmos Tyrannos, é por esta espionagem, indaga, talvez com refinada malicia suas intenções. Quer dizer tudo, mas torna-lhe a falla ao buxo, e comprime-se-lhe o estilo como tinha o coração, porque os Tyrannos bem como hoje os Francezes, nunca gostarão de quem falla muito, e muito claramente; eis o motivo por que Tacito dá mais que pensar, que ler, e esta tão preconizada vantagem, não nasce do genio do Author, mas de hum reflectido medo com que escrevia de Nero, Caligula, e Tiberio, diante dos successores destes País da Patria. Isto não prova a superioridade do maior Historiador Latino sobre os Gregos: e ainda que segundo o gosto de alguns se prefira o estilo de Tacito ao de Herodoto não se pôde concluir, que o engenho humano haja feito nesta repartição conhecidos

progressos desde o tempo de Tucídides até o seculo de Tacito.

Isto que eu sinto a respeito da Historia, o posso dizer tambem a respeito da Moral, unica Sciencia em que o engenho humano deve reimar em fazer progressos para a perfectibilidade; nenhum Povo tratou mais, e melhor de moral, que os Gregos, suas obras neste genero tem fracos imitadores entre os Latinos, sem exceptuar o mesmo Marco Tulio em pessoa. Os Gregos apresentarão em seus alguma cousa difusos, e escuros tratados, a moral em todas as attitudes, e maneiras varias; que o engenho póde dar ao discurso, ora rissonhas, ora magestosas; ora sublimes, ora vulgares, e facilmente comprehensíveis. Platão dizia, que se podia ler hum curso completo de Etica passeando pelos arredores de Athenas, lendo, e explicando as inscrições gravadas nos Tumulos, nas Estatuas, nos Arcos triunfaes, nas faxadas dos Templos, e n'outros

Monumentos públicos. Grande expressão na verdade, e que vale por si só mais que o Dialogo do Timeo. Com effeito, mais levantado degráo de civilização a que hum Povo póde chegar he aquelle em que o terreno que piza, parece existir vivificado de mil diversas maneiras pela sua industria, mostrando os fructos do engenho, espalhados, e misturados com os da Natureza.

Em Roma ainda no tempo do seu maior lustre, não se tratou tanto de Filosofia como em Athenas. Outra prova de que o engenho não progredio entre os filhos de Quirino. Não se conheceo entre elles huma nova escóla, huma nova seita. Pelas conversações polidissimas do Filosofo de Tusculo, vejo que se dividião em opiniões, mas seguindo Cota huma seita Grega, Cicero outra, citando sempre hum Mestre, e Doutor Grego a quem seguião, e entre as provas da grandeza do Consul Filosofo,

Tom. III. M

eu sempre admirei pela maior ter escravos, que são Filósofos, e que elle admittia, e mandava sentar na sua presença para intervirem ás suas dourissimas disputas. Demetrio, e Possidonio, que com inveja dos modernos inventou primeiro a Esfera mobil, que chamamos agora mais aperfeçoada *Planetario*. Dicearco era chamado pelo mesmo Cicero as suas delicias. Ora esta diversidade de seitas entre os Gregos empregou, assim he, vamente muito, e muitos esforços de engenho na indagação das primeiras causas, na origem, no fim, e na destinação do homem, sem se lembrar que a observação, e a experiencia as conduziria mais facil, e seguramente ao conhecimento da verdade, assim mesmo fluctuantes em materias que não são do alcance, e alçada da razão humana, dêrão hum grande lugar em suas especulações a Moral, e tocarão os ultimos terminos da possível

perfectibilidade, a que não chegaram os Romanos, meros copiadores, e imitadores dos Gregos. Eu admirei sempre hum prodigio na historia litteraria da Grecia, e prodigio sem exemplo: huma Escóla excluindo todas as outras especulações philosophicas, considerou como unica precisão das sociedades civís como unica base da prosperidade humana, como unico caminho para a perfeição, o estudo da Moral. Esta Escóla he a do Mestre Socrates. Não quiz este grande homem escrever cousa alguma; mas a expressão de sua doutrina se acha com fartura nos Livros de Platão, e Xenofonte. Se a estes escritos se juntarem os Moraes de Aristoteles, nada ha que desejar nesta materia, e não só os Romanos não adiantarão hum palmo nesta Sciencia, mas os mesmos modernos com toda sua ufanía scientifica ficarão muito a quem da perfectibilidade destes imortaes escritos. Não ha paixão alguma que

alli se não ache bem definida, não ha movimento algum d'alma por mais rápido, e passageiro que seja, que alli não esteja analyzado, não ha virtude natural, que lhes fosse incognita; e ha tantos seculos ainda se não tem avançado hum só passo de mais. Aparecêrão sempre tratados de Etica he verdade, mas só de novo trazião o nome do Author. Nesta repartição da Etica ficou o engenho humano entre os Gregos naquelles limites a que podia chegar, o que prova, que em materia de Sciencias intellectuaes, e artes de imitação não ha perfectibilidade progressiva, e pela exacta comparação, que eu tenho feito entre todos os seculos litterarios, vejo, que a marcha do engenho he perfeitamente similhante á do Sol, (marcha apparente, porque na verdade elle sempre esteve, e continuará a estar repimpado no mesmo lugar) vai gradativamente até hum Tropico, que he seu limite

intransgredível, e em alli tocando torna para traz, atraza-se pouco a pouco, até chegar a tocar no outro, e de novo começa a progredir. Assim o engenho nas Sciencias, que só delle dependem, vão andando até tocar o ponto da marcada perfeição, e volta. Sem me appartar da verdade historica, eu conto quatro revoluções, ou periodos de apparição, e sumiço deste Cometa. O seculo de Pericles, o de Augusto, o de Leão X., o de Luiz XIV. desde este ultimo tem tornado para traz, e quem se atreverá a dizer em que tempo nos fará o favor de vir para diante, visto os embargos, que lhe tem posto a Revolução, e os invenciveis que lhe vai continuando a pôr o fatal Patarata Corso?

Ora nestas Sciencias, e Artes, que parecem unicamente depender da innata, e privativa força, penetração, e luz do engenho humano, houve huma causa externa, que as

impelio para maior perfectibilidade do que aquella em que as vejo entre os pasmosos Gregos. Esta causa he o Christianismo, dilatou mais os confins da perfectibilidade, e para conhecermos a evidencia deste axioma, bastará contemplar huma unica arte, a Eloquencia. Quem lesse as produções de Esquines, de Demosthenes, e as de Cicero, cuidaria sem dúvida, que o engenho humano não era capaz de mais; mas o Christianismo descobrio novo campo para a eloquencia, deo-lhe outro emprego, e por isto levantou mais o entendimento, e o constituiu no centro de hum circulo immenso, e sobrenatural, e os raios tirados a sua circumferencia tambem são immensos. Nada ha entre os Gregos no tempo de sua maior perfeição em eloquencia, que se possa comparar com os escritos de Gregorio Nazianzeno, e Basilio seu amigo. Estes dois grandes genios formárão-se nas Escólas

de Athenas dados aos estudos filosoficos, depois concentrados na solidão cenobitica, e occupados das grandes verdades da revelação, estas pelo seu sobrehumano poder os fizé-
rão sahir dos confins em que elles permanecerião, se como Demosthenes se limitassem á eloquencia do foro, ou se envolvessem em os negocios politicos das Republicas da Grecia. Lembra-me ter lido em escritos de homens conhecedores da lingua Grega, que o Nazianzeno iguala em pureza de linguagem, e elevado estilo o mesmo Platão, Tucídides, e Xenofonte. Na cópia, e na magnificencia nenhum destes emparelha com o portentoso Chrisostomo, e esta superioridade nasce das materias, que os Oradores Christãos tratarão, estas fazião desenvolver mais a força do entendimento, e o enchião de hum divinal enthusiasmo. O mesmo podemos dizer dos Oradores da Igreja do Occidente a respeito

dos Romanos. O Apologetico de Tertulliano vale mais não só pela materia, mas até pela fórma exterior, que todos os arrazoados de Ciceró, sem exceptuar a Filippica segunda. Arnobio tambem Africano, e Mestre de Lactancio, nos livros contra os Gentios tem hum impeto, huma força, huma harmonia tal que leva consigo a alma de hum leitor illustrado. He tal sua vehemencia, que não pára diante d'elle hum inimigo que não vejamos, não só suplantado porém esmagado, e bem se devisa, que estas qualidades nascem da materia que trata, capaz de dar esta elevação ao espirito. Lactancio tem huma fluidez, huma doçura tal, que não só excede Livio, mas o mesmo Theofrasto, e a delicadeza de Euzebio Emiseno, aliás Eucherio, Bispo de Leão, he tão florida, e tão aguda que muito longe, vão atraz d'elle Cursio nas suas mais apuradas arengas, e Floro na sua es-

tudada concisão. Ainda mesmo com esta impulsão, que o Christianismo deo ao espirito humano para a progressiva perfectibilidade se mostra, que em materia de artes que dependão immediatamente do engenho, este conhece certos limites intransgredivéis, porque até agora em eloquencia ainda não houve quem vencesse, ou igualasse áquelles primeiros Mestres de huma, e outra Igreja, por exemplo, Flechier não vai a par de S. Pedro Chrisologo, e ainda de outro Pedro já em seculo barbaro, que he São Pedro Damião. Bossuet não iguala na magestade São Cypriano, e toda a força da Dialectica de Bordalue não vence, não póde emparelhar com a força de convicção, que se observa nas Cathechesis de São Cyrillo contra Julianão. Fernelon não têm a unção que se admira nos discursos do verdadeiramente grande Jeronymo.

Ora nas Sciencias, e Artes que

não só dependem do espirito humano, mas do tempo, dos acasos, e das circumstancias, póde esperar-se alguma perfectibilidade progressiva. Não pendeo do engenho, que dois rapazes indiabrados, filhos de hum vidraceiro, brincando com os cacos do pai, achassem o Telescopio, que tanto dilatou os conhecimentos humanos, e creou huma Astronomia não conhecida, e só em alguma parte imaginada pelos antigos. Não com seu profundo, estupendo, e penetrantissimo engenho descobrio o Methafysico Portuguez Spinoza huma nova face em a Natureza, mas pelo fortuito polimento dos vidros, aperfeiçoou o Microscopio a ponto de vermos em a Natureza, o que nunca a vista nua poderia descobrir. Otto Guerrik, e simultaneamente Boyle por hum acaso, e não pela maior perfectibilidade de raciocinio descobrirão a machina pneumatica. Torricelli, por outro acaso de descober-

tas ; e experiencias fysicas descobrio o peso , pressão , ou laterio do ar , e Pascal com as mesmas experiencias deo novas luzes ao invento. Newton ainda que de calculante , e profunda penetração deve-o ao acaso de hum vidro esquinado , todo o seu systema das côres todos os seus principios de optica tão decantados pelos País , e Doutores da moderna Fysica. Esta nova luz derramada nas Sciencias Naturaes não se póde dizer emanada immediatamente da progressiva perfectibilidade do engenho humano , mas sim devida ao acaso , ao tempo , aos instrumentos , e sobretudo ao vidro , que permanecendo por tanto tempo ocioso , e julgado de pouco uso , foi tão util para a Filosofia , como foi o nariz para a repartição das finanças , porque julgando-se hum membro de poucas vantagens , de repente com o teimoso uso do tabaco foi o membro do corpo humano mais util pa-

ra o corpo politico da Republica. Para a indagação da verdade nas Sciencias Naturaes não he preciso tanto engenho como tempo. Grande era o talento de Seneca , e por isso mesmo que lhe conheceo os limites disse, que estas cousas da Fysica , e Astrônômia , para se aperfeiçoarem , necessitavão de mais de hum seculo , e de huma idade. *Ad tantorum inquisitionem etas una non sufficit.*

He certo que póde hum seculo saber mais que outro seculo , e não crescer em perfectibilidade o engenho , este não se transmite como se transmite o deposito das Sciencias , que cultivadas successivamente se aperfeiçoão , sem que o engenho dos que as aperfeiçoão seja maior que o engenho dos que as inventárão. A força que nos individuos produz grandes combinações de idéas , não se transmite : a que Archisabio destes agora da moda , Archidoctores em politica Napoleoa , e decoradores de

Gazetas, que possuem todo o chavão em peço das Proclamações, e das Intimações, que fazem os Generaes huns aos outros, transmettirão seu engenho Spinoza. Descartes, Newton, Pascal, e Muschembrock? He verdade, que nas Artes, e Sciencias ha certas disposições, e methodos, que permanecem, e que põe o engenho em estado de executar facilmente o que se não podia fazer antes sem vencer extremas difficuldades. Mas estes meios deixados pelos nossos predecessores não augmentão a força real dos engenhos. Acaso hum desses nossos rapazes do Collegio dos Nobres, que resolvem sem trabalho as equações do terceiro genero tem a força de miolos que tinha Archimedes, Galiléo, e Varignon? Parece-me que o uso facil destes meios enerva, ou alassa as molas da penetração, assim como o habito de andar a cavallo, ou em sege enfraquece a faculdade de ca-

minhar a pé. Ora seja o que for, mas se querem perfectibilidade progressiva no engenho humano, eu desejára, que se aperfeiçoassem os meios de sabermos com facilidade domar nossas paixões, que he o que tem sempre perturbado, e perturbará ainda por longo tempo a harmonia das nossas sociedades civis, e o estado politico do Mundo. Tomára que me dissessem, se pelos progressos da razão se poderão achar methodos, e formulas para vencer as paixões, como se tem achado para resolver os problemas de Geometria? Ah! proverbio Portuguez, quanto vales, applicado á boa prea do homem neste seculo, e nos que virão por nossos peccados, se no Mundo continuar a haver Francezes. He o burro de Vicente, que cada feira vale menos? Se a razão se aperfeiçoa nas machinas de Fysica Experimental, e na achada, nomenclatura de bixos, gafanhotos, e raba-

ças na Historia Natural, porque se não aperfeioa na moral, e na sua filha mais velha, chamada Sciencia da Legislação?

SOLILOQUIO LVIII.

EU costumei sempre a considerar as cousas por todos aquelles lados por onde elles podem ser contemplaveis, ou por onde as podesse encarar o meu fragil bestunto, e julguei, que este devia ser o emprego, e fim da por tantos annos estudada Filosofia. O grande objecto contemplavel neste seculo, e o que merece a mais filosofica attenção, he sem dúvida a fatal Revolução Franceza. Depois de a contemplar analyticamente, e de caminhar até a sua raiz pela face moral, e politica, e de lamentar os seus concomitantes, e consequentes destemperos, e parvoíces, eu a medito de continuo pelo

lado scientifico, e litterario. Lamentei a funesta quéda, que com ella dérão as artes, vi expirantes no seu seio a alta Poezia, a sólida, e nervosa eloquencia, a magestosa Historia, o gosto filosofico das humanidades, a crítica apurada, o gosto, e o sabor do antigo, tudo se sepultou, e os grandes homens, que a mesma França tinha produzido, não forão mais considerados como exemplares, e modélos que se imitassem, apenas se juntárão seus Bustos, e Imagens em hum vasto salão para serem esquecidos. Mas vi entre estes parocismos, em que agonizou a França litterata, aquillo mesmo que se observa na luz moribunda de huma candeia: lançar hum maior, e mais vivo clarão para se apagar de todo; reunirão-se todos os esforços, e fazendo hum grande impeto para entrarem no Templo da Fama, e da Memoria, acabarem, e extinguirem-se de todo.

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXVIII.

Continuação do Soliloquio antecedente.

Este grande prodigio se observou no anno decimo da Republica, a quem Deos perdoe, que jaz debaixo dos pés do enterrador de tudo o que cheira a humanidade, e a descanso social, o Corso Bonaparte: elle sepultou de todo a França, e anniquilou a sua gloria, e ainda que parecia no tempo de Consul querer promover as Instituições litterarias, fazendo grandes visitas ao Lyceo, e houvindo por lá espraiaados Panegyricos das suas altas virtudes, logo me doeo o cabello, quando vi Presidente do Instituto, o inepto ver-

sejador José Chenier , e o Farcista Picart , membro tambem do mesmo Instituto. Todos estes Collegios , e Printaneos , erão na mente do Consul viveiros de Recrutas para as futuras rapinas , quando se visse Imperador. Porém no meio destes estragos , entre estes tristissimos restos do miseravel naufragio , em que pereceo , e se affogou a França , apparece o ultimo milagre da litteratura , e hum monumento levantado ás Sciencias que fará vulto em todos os seculos ; e que obrigará á Posteridade a olhar com mágoa para as ruinas da mesma França , quando entre ellas vir levantar a magestosa cabeça esse alentadissimo Colosso da litteratura. Ora venha elle , porque se isto se chegar a imprimir algum dia , já aqui terão chegado com impaciencia os piissimos Leitores. Eilo-ahi vai.

Historia Natural , geral , e particular , por Buffon acompanhada de Notas , e na qual vão inseridos os

Supplementos no primeiro texto, e no lugar que lhe compete. Ajuntase a tudo isto a Historia Natural dos Quadrupedes, e Aves, que se tem descoberto depois de Buffon, a dos Reptiz, Peixes, Vermes, e Insectos; e a Historia das Plantas, que a morte não deixou escrever ao mesmo Naturalista, composta por Sonini, que n'outro tempo trabalhou de mão commum com Buffon na parte Ornitologica. Esta portentosa Obra, Compilação mais estimavel que todos os Originaes, estende-se a 70 volumes em 8.º grande, o caracter he elegantissimo, o papel fino, as margens fartas, e 1300 Estampas. Eu vi, e li de fio a payio esta grande Obra huma das mais vastas empresas da litteratura. Á sua publicação, assim como he hum pleito, e homenagem dada ás Sciencias, tambem he hum testemunho da encantadora força da Natureza, quando grandes pinceis sabem traçar a sua imagem sobre o engenho humano. Admirei conser-

varse seu imperio intacto entre os ultimos arrancos da escravizada França, no meio das desordens, e calamidades a que a sujeitou o Despota Pigmeo. Os homens que cuidarão nesta edição, fazendo enôrmes despesas quizerão por certo aplacar os manes do Author, com tanta justiça indignados com a morte de seu unico filho, a quem Robespierre fez mais pequeno de corpo, cortando-lhe a cabeça na guilhotina, devendo salvar-lhe a vida sua ultima palavra em que parece estava toda a alma de seu Pai „Eu me chamo Buffon„ He este o Discurso mais pathetico que se tem pronunciado, e que devendo enternecer o Povo, o devia tambem obrigar a arrancar das mãos da morte o filho de hum homem, que tinha com seu immenso saber não só illustrado a França, porém honrado a humanidade.

Se os monumentos litterarios, quando se empregão em objectos uteis, qual he a descripção do Palacio que

nos deo para habitar a Providencia, fazem a gloria dos seculos em que apparecem, Buffon foi o mais sábio Architecto do Templo mais augusto, e magestoso que se tem levantado á Natureza. Buffon illustrou o seculo, que foi testemunha de seu trabalho, applicação, e estudos, é o tempo justo, e imparcial apreciador das acções dos homens, transmittirá a memoria de seu vasto, e milagroso engenho. A Posteridade citará com admiração a Epoca, em que este raro homem compunha paginas de que a immortalidade se assenhoreava logo. Mas seu engenho ainda que vasto, e capaz de abranger em si toda a planta de hum Edificio, que não tinha outros limites senão os limites da Natureza, não podia chegar ao fim, mas suspender-se, e parar no meio da carreira. Não bastava para tanto huma longa vida; a morte, que só se não resolve a acabar com Bonaparte, veio interromper seu infatigavel estudo. Ficou imperfeito o

Templo, cuja faxada, e algumas outras partes são tão brilhantes, e magnificas. A mesma admiração com que se contemplava este soberbissimo monumento imperfeito, creava, accendia desejos de o acabar; esta Obra que ha de rivalizar a duração ás Piramydes. Os Redactores, que a publicarão no anno 10 da loucura, ou da Republica Franceza, não quizerão temeraria, e sacrilegamente tocar no trabalho deste rarissimo homem, nem profana-lo com o contacto do seu, e do proprio. Elles admiravão como amantes da Natureza o pincel sublime, e succoso, que tambem a soube pintar. Venerarão igualmente o modelo, e o Pintor, e por isto, nem mudarão, nem alterarão em parte alguma o texto original. Os Supplementos que Buffon publicou successivamente vão interpostos, e fundidos no primeiro texto no lugar que lhes compete, de maneira que o leitor acha em cada hum dos artigos, tudo quanto lhes

diz relação , sem necessidade de recorrer mais aos monumentos que até alli andavão dispersos. O que não póde hir no texto , vão em notas tão numerosas como importantes , que expõe em toda a luz objectos , que a observação , e viagens fizérão mais conhecidos depois da morte do Plinio Francez. Além das notas , ha addições preciosissimas em muitos artigos de grande vantagem para o conhecimento da nunca assás contemplada Natureza.

Este grande trabalho he todo de Sonini , porque La Cepede metteose a Conselheiro das ladroeiras Napoleoas , e Architecto de mentiras nos grandes Jornaes do Gabinete das Arpias. Sonini era já conhecido não só por companheiro de Buffon , mas por Author de huma viagem ao Egypto , que como a de Savari , e Volnei , e a do antigo Consul Maillet tanto esquentou as cabeças Francezas persuadindo-lhes , que as Aguias tinham ali que empolgar. Ora Soni-

ni tinha já grande reputação como Naturalista, grande nomeada de Escriitor puro, e judicioso em materia de litteratura amena, e para dar os ultimos toques neste soberbissimo Quadro, que não detem hum momento os olhos, como os de Rafael, mas que occupará por seculos a attenção do entendimento, se tinha associado alguns sábios, que mettidos por agoas furtadas nas mais escuras ruas de Paris escapavão á guilhotina como Le Treille, Montfort, Felibert, e Ver-ci, todos exercitados em observar, e pintar a Natureza. A reunião destes talentos, nutridos no silencio, e no estudo contribuiu de todo para a acabada perfeição desta obra immorttal, e perfeitissima até no apparatus exterior, o buril Francez, que de todo se embotou ogora, tambem fez os derradeiros esforços, reformárão-se as antigas chapas, abrirão-se outras de novo com desenhos mais correctos, e exactos; illuminárão-se as estampas, que representão ao natural

todos os objectos, e ha nesta admiravel edição tudo o que se chama luxo typografico, e apenas sahio á luz do mundo ficarão em França tapadas de pedra, e cal as portas do Augusto Templo da Sabedoria, das Artes, e do gosto. E quando se tornarão a abrir? Eis-aqui hum problema irresolvivel, porque pelo geito que Bonaparte vai dando á França, este foi o ultimo arranco de litteratura, e expirou.

O Estado de pulimento a que França havia chegado, não declinou gradualmente como aconteceu em Roma desde o seculo de Augusto até ao fim do seculo dos Antoninos, transformou-se repentinamente em hum furor wandalico: phenomeno unico na Historia de todos os Povos do Mundo: assim com as Sciencias, e as Artes nunca sobirão repentinamente, tambem nunca repentinamente baixarão. Sobem como aparentemente sóbe o Sol, e como elle declinão até se esconderem. Só

em França caminhando para o Zenit desde os dias de Luiz XIV. subito se escondêrão debaixo d'Orizonte. Parece que a ancia de juntarem de todos os angulos da Republica das Lettras os monumentos mais preciosos, nascerá do amor das lettras, e do estudo.

Forão roubadas as Bibliothecas de Roma, de Milão, e de Florença. Foi a Italia toda saqueada de suas riquezas Litterarias para se ajuntarem todas em hum Museo de París; mas esta reunião de preciosidades, que enobrecião a Italia seu berço, e seu mais amado domicilio nasção do mais sordido espirito de avareza. Não as estimão como sábios, roubão-nas como cobiçosos, e ladrões. Depois de tantos furtos acabarão as Artes em França, não digo só as que dependem de engenho, mas as que tinhão perfeição no trabalho mechanic das mãos. Quando produzirão os Francezes hum Poeta como Boileau? Isto he pedir

muito. Quando darão os Francezes huma maravilha em Typografia como he a edição das Obras deste Poeta da Razão feita em 1747 em cinco volumes em 8.º ? Nunca.

SOLILOQUIO LIX.

OS homens são vãos por natureza, e parece na verdade innata esta tendencia para a vaidade, e para entonação: querem ser ou ao menos parecer alguma cousa, querem existir de hum modo vantajoso no entendimento dos seus semelhantes, e sendo esta mania tão universal, que abrangê todas as classes ainda as mais miseraveis, e obscuras acommette, e tyranniza mais particularmente os Literatos. Tem justificado de tal maneira o amor da glória, e da celebridade do nome, que os mesmos que escrevem contra a fama, pertendem com estas estranhas invectivas eterni-

zar seu nome , e sua memoria. Os Litteratos huma vez que se persuadão que tem na cabeça mais nomes , mais factos , mais datas , que os outros homens , já se julgão habéis para occupar os primeiros lugares no governo da Republica , e de dar leis ao Mundo. Julgão-se com ufania huns entes de huma ordem superior , olhão com desdem para as outras creaturinhas , e exigem huma contínua homenagem , hum profundo respeito , e huma aturada veneração dos outros homens. Erigem-se em mestres do genero humano ; o insaciavel prurito , ou comichão de se distinguir , lhe metteo em cabeça a formação de certas associações , chamadas Academias , onde não todos , mas alguns , são admittidos com ceremonial enfadonho , e soberbo , e na exclusão dos mais fazião hum povo á parte , que considerava o resto dos dados ás Lettras como ineptos , ou ao menos muito a quem da grande perfeição , que era preciso para ser admittido na

Confraria. Mas destas confrarias pouco fructo se tirava, porque ainda que se ajuntassem depois as Memorias, isto he, o que cada hum em particular compunha a seu arbitrio, vinha isto a ser hum corpo informe, sem plano, sem systema seguido, crecção os volumes, e não crecia a obra. He immensa a Collecção das Memorias da Academia das Inscriptões, e Bellas Lettras, porém em tantos volumes não ha duas Dissertações que se pareçam, ou que se empreguem na mesma materia. He cousa bem digna de notar-se, que as Obras originaes, e completas, os Tratados Elementares, os grandes corpos de Historia, os diversos systemas de Filosofia, nunca sahirão das Academias. Newton não era Academico, nem Spinoza, nem Locke, nem Bayle. Ha grandes Dissertações na Collecção das Memorias da Academia das Sciencias, nas Transacções Filosoficas, mas não ha hum Tratado Filosofico, Systematico, de

Methodico. Ha idéas novas , mas não ha huma obra. Ora estas Aca-
demias em França ; e Inglaterra , erão
sem dúvida cousa séria , porém as da
Italia , além do Instituto de Bolo-
nha , tudo mais era cousa pueril , e
ridicula : bastão para se conhecer
esta verdade os seus titulos , e deno-
minações. Em Florença houve huma
famosa Academia , chamada a da Co-
dea , e os seus alumnos , chamárão-
se Enfarinhados. Houve a Academia
dos Humoristas , dos Apatistas , dos
Eteréos de Padua , dos Furiosos , dos
Innominados. E em Portugal ! Oh ca-
tierva vergonhosa ! A dos Occultos :
a dos Anonymos , porém nas Obras
punhão o seu nome , e dizião „ Ma-
nôel André , Academico Anonymo :
a dos Singulares. E que quererá di-
zer tudo isto. Quer dizer juntarem-
se huns poucos de homens em casa
de outro homem , até em dia de En-
trudo como nas Academias de Fr.
Simão , ler o Presidente huma cousa ;
chamada Oração , se ha assumpto li-

vre dizer cada hum o que lhe lembra, se ha assumpto obrigado como na Academia dos Singulares havia sempre, hum dos mais graves Programmas era, e foi este „ Cloris, lendo á luz huma carta de Fabio, passando huma nuvem lhe tapou a luz, e ella desesperada, ragou o papelinho. Outro Programma „ A cutilada que deo o Conde da Torre no pescoço do Touro, que o decepou, e ainda a ponta da espada se foi metter no chão. „ Para isto se juntavão duas duzias de homens, cada hum lia o que fez, e no fim tudo se entregava ao Secretario.

Em França tambem havia destas, e a Academia dos Jogos Florais, instituida pela formosa Clemencia Isaura, não ficava devendo nada em ridicularia ás de Italia, e ás de Portugal, que não vio cousa séria neste genero, se não quando se instituiu a da Historia Portugueza, cujos Estatutos acreditão sobre maneira o Marquez de Alegrete, Manoel Telles da

Silva, e a das Sciencias de Lisboa. Na da História Portugueza faltou hum Genio redactor de excellentes memorias, para prevalecer em tudo a força do destino, que não quer que tenhamos hum corpo completo de Historia da Nação escrita filosoficamente. Em fim veio a maldita, e destruidora Revolução, deo com tudo de pernas ao ar. Ouvio-se de Norte a Sul o baque estrepitoso da queda de todas as Academias, e virão-se labendo os ares as altas lavaredas da grande conflagração das quarenta poltronas do Louvre, e de milhões de Panegyricos de S. Luiz, e do Cardeal de Richelieu; ouvio-se o estouro do sello, e dos cunhos das medalhas consagradas á Immortalidade, distribuidas aos 230 das letras do Alfabeto para a composição do Dictionario; em que os das letras X, e Z ficão sempre de melhor partido, e gloria igual! Que espanto, e que peso de melancolia para hum homem que fosse das 26 Academias

que havia em França, além da correspondencia com as Estrangeiras ! Apparecer despojado repentinamente de 26 aureolas de que andava cercado, escoltado, e coroado pelas vastas Praças de París ! Dias afortunados erão aquelles para os Litteratos Francezes ! Lembrava-se hum de escrever huma carta á tal, ou tal Academia, e no correio seguinte já recebia o Diploma da recepção. Se viajava pela brilhante Italia, ou pezada Alemanha, hia no centro brilhante da grande, e incontestavel nomeada visitar o Presidente, ou o Secretario de alguma Academia, nessa mesma noite, e ainda antes do chá, era proclamado Membro da dita Academia, e convidado (o que em nenhum caso podia fazer mal) convidado para hum jantar solemne: sentado á mesa entre os Corifeos da sabedoria, já saboreava a immortalidade, promettida, e affiançada pelos Collegas, tão vãos como o recebido candidato. A brilhante, e inexau-

rivel litteratura os entertinha satisfeitos entre mutuas, e reciprocas li-sonjas até depois da meia noite. Este montão de gloria se dissipou de repente: Todas as coroas de Era, e de louro se murcharão. Vierão os crueis revolucionarios, desastrados dissipadores de tudo o que era bom, e de volta com os pergaminhos da antiga nobreza, tambem levarão, e tambem queimárão os pergaminhos acadêmicos, e todas as cartas dos Secretarios, que attestavão as brilhantes recepções entre os sempre discordantes quarenta, e fizerão em cinzas aquellas respostas aos cumprimentos dos entrantes, que os recomendavão, aos favores, ás homenagens aos respeito da posteridade, Letras improtestaveis em o negocio, e transacções de Sapiencia, tudo foi reduzido a cinzas, tudo foi convertido em nada. O frenesi wandalico revolucionario deo cabo de todo o apparatus das peças immortaes, que levarão o premio, ou por intri-

ga, ou parcialidade. Isto era cousa insofrível, e insuportavel á vaidade dos Litteratos. Sempre depois das mais pesadas desgraças começam de apparecer alguns visos de consolação. Entre os estragos, e sangue do atroz dominio do Mestre de Bonaparte, Roberspierre, começou a annunciarse de toda a parte a resurreição das Academias, ainda que debaixo de outros titulos, e dominações, porém nomes verdadeiramente soberbos! Oh que alegria para os Litteratos! Estes cometas crinitos, ou cabelludos da gloria scientifica, que senão esperavão lumbrigar mais depois de se haverem somido invisiveis no espaço revolucionario, outra vez começam de surgir no ponto visivel da sua excêntrica ellipse. Renascêrão as coroas, e virão os sábios, quanto era duro, repugnante, e medonho apparecerem nuz, e crúz aos olhos da posteridade, com hum nome despojado dos titulos Academicos. Não se poderão conter, e eis huma chusma, huma

recua de Academias com os pomposos titulos , e brilhantes alcunhas de Athenas , Printaneos , Liceos , hunc centraes , e outros circumferenciaes. Já ha membros do Instituto , e já os lugares são brigados , e disputados com hum rancor mais profano que os dos dois Irmãos de Thebas , e os dos quarenta da Academia. Mas aos novos Liceos , aos novos bosques de Academo , aos Platanos de Fronto-
 nio , ás novas salas de Platão falta huma cousa , que não faltou nem á defunta Academia Franceza , nem á Sociedade Real de Londres , falta hum cozinheiro (axioma incontestavel) sem cozinheiro , não ha estabilidade em todos os corpos Litterarios , este he o verdadeiro ponto de apoio , e a base sólida. No Printaneo , no Atheno das artes , no Liceo central não ha Cozinheiro , não ha Mordomo , nem Thesoureiro tão opulento como Buffon era da Academia das Sciencias. Sem hum jantar de recepção , sem huma esplendida ceia de Sessão

Ordinaria ; que prazer , que gloria ha em ser Academico ?

SOLILOQUIO LX.

HUm dos maiores erros, ou maiores defeitos das theorias de Moral, com que se pretende conter, ensinar, e dirigir os homens no estado social, he a falta que nellas se encontra de conhecimentos da constituição fysica dos mesmos homens: este conhecimento he a base constitutiva de toda a Sciencia, que diz respeito ao mortal. Sem se saber que cousa seja fysicamente este bichinho, que se chama homem pelo que pertence ao seu corpo, debalde se lhe intenta dirigir o espirito, e sujeitar a vontade ao jugo da Lei, e aos dictames da razão, e da virtude. Primeiro se deve conhecer o homem Fysico, depois o homem Moral. Locke, e Condillac nos terião dado huma

melhor analyse do entendimento humano, e descobrição melhor a origem, e a formação de nossas idéas, se hum pouco mais houvessem penetrado o abysmo deste ser fysico, que se chama Corpo organico. Os homens que cultivarão a Filosofia Racional com maior vantagem, forão os que possuirão maiores conhecimentos de Fisiologia. Taes forão Pitagoras, Democrito, Hyppocrates, e Aristoteles entre os antigos. Estes Padres Conscriptos da Filosofia, procurarão conhecer o homem em seus diversos estados, e buscarão no estudo das Leis da Economia Animal, e em todos os objectos, que podem influir sobre ella, e modifica-la, as noções necessarias para estender, dilatar, e aperfeiçoar as faculdades humanas. Entre os modernos o Inglez Bacon, sentio primeiro que ninguem a necessidade do estudo de Fysica Animal, e caidou de véras em tudo o que pôde influir poderosamente na constituição Fysica, e Moral do homem.

Descartes, que sem dúvida deo hum grande impurrão no entendimento humano para o conhecimento da verdade, fez o mesmo, buscou as molas do pensamento, e a origem das paixões na organização Fysica. Locke que deo alguns annos ao estudo, e ao Officio da Medicina, diz, que encontrou o principio de nossas idéas em nossas sensações, e Bonet Sui-so infatigavel em escrever, e que não foi sempre muito feliz na applicação, que fez de seus conhecimentos anatomicos ás operações do entendimento, ao menos fez vêr a ligação necessaria, que se acha entre a disposição fysica de nossos orgãos, e o nosso modo de sentir, e de raciocinar. Em fim Mestre Helvecio, que na Taboada das Finanças deo em Fylososofo, e o célebre Preceptor do Duque de Parma andarião melhor pelos caminhos, que intentárão abrir, se tivessem maior, e mais profundo conhecimento da Economia Animal.

A sensibilidade Fysica he o ul-

timo termo a que se chega no estudo dos phenomenos fysicos da vida, e he o ultimo resultado, ou o principio mais geral que nos dá a analyse das Faculdades intellectuaes, ou operações da alma. A sensibilidade nos faz conhecer os objectos externos, e nossa propria existencia, mas estas impressões podem ser modificadas pela organização primitiva dos individuos, pelas circumstancias da idade, e do sexo, pelo clima, pelo regimen, e tambem pela natureza, e ordem dos trabalhos, e dos habitos. Prova-se contra Condillac, e contra os outros analyzadores do entendimento humano, que nossas idéas, e determinações Moraes, não tem por principio unico as sensações externas: tambem as impressões internas, que a acção dos orgãos nos faz sentir, contribue para sua formação. He cousa sabida, e por mim experimentada, que as doenças, e mais que tudo febre aturada, invertem, e prevertem a ordem habitual das idéas,

e dos sentimentos ; excitação appetites extraordinarios, e extravagantes ; e nossa alma se acha entregue a idéas risonhas, ou sombrias ; a sentimentos agradaveis, ou funestos, segundo o estado interior da machina. Huma das maiores alterações, que podemos experimentar em nosso modo de sentir he a que produz algumas vezes, a mais fatal, e medonha de todas as doenças, que he a dentada de cão damnado, e na frase do Esculapio a Hidrofobia. Tem-se visto infelizes mordidos de cães damnados, imitar os passos, a voz, e manifestar as inclinações destes animaes. Huma serie de provas incontestaveis desta eterna correspondencia da disposição fysica de orgãos com as nossas idéas, e afeições, he o quadro das idéas, dos sexos, e dos temperamentos, que parecem estabelecer huma multidão de existencias diversas, sucessivas, ou permanentes, onde a ordem Fysica, e ordem Moral se achão ligadas com huma cadeia indestructivel.

Quando attendemos para os attributos, que caracterizão a constituição das crianças, delles vemos dimanar necessariamente a actividade tumultuosa, e a mobilidade, que faz desta idade terra a pèlle de todas as impressões que a vem assaltar. Esta actividade, e mobilidade, se affrouxão á medida que os órgãos tomão consistencia, e dão lugar a movimentos mais tardos sim, porém mais firmes, e seguros. Huma duplicada gradação de mudanças fysicas, e moraes conduzem o homem da adolescencia á juventude, onde a plenitude da vida se manifesta pala força, e actividade dos órgãos, pela vivacidade do movimento dos humores, e por huma vehemencia em todas as acções, que acompanha sempre o sentimento profundo do poder. He muito curto, e rápido o intervallo que se acha entre este estado brilhante, e o estado do affrouxamento da carreira dos homens, e huma sensivel diminuição de energia nos órgãos come-

ção de lembrar ao homem a proximidade do cimiterio ; esta degradação cresce a olho , o principio do movimento se enfraquece tanto , quanto os instrumentos se tornão menos capazes de obedecer á sua impulsão ; as operações do espirito , são mais vagarosas , e esitantes : o caracter se torna cada vez mais tímido , desconfiado , e inimigo de empresas arriscadas , e perigosas. Se este fôra o estado contínuo da vida , quantas desordens , e desgraças se pouparião ! Huma necessidade fatal obriga o velho a reflectir continuamente sobre si mesmo , e o egoismo destes tediosos tartarugas he obra immediata da natureza. O velho não encontra mais que resistencias , e a difficuldade de existir , lhe faz appetecivel este repouso eterno , que a natureza communica a todos os entes como huma noite socegada depois de hum dia de contínua fadiga , e agitação. Em a analye destes diversos estados , e situações do homem se descobre hu-

ma nova fonte de idéas, e de sentimentos, que não devião escapar nem aos Methafysicos, nem aos Moralistas. A theoria particular dos temperamentos tambem devião entrar em razão de conta, e sem ella não se poderá jámais conseguir o conhecimento do homem Moral. Os antigos, e os modernos admittirão quatro temperamentos, mas estes combinão-se, modificão-se, misturão-se de infinitas maneiras em hum mesmo sujeito, nesta mistura tambem se deve buscar hum grande motivo das suas affeições moraes. Além dos quatro, parece-me, que segundo o pensamento dos mais atilados Fisiologistas se devem determinar mais dois. Hum provem da acção predominante do systema nervoso, e outro deriva-se da predominancia do systema muscular. Destes differentes fundos de organização nascem habitos, e effeitos moraes que varião como as causas fysicas, que o determinão.

SOLILOQUIO LXI.

DIz hum proloquio Portuguez , que duas vezes somos crianças , eu digo , que considerando-nos a certos respeito , sempre somos crianças. Não ha tempo em todo o circulo da nossa existencia , em que não gostemos de ouvir hum conto. Na Corte , na Aldeia , nos Botequins domicilio da peste , e da ociosidade , em nossas casas , no campo , no mar , em se ajuntando homens , huns contão , e outros escutão. Até os Monarcas , e os grandes da terra costumão ter seus caturras , a quem com muito interesse , e paciencia ouvem seu conto. Isto não se observa unicamente nos Palacios , descobre-se , e com muito prazer até nas Tabernas. Eu páro muitas vezes para vêr , e gozar hum semelhante espectaculo. Vejo á roda de huma encebada banca hum respeitavel Senado. Hum bebado faz de

Presidente , está com o copo na mão empunhado como hum sceptro do imperio da alegria. Luzem-lhe os olhos , e brilhão-lhe as faces como as de hum Bretão. Que faz elle ? Embebeda-se , porém conta. Os outros o escutão , com hum bom palma de boca aberta , e quanto mais destemperos , mentiras , e absurdos elle amontoa , mais cresce , e se augmenta a alegria , e o extase dos Senadores. Corrão-se para desconto de peccados os mais afamados , e envernizados cafés de Lisboa , nelles assim como ha huma mesa reservada para os notaveis ociosos , tambem ha hum contador mór , que se arroga o privilegio exclusivo de fallar , e de ser escutado. Este oraculo contador faz a paz , e a guerra , promulga as leis que lhe parece , traça planos de campanhas , determina em hum Mappa velho , que elle nem conhece , nem entende , as posições que devem occupar os Exercitos , e depois das batalhas faz as promoções ne-

cessarias, este homem raro, e universal tem pescado com sua rombissima penetração os segredos de todos os Gabinetes; ainda não passou hum Bil pela Camara baixa, já elle o publica, ou approva, ou regeita na loja de bebidas. Seus ouvintes estafados desertão da mesa algumas vezes, porque os ouvidos cansão, e eu já presenciei mais, que foi huma lethargia universal, derramada pelo auditorio, e o oraculo tão embebido em si que não advertia, que os mais dormião, e elle contava. Tu desafortado, tu tivestes a habilidade de derramar esta dóse de opio: Mas he tal a magia de hum conto, ainda que seja tão ridiculo como os deste enterrador, que se hum auditorio desabelha, e se vai, outro torna, e o contador infatigavel sempre tem ouvintes. Pois nas plateas dos theatros! Oh, rua dos Condes, em ti se encontrão os mais sobidos, e acrisolados contadores! Olhem para aquelle causidico Rabula, e embulha-

dor, Bacharel Rémore o eternizador de pleitos, que conta na platea, e jura em casa, que está doente. Este homem sabe de antemão o reportorio da semena, sabe a peça nova que ha de ir a terra, a que ha de sofrer trinta e nove recitas, conhece o amante de cada Actriz, boas rezes, na verdade, e boas vasilhas! Sabe a intriga de cada Actor, fulmina contra os abusos de theatro, e diz, que no seu tempo não ia a cousa tanto de fôz em fóra. Lembra-se do Pedrinho, e do Sylvestre; vio pela primeira vez José da Cunha, feito Carcuma na Esposa Persiana: conta mil historias dos Actores do seu tempo, e se o deixão, canta huma aria da Zamparini, e engrola dois gorgeios do Egicieli. Todo o mundo circumstante o deixa fallar, e sabendo-se que nascêra muito para cá do terremoto, não lhe vão á mão, quando diz, que víra representar Alexandre na India, e a companhia de cavallos, que ia dando cabo do palco, e proscenio

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXIX.

Continuação do Soliloquio antecedente.

da Ribeira das Nãos; enche os intervallos de duas peças, não deixa ouvir a synfonia, e vai contando por diante, e acha sempre escutadores. Mas isto são quadros vulgares, e corriqueiros, ha cousa ainda mais fina, e mais dilicada. D. . . . tuneja 39 annos, mas conserva ainda grandes meios de agradar. Esta sábia traductora de Novellas, conhece pelas suas profundas, e aturadas leituras da Princeza de Claves, ou de outro qualquer Romance, que se chame Sofia, Adelaide, Matilde, (porque nenhum se pôde chamar Joaquina,

Antonia, ou Sebastiana) que os prazeres que nascem do engenho, e da amabilidade são mais duráveis, que os que procedem da belleza, e dos encantos da namoração. D. . . . ainda tem, senão adoradores, ao menos admiradores. Todas as noites ha grossa companhia em sua casa; conversa-se (coisa rara no dia de hoje, porque apenas dão trindades não ha mais que banquinha, véla, naipes, silencio, e a troeira.) Quasi sempre são os mesmos sujeitos da sessão. As Historias, os contos de toda a casta chovem de todos os lados para variar a conversação, e fazella mais picante, e animada. Mas não são anedotas triviaes, contos corriqueiros. Tudo o que se diz he apurado no centro do gosto. Em casa da Senhora D. . . . existe a arte de contar bem. Que talentos são precisos ao contador desta brilhante companhia! He preciso primeiro que tudo, que elle faça sentir, e conhecer a importancia, e a escolha da historia que

vai a contar , depois he precisa grande arte de a trazer a proposito , para isto em casa da tal . . . he precisa huma intelligencia secreta , hum tacto , ou hum sentimento fino , que muito raras vezes se encontra. He preciso que elle saiba triunfar de todos os obstaculos : se pedio attenção ao respeitavel auditorio , desgraçado d'elle se a deixa escapar , e a tal attenção desaparece desde o instante em que começa a cansar-se. Se lhe não mistura certas aluzões , cuja applicação seja facil , e gostosa aos pios ouvintes tudo esfria , e a sua prelenga deixa de ser interessante. Entre estas prelengas ha humas que vivem mais expostas a desgraças , são aquellas historias que acabão em hum termo , frase , ou expressão donde lhe vem toda a graça , e todo o preço. Se o recitador chega a esta palavra , de que todos estão pendentés , e a pronuncia sem efficacia , e sem effeito , o que quasi sempre vejo acontecer , a assembléa dos no-

taveis ociosos fica paralytica, e gelada, e o contador embaraçado, e corrido, e deve assentar no seu coração de nunca mais abrir bico em dias de sua vida. De ordinario estes contantes querem desde o principio da narração produzir hum grande effeito, dão-lhe com todo o chumbo nos primeiros encontros, e por isto se esquecem de ir graduando a relação, e preparar progressivamente o grande dito de que pende a boa dita do seu conto. Quasi sempre a pouca habilidade do Historiador faz advinhar desde o principio qual seja o feicho, e por isto se perde, desaparece a historia, e o contador tambem. Muita estima se fazia noutro tempo desta apurada arte de contar bem no meio de huma sociedade, era hum talento apreciado, buscado, remunerado. Agora já lá vai isto. Eu não sei o que se tem substituido a este Aticismo tão louvado entre nós antigamente. Na maior parte das companhias nada se escuta já.

O talento he aborrecido, porque poucos se dão ás artes, aos conhecimentos; a engraçada agudeza desterrou-se, ou ha a melancolica taciturnidade do jogo, ou a maledicencia descarada com que se retalha a reputação alheia, ou a mania politica do Bonapartismo, que absorve os homens, e nunca se encontrarão quatro juntos a conversar, que se não môão com o frenetico Despota da Europa. Antes desta fatal época, havia outro alimento para a existencia social dos homens, e entre nós os Portuguezes principalmente, inclinados fomos sempre a nos rir das aventuras dos nossos, e quasi não havia acção, em que não buscasse-mos rir. Apertados de fome, e cercados de Moiros em Tangere, e em Diu, rião, e contavão distantes dois passos da morte. Agora mesmo tyrannizados, roubados, e despídos pelos Francezes ainda ha quem no meio de occultas sociedades conte com extrema graça, e se ria da enfiada de parvoices, de

sandicês que elles comettem , fazem , dizem , imprimem , e decretão ; parece que o primeiro mal que os Portuguezes temem he o tédio , e o enjojo da vida. Mas eu vou já muito longe com a minha comprida arenga , callo-me , porque não digão os pragueiros , que tratando da arte que alguns tem de enjoar quem os ouve , quando contão , eu dou o preceito , e mais o exemplo.

SOLILOQUIO LXII.

PAra haver ladrões no mundo , não houve mister que Bonaparte abrisse huma tão brilhante , e tão bem disciplinada escôla ; em todos os seculos houve professores eminentissimos , e he profissão tão bem estabelecida , que se reduzio como os outros conhecimentos humanos a huma arte methodica , com principios , axiomas , theoremas , e todo o mais aparato ;

e travessão do rigor das demonstra-
ções mathematicas. Em Portuguez
temos hum bom tratado desta im-
portante sciencia, e alli estão lança-
das as regras da theoria sublime; li-
vro util pelo que descobre, livro
pernicioso pelo que pôde ensinar,
que tem o desconho, que eu tenho
notado em alguns pouco expertos, e
prudentes Missionarios, que pintão
tão ao natural a maneira de commet-
ter hum crime, e descobrem tão cla-
ramente os esratagemas da malicia,
que a innocencia tem perigado, pon-
do em pratica as noções, que per-
cebéra. Assim a arte de furtar, que
se atribue a Antonio Vieira.

Sem dúvida he infinito o nume-
ro dos ladrões, cuja maldade as mais
das vezes nem he intelligivel, nem
calculavel. Hum dos maiores para-
doxos de Jaques, he dizer, que os
ladrões não discorrem mal a respeito
de seus interesses appropriando-se a
fazenda alheia, na alternativa de es-
colherem, ou este officio, ou na re-

signação de viverem na miseria, e no trabalho. He verdade que correm risco de verem a sua pompa funebre em vida, e de ouvirem os devotos Irmãos da Misericordia pedir para os suffragios da alma deste seu Irmão; mas este risco he sómente para os desgraçados, que estão reduzidos a roubar segundo a definição legal deste delicto, mas ha tantos meios de roubar, que se definem mais civilmente, e que são impunidos, e quasi applaudidos, e respeitados, que dão lugar a roubar muito, e a passarem os ladrões por homens honrados. Estes no pensamento de Jacques, e de seu melancólico antecessor o Duque de la Rochefoucauld; cuidão bem nos seus interesses, se se considerão as vantagens só da vida presente. He verdade que ha infinitas maneiras de roubar, que as Leis só punem huma só; e se os processos feitos aos que se apossão da fazenda alheia se fizessem por Deos, e não pelos homens, e apparecessem

na frente de todos aquelles que roubão, ou que individamente retêm a fazenda alheia, ou por occasião de herança, de demanda, ou de negocio, achar-se-hião poucos, ou quasi nenhuns, que não possuissem do alheio quanto bastasse para os fazer caminhar pomposamente escoltados até o Cães do tojo. Com tudo isto, nunca passará a verdade, o calculo de Jaques, ou escandaloso paradoxo, de que cuida nos seus verdadeiros interesses, quem funda sua fortuna em extorquir, e usurpar de qualquer maneira que seja a fazenda alheia, e que cuida nestes interesses menos aquelle, que se determina a viver com os proprios meios, com a propria industria, e com as mãos puras, e limpas de toda a contaminação rapinante.

Que vantagem he para o homem honrado, em primeiro lugar não ter cousa alguma, viver com humã reputação sem mácula, e poder mostrar por toda a parte hum palmo de

cára descoberta, e serena, podendo todos em seu aspecto ler, e considerar os não equivocos signaes, o testemunho interior da consciencia, e huma segura confiança ! Como he possível que a hum homem verdadeiramente puro, e honrado, ainda que pobre, faltem verdadeiros amigos, vivendo este homem em hum Paiz, que não seja a França? Como he possível que lhe falte hum emprego, que lhe sirva de esteio ao menos a huma parca existencia ! E ainda que seja mesquinha, curta, e laboriosa sua fortuna, como são sólidas as bases sobre que se funda, e estabelece, esta mesma fortuna prospera, e cresce, e muitas vezes se costuma transmittir muito avantajada a seus successores.

Vejão-se pelo contrario os velhacos, os rapinantes, os Aguias Francezas, e, essés milhafres de toda a gerarchia, que empolgão os arcos, cu rhetóricas garras sem cerimonia nenhuma a direita, e á esquerda, e

enchem até arrebentar, o papo de
 fazenda mal adquirida, de que ma-
 neira poderão inspirar confiança, ou
 confiança; como poderão grangear
 a estima publica; como poderão
 conseguir, e conservar amigos! Co-
 mo poderão formar pertencções á con-
 sideração, e á honra! Como pode-
 rão viver tranquillos, e contentes, e
 gozar em paz da fortuna tão mal ad-
 quirida? Vivem desprezados, e mal-
 ditos no coração de todos; são aban-
 donados, e deixados, se a roda lhes
 desanda, e dão algum tombo para
 a desgraça. Se fosse possível aos ho-
 mens nascer, e viver duas vezes nes-
 te mundo, viver de huma vez a vi-
 da do homem velhaco, e immoral,
 ainda que a fortunado, e depois vi-
 ver outra vez a vida do homem re-
 cto, e justo, ainda que desgraçado,
 não se póde duvidar, que no fim de
 huma, e de outra carreira, decedin-
 do-se o homem com conhecimentos
 de causa, acharia sempre preferivel,
 ainda pela unica razão de viver me-

lhor neste mundo, a vida do homem
 justo. São tão enganadores; e mal
 seguros, e sempre turbidos os pra-
 zeres do malvado, ainda que na su-
 perficie estrondosos, e brilhantes, e
 he tão estranha, e incompativel a
 sua vida com as boas affeições natu-
 raes que são o mais doce, e neces-
 sario tempero de todos os prazeres;
 e he tão cercada de inquietações, e
 de temores, tão ameaçada de acciden-
 tes funestos, que sempre está em
 vespas de ruina, e de desamparo.
 E de outra parte a vida do homem
 de bem he tão placida, e serena;
 tão socegada, e tranquillada ainda no
 centro das privações, e da miseria;
 e adoça-se tanto com a estima, ami-
 zade, com a piedade, e benevolen-
 cia; e estas consolações sentimen-
 taes tem em si tanto sabor, e tanta
 ternura, e tudo isto he tão aformo-
 seado de hum prospecto de cousas
 melhores que o enfeita, e o perfuma
 com todas as flores da esperança, que
 se póde concluir sem receio de errar,

que daquella mesma maneira , que o que acaba de viver , deseja ter vivido a vida do justo , assim tambem , quem começasse a viver com conhecimento de causa escolhêria viver igualmente a vida do justo , e não se deixaria deslumbrar do enganoso prazer , e do falso brilhante da vida immoral ; isto he seria mais prudente , mais acutelado na escolha dos meios para conseguir o fim dos seus verdadeiros interesses. Desta maneira fica destruido o paradoxo de Jaques , que posto o queira demonstrar , prescindindo da futura existencia do homem ; ainda considerado o mesmo homem de telhas abaixo , sempre o seu verdadeiro interesse he a virtude , e só ella o póde encaminhar , e conduzir á verdadeira felicidade , ainda aquella , que se limita ao tempo , e não considera a nossa futura , e infallivel situação.

Dezesseis

SOLILOQUIO LXIII.

BErrou ha' annos a Fama, e as Gazetas tambem berrárão com o nome da celebre Improvisadora Florentina, chamada Corilla Olympica. Qualquer talento em huma mulher moça, e de bons bigades sempre avultou muito, ainda que fosse pequeno, e trivial, e depois que ellas se resolvêrão a deixar a agulha, e o fuso para que forão creadas, e a metter-se na repartição das Lettras, empenhou-se a fama, e a lisonja em as levantar até ás estrellas. Começou este aranzel em França, e nesta Nação hoje convertida em bandos de salteadores, vemos longo catalogo de marronassas illustres pela litteratura, e entre ellas muitas iscadas da mania dos versos. La Suze Desolieres, Ville Dieu, tem seu lugar distincto, Chatelet filosofou á sua vontade, e mereceo o nome de Madama Newtona, e nestes dias

Staeh, sahio-se com hum tratado de
 litteratura; que se he seu aleva sem
 dúvida á immortalidade. Na Italia
 não tem havido poucas, nem peças,
 o célebre Spalanzani couvio lições de
 Fisica; de Historia Natural da mais
 célebre Laura Bassi; o mas nenhuma
 destas conseguio tanta nomeada como
 a Corila Olympical, que feita huma
 carcassa de 72 annos, ainda im-
 provisava; cantando, e com humas ru-
 gas, e hum tom de Sybilla Cumêa.
 Cuidão muitos, que este talento de
 recitar de repente longas tiradas de
 versos, hums coxos, e outros alcorco-
 vados, sobre hum assumpto dado, e
 impévisto, e pertence exclusivamente
 aos Italianos, que nascem, e vivem,
 morrem, cantando, e gesticulando sem-
 pre. Ora dando por certa esta opi-
 nião, parece que este fenomeno pro-
 ce de duas causas. A primeira he a
 faculdade de se dar a si mesmo hum
 de gráo de exaltação, e capaz de exci-
 tar na alma huma multidão de idéas
 com huma rapidez tal, que não pô-

de ser percebida por hum homem,
 que tenha a imaginação fria, e estran-
 quilla: a segunda causa he huma lin-
 gua abundante, e flexivel, de cujas
 fórmulas particulares a almas desante-
 mão se haja apossado por hum lon-
 go, e saturado estudo. Este talen-
 to se tem universalizado prodigiosa-
 mente na Italia; assim como tudo
 canta, quasi tudo improvisa; e he
 prodigioso o numero de improvisa-
 dores, que depois do renascimento
 das letras tem apparecido nestas, ho-
 je tão desditosa porção do globo. O
 mais célebre de todos foi uo que ap-
 pareceo em scena depois do anno de
 1761, chamado Bernardino Perfetti.
 Este cantor de versos recebeo no
 Capitolio a coroa de louros, a que o
 governo Romano costuma de tem-
 pos a tempos conceder aos grandes
 filhos das Musas. Peretti ha apanha
 esta grinalda, que conserveu sobre
 na cabeça por cima do Capello de Co-
 nego. O Tasso a mereceo, e se he
 determinou, porém para não sair

do circulo da desventura , em que existio , morreo na vespera do dia destinado para esta pomposa cerimonia. Nenhum improvisador antes de Perfetti tinha conseguido esta honrinha. Eu li já com muita attenção as obras de Perfetti em dois volumes em 8.º , onde vem todos os seus improvisos sobre os themas dados , huns extrahidos da Biblia , outros da Historia Grega , e Romana , o que me fez crer , que ou havia quem escrevesse quando elle improvisava , ou era dotado de memoria tão pegadiça , e tenaz , que nada lhe esquecia do que extemporaneamente recitava , ou erão trabalhados depois , e de seu vagar sobre os mesmos themas , ou assumptos dados. Com effeito se prescindirmos do merecimento da improvisação elles não erão capazes de o levar , nem ao louro , nem á immortalidade , se os compáro com outros , que feitos de espaço existem em Italia se não de todo esquecidos , ao menos pouco estimados , como são as

maravilhosas Odes de Filicaia, as de Guide, e as de Lemene. E assim distribue o actual Povo Romano aos versicantantes aquelles premios de folhas de louro, que o antigo Povo Romano distribuia a seus Heroes Conquistadores no dia de seu triumpho!

La Signora Corila era nativa de Pistoia, mas viveo quasi sempre em Florença, e nesta Cidade era visitada até dos Lordes pequenos, que sahem da famosa Londres a correr a Italia ainda se não sabe para que. Quando esta extraordinaria virtuosa cantava os seus extemporaneos versos o Violini Nardi a acompanhava, e eu ainda não vi improvisante, que não pertenda ao menos Guitarra de companhia, em cujos sons os compassos de espera durão muitas vezes mais que a Republica Franceza, humana, e indivisivel, porque em fim as cousas não vão a matar, e com hum trote muito violento secarse-ia a Musa sem remedio. A grande no-

meada, que Corila grangeou em quasi todas as Cidades de Italia, penetrou até ás marges do Danubio, que desejou ouvir este cisne femea, e com effeito Francisco I. a convidou, e a recebeu em Vienna com grande distincção, e tornou de lá cheia de cumprimentos, de saudes, e de joias. A Catharina II.^a Imperatriz dos Russos, tambem lhe veio o appetite de ouvir Corila, e lhe mandou escrever, pedindo-lhe fosse de passeio até Petersbourg, mas a boa da mulher costumada a viver na atmosfera suave de Florença, e entre os perfumes de seus continuados Jardins, temendo os rigores do Polo, e o aspecto medonho dos ursos da Livonia, não acceitou os offerecimentos tão capazes de fazerem cossegas ainda ao maior desprezador da gloria mundana: porém o que ella desprezou entre as nebulosas serrações do Neva, alcançou nas risonhas margem do Tibre. Em Roma obteve a maior, e mais sobida gloria, a que pôde aspirar a

ambição poetica , foi recebida na Academia dos Arcades , e nesta Crisma recebeu o nome de Olympica , e depois de haver improvisado sobre diversos assumptos , na presença de doze Examinadores , nomeados pela Sociedade por hum Senatus Consul, to do Parnaso , foi julgada digna do louro. Com effeito recebeu no Capitolio esta insignia no conceito dos Vates mais apreciavel , e no meu tambem , que todas as Aguias da Legião , chamada de honra por anti-frase , como o tal monte da Canção de Luiz de Camões ; porém nunca vem a este mundo hum gosto completo , a mulher com a Coroa de Louro na cabeça , e descomposta com huma tempestade de epigramas , disse mal á sua vida ; a mesma bataria tinha soffrido o seu antecessor Bernardino Perfetti ; escandalosa injustiça na verdade ; porém quem poderá marcar limites á inveja , e malignidade humana ! O mesmo Petrarca dois séculos e meio antes , se

queixa dos mesmos procedimentos na horrivel perseguição, que lhe suscitou o louro recebido.

Eu não decido sobre o merecimento dos improvisadores Italianos, porém se elles são simllhantes a hum que veio aqui para merecer huma pensão do Estado, creio que são mui pouca cousa, porque este nosso Poeta de ordenado he igual a zero; o tal talento destituido da magia do canto, dos sons da viola que o acompanha, he cousa nenhuma, e quem tiver ouvidos de ouvir conhecerá, que os taes improvisadores vendem gato por lebre, mastigão o que podem, comem aqui hum verso, mastigão acolá huma rima, e vão por onde elles querem, quasi sempre dez legoas distantes do assumpto. Este espectáculo não he novo, nem estranho para nós os Portuguezes, em todas as Provincias temos improvisadores, que se tivessem cultura, como tem verdadeiro genio, seria pouco o louro que nascesse por essas:

azinhagas. Tenho observado verdadeiros duelos poeticos permanecendo os Campiões na estacada noites, e dias inteiros, com huma affluencia, e estro verdadeiro. Alguns tem apparecido que ajuntão a este vulgar talento entre os Portuguezes o estudo, e a cultura, sobre hum mote desenrolão huma procissão de decimas, que no calor da recitação parecem alguma cousa, e he este officio tão antigo em Portugal, que daqui vem o proloquio, „trovar de repente. „ Por presentimento da razão; nunca estas composições tiverão o nome da Poezia, chamarão-se trovas, e Trovistas os seus Authores, gente conhecida em oiteitos, noivados, salas de dança, sociedades de annos, eleições Abbadessais, etc. Destes genios, face's, impetuosos, e promptos nada tem sahido, que permaneça; as obras de pulso que temos se devem a engenhos tardos, repousados, e frios na composição. Doze annos levou a Estacio a The-

báida; trinta; a Sanazaro; o Poema de *Partu Virginis*; quinze a Sifilide a Fracastor. Milton paria quarenta versos de noite, e pela manhã a força de emendar, e de polir: ficavão reduzidos a dez. O Tasso trabalhou na Jerusalem desde os 28 annos de idade até aos 42, e apezar disto o vulgo applaude mais a hum oiteirista pela maravilha que lhe causa, vêr repentinamente huma difficuldade vencida, a qual o habito torna tão facil, que lhe foge por isto mesmo o merecimento; e converte-se em profissão ridicula: o que parecia hum dom extraordinario de natureza. Na Corte polidissima de Leão X. appareceo hum destes trovistas, que pela continuada tormenta de rimas, que espalhava foi chamado o Archipoeta, e quando o Pontifice lhe deo esta honrosa nomenclatura, disse elle improvizamente:

Archipoeta facit versus pro mille poetis.
Leão X. acabou o distico com o seguinte:

Es pro mille aliis Archipoeta bibit.

De ordinario este subitaneo furor de Apollo, anda acompanhado como outro não tão subitaneo furor de Baco.

Outro fenomeno de engenho desejava eu observar na Republica das Lettras, que vem a ser hum homem, que consumado em estudos, e com a alma tão innundada do cauduloso rio da erudição, tão possuidor de sua maternal linguagem, de imaginação, tão fertil, e em cujo espirito se succedessem tão rapidamente as idéas humanas ás outras, que sem nenhuma preparação previa sobre qualquer assumpto dado de moral, e na esfera da Religião sobre qualquer misterio, improvisasse hum discurso regular, conforme as mais escrupulosas Leis da arte de persuadir, que durasse huma hora, e acabado este discurso, com algum intervallo não para meditar, mas para repousar, começar sobre outro assumpto dado novo discurso, que parecesse meditado, escrito, decorado de longo tempo.

Esta maravilha nunca appareceo em França, e se vio huma só vez em Italia em hum só discurso desta natureza improvisado por Capucho de barbas, chamado Serafim de Vicença. Derão-lhe hum texto ao subir do pulpito, e era este: *Pulcritudo ejus filie Regis ab intus*, discorreo maravilhosamente sobre a perfeição interior do espirito; mas não se tornou a metter n'outra, sahindo-se tão bem deste primeiro ensaio. Ora este phenomeno não visto até agora, existe vivo, são, e robusto em hum canto de Portugal, tão esquecido, ou tão pouco notado como se estivesse morto. Habitou-se de tal maneira a discorrer em provisamente, que já não póde de outra maneira discorrer em público. Constituido em acção começa o Discurso, e escaldando-se-lhe progressivamente a fantasia, vão succedendo-se em ordem idéas sempre novas; a proposição, ou proposições estabelecidas, são demonstradas com todo o rigor

mathematico sem secura, mas com toda a pompa, e fertilidade da eloquencia, este homem pára de cansado, e não de exaurido, e acomodada que seja esta fervura, e tornando o entendimento á equilibrar-se não se lembra nem de huma só palavra que prounciasse, e fica por grande espaço em tal inacção, que se assimilha á verdadeira estupidez; eu não sei apontar qual seja a razão desta extraordinaria maravilha.

SOLILOQUIO LXIV.

Sempre fixarão poderosamente a minha attenção no perdido tempo de minhas teimosas leituras, as descrições, e as memorias sobre o Egypto, Paiz o mais célebre do mundo, e que a cobiça, e rapina Franceza não quiz deixar intacto, ainda que lhe custou tão cara a curiosidade. O Author das Memorias sobre a Ames-

rica, e Americanos, he tambem Autor das Memorias sobre os Egypcios, e Chins, entre os quaes descobre huma perfeita similhaça. O Consul Maillet, que depois com a anagrama de Tilliamet, escreveu mil destemperos sobre Cosmologia, nos annos em que existio n Cairo compóz a sua Descripção do Egypto, que tem hum indisputavel merecimentto. Volney tambem nos impurrou depois das ruinas de Palmeira, as suas Visões sobre o Egypto, e Syria. Brucke de mistura com as viagens aquella tão esturrada parte de Africa, que se chama o Imperio dos Abexins tambem nos dá grandes informações do alto, e baixo, e Egypto; e finalmente Savari fez a cousa de maneira, que acabou de resolver os Francezes a tentarem aquella conquista, cuidando que achavão alli as minas de Catapreta, e as do Serrofrío, mas acharão só pedras humanas em cima das outras, o terreno disputado palmo, a palmo, e á en-

trada, e sahida as bombardas Inglesas, que lhes fizerão dar ao Diabo a cardada. Os Romanos já tinham começado a basculhar este encantado Paiz; ouro, prata, livros, tudo dalli conduzirão; e não farta a sua magestosa cobiça, creio que não ha hum obelisco, huma pyramide, huma agulha nas Praças de Roma, que do Egypto não fosse, conduzida. Sempre dei em vão com a cabeça pelas paredes para atinar com o modo com que os Romanos dalli acarretarão a Collumna de Trajano como quem traz hum pão emprestando debaixo do braço. Os nossos modernos Archimedes com todos os seus conhecimentos em mechnica, com todas as suas roldanas, e cabrias, não farião dar hum passo a esta desmedida almanjarra, que a Mestrança Romana poz á pino, á custa de milhões de quatrini. Não deixarão no Egypto bocado de Porfido que não trouxessem para a Italia; com muita saudades das Pyramides, que

não poderão desalojar do lugar que occupão, e levão geito de occupar ainda por alguns milhares de seculos. As ruinas do Egypto ainda existentes são bem capazes de mortificar o orgulho Europeo, e não ha que se lhe opponha mais que as Estatuas de ferro coado, que Fernão Mendes vio em Pekim. Tebas de cem portas no circuito de suas muralhas, Menfis, e suas Pyramides, Alexandria, e seu Farol forão successivamente as Capitaes do Egypto, e estas tres épocas trouxerão consigo huma mudança muito sensivel nas artes desta Nação verdadeiramente acabada. Custar-lhe-ha agora a abrir hum poço áquelles mesmos Egypcios, que construirão o Lago Meris com maior ambito, que tem Portugal! Os Thebanos pelos restos immortaes, que ainda se observão, e que nem o tempo á força de amontoar areas, nem os Arabes mutiladores poderão ainda destruir, tiverão huma Architectura unica no seu genero. Nobre

simplicidade, cazada com huma fortaleza em que o tempo debalde intenta metter dente. Eis-aqui o que distingue os edificios de Thebas, tudo o que ainda resta he de grandeza colossal, e com effeito considerando bem as enormes máquinás, que ainda se conservão a pino, pode dizer-se, que esta Cidade famosa fôra edificada, e habitada por Gigantes.

A Colonia Etiopica que veio estabelecer-se no que se chama alto Egypto, luctou por muito tempo contra as formidaveis enxurradas do Nilo, e com huma arte superior á-quella com que os Batavos fôrão ganhando terreno contra os ataques do Oceano, o obrigárão a reconhecer margens, e a correr mais direitinho, e mais manço para o mar. Não obstante esta operação, elles conhecerão a necessidade de edificarem com segurança, e fortaleza em hum terreno sempre ameaçado pelo inquito Nilo, que não diz agua vai; que se

entona, e incha extemporaneamente. A esta causa devemos attribuir os movimentos maravilhosos da Thebaida, e a invenção daquellas máquinhas engenhosas, e que tanto confundem a soberba de nossos pigmeos Architectos, com que os Egypcios levantavão, e transportavão aquellas maças enormes que até o dia de hoje se conservão de pé. O célebre Autor das Memorias sobre os Egypcios, e Chins, encontra grande analogia entre estes Póvos pelas suas obras, e Fernão Mendes, diz, que víra pontes de huma pedra só, por cima das quaes passava em linha de batalha hum esquadrão de Cavallaria, e tudo o que diz Fernão Mendes he a mesma verdade nua, e crua. Ora he preciso advertir, que as pedreiras de que os Egypcios tirarão o Granito precioso, de que construirão seus edificios erão mui proximas aos lugares em que edificavão; eis-aqui huma das razões, que facilitou sua magnificencia, e grandeza. Parece-

me que deve existir hum motivo desta soberba pompa , que se admira ainda em os restos dos edificios Egypcios : este Povo habitava hum Paiz ; onde se observão os mais extraordinarios fenomenos da natureza , e são verdadeiramente admiraveis as elevações , ou enchentes do Nilo , a observação destes fenomenos dá huma especie de elevação ás idéas , cousa que eu em mim sinto , e observo a vista de huma furiosa tormenta no mar ; esta he a razão , por que tudo quanto fizerão os Egypcios he grande , grave , e emblematico.

Com tudo ainda que tivessem estas gigantescas obras em Architectura , a Pintura , e Escultura entre os Thebanos não chegou áquelle gráo de perfeição , a que se elevárão estas duas Artes entre os Gregos , e os Romanos. Nas Pinturas Egypcias , que os cavadores antiquarios , (gente que dará a camiza do corpo por hum calhão affeiçoado que tenha tres mil annos) tem descoberto , não se

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXX.

Continuação do Soliloquio antecedente.

observa nem vida, nem expressão, as proporções, não são exactas nas figuras humanas, os braços, e as mãos são tão compridos como os d'ElRei D. Manoel, os membros mal modelados, grosseiros, e redondos. As feições do rosto nunca são bem expressas, toda a fysionomia Egycia he perfeitamente semelhante á Chinezza, ha grande analogia entre estas duas Nações. Eu vi em casa do Duque de Lafões hum busto apanhado em huma excavação no Egypto, que parecia o retrato de hum Automato, e este defeito se descobre

em todas as Estatuas encontradas naquella Paiz. Nas figuras dos animaes que são innumeraveis nos gereoglicos todas as extremidades são principiadas, mas não perfectas, nem acabadas. O que resta da Pintura tem muita vivacidade, e hum excellente colorido como os quadros Chinezes, mas não ha graça, nem verdade nas aptitudes, e naquillo a que os Italia- nos chamão panegiamto, e poucas, ou nenhuma idéas do claro obscuro, ignorão que cousa seja a distribuição das sombras. Os objectos que datão os primeiros tempos da fundação de Thebas, cheirão ao gosto de todos os Povos novamente formados, todos tem o mesmo estilo, e a mesma negligencia.

Em Menfis, outra porção do Egypto, mais se aperfeioarão as Artes da Pintura, e da Escultura, porém a Architectura (segundo os Monumentos existentes) perdeu o gosto puro, e a magestade da Architectura Thebana: as grutas sepul-

chraes, que ainda se encontrão nos arredores desta vasta Cidade, e por todas as visinhanças das Pyramides, não tem a belleza, nem o apuro das que se encontrão junto ás ruinas de Thebas. Alexandria, terceiro Emporio do Egypto, foi fundada por hum Conquistador, que era amigo, e apaixonado do fastos, da magnificencia, e desde sua fundação, até a sua ruina, foi sempre o centro das Artes, que chegarão ao mais subido gráo de perfeição. Em suas obras se admirou Ordem, cousa que era até alli desconhecida no Egypto. Os Ptolomeos treuxerão da Grecia, sua Patria, o puro gosto da elegancia, e ligeireza, o que se começou a observar em as novas construcções de Alexandria, e que ainda hoje se descobrem entre os miseraveis restos, que existem. Nas obras de Escultura, assim como nas de Architectura, não appareceo mais aquelle ar sombrio, e triste, que caracterizavão as obras das duas primeiras Capitães; mas es-

te floreado dos edificios Alexandrinos, prejudicou muito á sua solidez, e duração. As Pyramides não tem huma beliscadura, e os Palacios, os Templos, e as Estatuas de Alexandria estão feitos em pedaços, e alguma cousa, que os novos hospedes Francezes lá encontrarião ainda em pé, não he para se comparar com os maravilhosos restos da grandeza, e magnificencia Thebana.

As Artes de imitação vem sempre depois da Sciencia; a maior perfeição dos edificios, e monumentos de Roma veio depois de estabelecidas, e cultivadas as Sciencias no seculo de Augusto. Assim no Egypto primeiro este Paiz foi berço das Sciencias, que fosse o domicilio, e morada das Artes. Segundo os monumentos existentes da Historia antiga, a introduccção, e a perfeição das Sciencias no Egypto attribue-se a Hermes, e as mesmas Historias fazem menção de tres Hermes não menos. O primeiro foi hum homem

adventicio, e Estrangeiro, este trouxe para o Egypto as Sciencias, e de outro Povo mais illuminado. Todas as Nações datão o seu começo de hum Estrangeiro que as conquistou, ou doutrinou. He provavel que o segundo Hermes fosse hum Egypcio dotado de genio superior, que aproveitando-se das noções dadas pelo primeiro, acrescentasse com as suas a somma dos conhecimentos scientificos. Com hum similhante genio se costumão levantar, e engrandecer os Povos, e chegar ao cumulo da prosperidade. Mas não sei porque fatalidade muito vulgar, depois dos homens grandes, começam de apparecer os grandes charlatães; nós o vimos presentemente em França, depois dos estrondosos sábios, apparecêrão os impostores. O terceiro Hermes foi deste character, ou desta abotadura ao menos a este charlatão se attribuem todas aquellas instituições, que fizerão do Egypto inteiro hum enigma inexplicavel. Heste, archi-

charlatão estabeleceu a linguagem ghereoglifica, que cobrio as paredes, e as columnatas dos Templos de emblemas misteriosos conhecidos, e entendidos pelos Sacerdotes, e inintelligiveis ao Povo grosso, e miudo. Os symbolos da sabedoria, se tornárão tambem em symbolos da superstição. A multidão das figuras, ou garatujas enigmaticas, produzião a multidão dos Numes, e vio-se o Egypto prostrado diante de todos os animaes, e até nos quintaes, e nas hortas lhe nascião Divindades, hum alho, e huma cebola, diz Juvenal, testemunya de vista, erão para os Egycios santos de muita devoção, e ião fazer romarias a huma abobora menina, e a huma beringella. Este mesmo Legislador, instituiu os misterios, e aquellas representações de impostura, que os Sacerdotes Egycios fazião em segredo no fundo escuro de vastos subterraneos inacessiveis aos profanos, imagens vivas da canalha dos pedreiros livres.

No meio destas sombras, e deste silencio se revelavão aos iniciados todos os gereoglificos, e os dogmas mais occultos da Religião, da Fysica Natural, da Legislação, da Astronomia, e a tudo isto se ajuntava o contrapeso das Fabulas antigas. O Neofito instruido com todo este misterioso apparatus, era considerado como hum homem superior aos outros, e os Sacerdotes dando-lhe huma palmada na anca, quando o despedião, lhe dizião „ Desde este instante tu ficas conhecido das Potencias celestiaes, descobrirão-se-te as Leis do Universo, teus pés pizão o Tartaro, os Astros responderão á tua voz, e as estações submissas a teu imperio tornarão, e se succederão com hum passaporte teu, os Elementos todos ficão desde hoje ás tuas ordens como teus creados.

Notavel Egypto ! Deste procedimento ainda se conserva huma sombra na China, os sábios tem huma linguagem privativa, e peculiar, que

he incognita ao Povo. Tudo alli são cortesias , ceremonias , symbolos , e garatujas nas suas escrituras. Os Egypcios quizerão até eternizar os seus defuntos. Tem-se visto mumias conservadas ha quatro mil annos , e os cadaveres tem durado tanto como aos Pyramides.

SOLILOQUIO LXV.

DEpois das cinco pedradas , que Antonio Vieira apresentou na cabeça do Gigante Mundo , que assim chamou elle a infeliz Roma , começá-rão os Romanos a ter alguma consideração por este homem , que sem dúvida tinha imaginação fértil , engenho agudo , e não pouca labia. Os créditos , e authoridade da Companhia o introduzirão até na sociedade de Cristina , Rainha de Suecia , mulher dada ás lettras , apreciadora dos sábios , e mui dotada da virtude

da paciencia em os ouvir , e aturar ,
 cousa sobre maneira ardua. Seu Pala-
 cio era huma Academia , a boa Rai-
 nha entre questões litterarias abafa-
 va a saudade do abdicado Ceptro ,
 abdicção , que nunca deixou de pro-
 duzir arrependimento , esta mesma
 extraordinaria mulher , que em Stoc-
 kolmo ouvia todas as madrugadas a
 Descartes , não se dedignava de es-
 cutar em Roma todas as noites os
 Padres da Companhia , e os virtuo-
 sos de Musica : entre as questões
 agitadas , e que davão lugar a bons,
 e máos discursos , se levantou hu-
 me lebre de grande acatadura , e o
 que pareceo objecto só capaz de fa-
 zer luxuriar os engenhos , era huma
 das mais serias questões de moral :
 convém a saber , sé os homens , e
 suas acções merecião riso , ou mere-
 cião lagrimas ? Isto he qual dos dois
 mestrassos Gregos tinha mais razão
 Heraclito em chorar , ou Democri-
 to em rir ? Destinárão dois Campiões
 para entrar em campo , ernados de

todas as subtis armas do engenho, e recaiho a escolha sobre os Jesuitas Jeronymo Cataneo, e Antonio Vieira: o Portuguez fanfarrão deo a escolher a seu competidor a parte que lhe fizesse mais conta, o Italiano escolheo bem, e o Portuguez houve de sustentar huma sem razão, ou hum paradoxo, he com effeito engenhoso seu discurso, e o homem era capaz de sustentar o prò, e contra. Os nossos discretos sempre applaudirão muito as razões de Vieira, e com effeito ha alli agudezas dignas das antigas grades de Freiras, ainda que fossem de Odivelas, presedidas pela incomparavel Feliciano de Milão, ou a da Rosa, animada por Violante do Ceo (doces tempos, e dias apraziveis para Portugal, a que succedêrão os dias vandalicos de Bonaparte, e seus Confrades!) Mas tornando ao brinco de engenho, eu digo, que se tratou hum grande problema em moral, e que asneára bastante o Jesuita Portuguez.

Quando os Gregos começárão a tratar da mais util, e verdadeira Filosofia, que he a moral de que houve depois tantas escolas na mesma Grecia, que produzirão homens tão grandes como Socrates, Epicuro, Antistenes, Diogenes, Crates, e em Roma o mais sublime dos Filósofos antigos, e modernos Seneca; apparecêrão dois Filósofos de barbas, hum nasceo em Efeso, e se chamava Heraclito; outro nasceo em Abdêra, Cidade da Tracia, e se chamava Democrito, cujos livros se existissem, veríamos quam pouco se tem adiantado os mais afamados modernos sabichões. Estes dois prègoeiros da sabedoria, empenhavão-se em emendar os homens, e em os fazer melhores (tempo perdido tenho visto que são incorregiveis, quando se lhe querem sarar os podres com remedios humanos, e cá de telhas abaixo!) Ambos os Filósofos se persuadirão, e com bem razão, que para este fim os discursos são menos effi-

cazes que os exemplos, e que as acções : o primeiro, que era Heraclito achava os homens tão fracos, e tão miseraveis, e elle era de coração tão mavioso, e assucarado, tão tenro, e adamado, que quando considerava a sorte, e condição dos homens, chorava como huma criança. Eis-aqui a quem achou razão Antonio Vieira, e a quem pertendeo defender. O outro considerando todas as acções dos homens, seus negocios, seus projectos, e acontecimentos como outras tantas loucuras não acabava de dar gargalhadas. (Que faria se elle com o genio advinhador, que tinha, visse agora em Lisboa os apaixonados de Bonaparte!) Ora eis-aqui duas estradas, ou dois meios bem oppostos para chegar ao mesmo fim. Qual delles era o preferivel? He melhor rir, ou he melhor chorar sobre os destemperos humanos? Eu sempre direi a quem mo quizer escutar, que he muito melhor rir, e rir devéras. Quem bem pezar as

parvoices humanas , quem bem ponderar a grande dóse de demencia , que nos coube por carta de partilhas de nosso primeiro pai ; conhecerá que o homem nunca poderá ser tão bem desprezado por sua indita vaidade como merece. O riso , e o motejo são os mais vivos signaes de desprezo , que podemos dar. As lagrimas , e a comiserção suppõe algum preço , e valia na cousa que se chora , e de que nos compadeecemos : pelo contrario as cousas de que fazemos escarneo , e de que nos rimos são para nós de bem fraco preço , ou as julgamos bem fraca fazenda. He preciso como Democrito considerar os homens por este lado , porque na verdade em todas as acções humanas , ha mais vaidade , que reaes desventuras , e erradamente chamamos infelicidade , ao que he ou malicia , ou tolice. Somos mais tolos , que máos , e menos miseraveis , que vís. Isto na verdade parece duro , ainda que na opinião da minha me-

lancolia, sempre direi considerando agora as parvoices que os Francezes comettem entre nós, que cada Portuguez deve ser como o Jupiter de Juvenal, que considerando os homens, *ridet, et odit*. Ora pois, ainda que eu seja mais inclinado ao partido de Democrito, e que o defenderia em campo fechado, ou aberto, sempre direi, que nem Democrito, nem Heraclito tinham razão, porque se o homem he desprezível por sua vaidade, se elle he louco por natureza, se aos maiores engenhos (quando se trata de cousas humanas) sempre está misturada huma grande porção de loucura, o homem não merece lagrimas, nem merece riso, porque elle he o que he. Pelo contrario se o seu fundo, ou capital he bom, e se elle abusa muitas vezes de sua razão, e de suas luzes, he preciso, e razoavel, que nos condõamos de seus erros, e miserias sem desatar nos barreiros, ou choros de Heraclito, porque he preciso sentir o

bem que elle perde por huma conducta , que elle poderia reformar. Tal era o termo que devia seguir hum terceiro Campião , que se juntasse aos dois combatentes Jesuitas. Quando ponderei a futilidade das razões de ambos , lembrou-me dizer :

Fórmica, et Musca contendebat acriter.

Com effeito apesar da antithese destes dos dois Filósofos , riso , e pranto , ambos elles forão estimaveis sujeitos , e no meu conceito o mais sabio de todos os Gregos foi Democrito , n'outro lugar apparecerá esta grande verdade. Hum , e outro Filósofo , quizerão fazer conhecer aos homens seus erros , e defeitos , e ambos elles annunciárão grandes maximas em moral : a mais notavel de Heraclito foi dizer , que a maior virtude do homem he o proprio vencimento , e que a suprema sabedoria consiste em ser verdadeiro em suas acções , e em seus discursos. Democrito com a sua cara de riso , profe-

rio oráculos em moral, que deixão de queixo cahido os mais authorizados Epitectos, que se lhe seguirão. Disse que a sabedoria, que vem a dar no mesmo que a tranquillidade da alma, era cousa de si tão preciosa, e estimavel; que quem a chega verdadeiramente a possuir, nada teme, de nada se admira, e goza de tudo, porque quando o homem social sabe compôr seus costumes, regular, e ordenar bem suas acções, moderar, e reprimir seus desejos, póde sem dúvida contar com aquella felicidade, que he compativel com esta mesquinha mortal existencia. Este grande principio encerra em si tudo quanto o Mestre Socrates depois ensinou, e que lemos escritos com tanta pompa em os Dialogos de Platão. Mas que se tira de querer ensinar, emendar, e aperfeiçoar os homens? Tirão-se boas esmolas, as que tirou Demócrito, que o declararão doido, e digno de tres Anteciras, e dérão com elle amarrado em casa de Hyp-

pocrates para o acabar de matar. E que succedeo a Socrates? Por querer tirar a máscara, e descobrir a impostura aos Sophistas, canalha inextinguivel, que debaixo das flores da vá eloquencia corrompião a alma, e coração dos mancebos, pagou com a vida os serviços que intentou fazer á Juventude, e á humanidade inteira. Metão-se lá a reformadores do genero humano! Não ha mais remedio que deixar os homens, nem escarnellos, nem chorallos, lá se avenhão.

SOLILOQUIO LXVI.

Ainda que eu me haja muitas vezes encolerizado contra as Sciencias, ainda que attribua a estas Sciencias grande parte dos males que a humanidade tem soffrido, e soffre porque os homens abusão até do que póde ser mais util, mais respeitavel, e mais sagrado, e convertem em seu

damno o que lhes podia causar assignalado proveito, ainda que eu veja, que as Sciencias tem servido a alguns do mesmo, que o vinho serve a muitos, que podendo contribuir para a nutrição os embebeda, e lhes faz perder o pouco bestunto que tem, com tudo não deixo de lhes conhecer grandes vantagens. Podemos tambem tirar das Sciencias proveito como das viboras, e do rosalgar se tirão alguns medicamentos. As Sciencias humanas, de que sempre fallo, são huma especie de divertimento para os engenhos, que com ellas se sabem divertir. Consideralas debaixo de outro aspecto, he querer perder a tranquillidade do animo, que he o maior bem da vida humana. Ora considerando-as como divertimento, feliz daquelle que se vir iscado do desejo, gosto, ou mania de as possuir. Muito juizo tenho achado aos homens Authores, que derão a seus trabalhos litterarios, e lidas a tarefas scientificas o nome de „Re-

creações! Já vi livros, que se dizião
 „ As minhas recreações dramaticas,
 as minhas recreações filologicas, a
 minha recreação filosofica, e causou-
 me espanto vêr que o Judeo Ozanan
 deo ao maior quebra cabeça dos mor-
 taes que são as profundas Sciencias
 Exactas, o titulo de minhas recrea-
 ções mathematicas. Quando se tomão
 por divertimento, e recreação não ha
 outro melhor, porque de todos he o
 mais facil, e o de menos despeza;
 sempre dei por mais bem empregado
 hum cruzado novo em hum livro;
 que em hum bilhete de Opera: a lei-
 tura do livro por máo que fosse me
 occupava mais tempo da noite que
 a desenxabida Burlata de S. Carlos.
 Este divertimento scientifico (que he
 divertimento para quem he) assim
 como envolve menos despeza, he o
 que acarréta após si menos pezares,
 e o que faz correr mais docemente
 os dias de nossa vida, dias pesados,
 e longos para todos aquelles, que
 não contão a occupação do espirito.

em o numero dos prazeres. Os prazeres não se podem gozar sem companhia, e não he hum prado rizo-
nho, viçoso, e ameno, se não tivermos junto a nós a quem digamos
„ que agradavel campina, ou que
bella relva para huma merenda, co-
mo disse hum Monge daquelles a
quem tão injusta, como falsamente
se attribuem tantas parvoices. O es-
tudo se acha na solidão mais abso-
luta. Seneca entre os rochedos da
malvada Corcega, achava paz, e com-
panhia deliciosa no estudo, e con-
témplação da Natureza. O estúpido,
e imbecil Claudio me póde privar
das delicias, e do espectáculo de
Roma, mas não me póde privar,
dizia elle, de pomposo, e insigne
espectalo da noite, quando limpa de
nuvens me appresenta á vista o vas-
to espaço semeado de milhões de
Soes: O grande Bolimbroke para di-
vertir os pezares, que lhe devia cau-
sar sua justa exclusão do ministerio,
tomou por divertimento; diz elle a

Pope, seu amigo (o que póde o amor do divertimento litterario, que até faz que hum Secretario de Estado em desgraça, tenha amigos!) que tomára por divertimento, desenvolver as mais intrincadas questões metaphysicas! Immortalizou-se por seus escritos, aquelle que sem este divertimento ficaria com hum nome obscuro, no catalogo ainda mais obscuro dos Ministros desgraçados. Ainda se podem tirar outras vantagens do estudo como divertimento, se o homem dado a elle conforme a posição de seu estado adquirir verdadeiros conhecimentos para discernir o bem, para conhecer o util, procurando não ficar ignorante sobre o mais necessario, que he a Moral, depois do seu divertido trabalho em revolver, e estudar os livros. Porque não fallarei eu de mim, fallando comigo! Ha certa modestia hyppocrita, que he huma rematada loucura! O estudo da sabedoria, e o conhecimento da verdade, e mais util filosofia, que

he a Moral , me constitue livre , quando me mostra os meus verdadeiros deveres , faz que eu viva a meu commodo , ensinando-me a dar o verdadeiro preço ás riquezas , ella me levanta acima do alcance da fortuna , descobrindo-me a frivolidade das honras mundanas : a segura a tranquillidade de meus dias , inspirando-me o amor do retiro , ella occupa em minha alma o lugar dos prazeres vãos de felicidade , suffoca em meu coração o desejo das quimeras da vaidade , que se não podem tocar sem que se lhe dissipe o prestigio. Mas qual he hoje em dia o folgo vivo em quem o divertimento das Sciencias produza estes effeitos ? A maldita revolução Franceza , e todos os seus derivados , desordenarão , desleçarão tudo , e derão com tudo de pernas ao ar. Huma geral , e universal ignorancia , será por muito tempo o resultado deste infernal abalo , que o furor de hum punhado de mentecaptos deo ao mundo inteiro.

A geração actual vai continuando a existir desprovida já dos primeiros conhecimentos, e he incapaz de estudar outra cousa, que não seja o armazem da mentira, e estupidez, que se chama a Gazeta, e os manebos, que os Páis algum dia conservávão nas Aulas, se alguma vez se esquecem da mania militar, he para se darem ao importante estudo da vistosa Valsa em huma sala de coices. Estancárão-se as fontes do saber, e a razão que se costumava desenvolver pelo estudo da boa filosofia ficará sempre na infancia, ignorando os meios de remover os erros, e de conhecer a verdade, tornará o imperio do vandalismo, e a ferocidade barbara será a partilha dos que chegarem daqui a vinte annos, se alguma causa poderosa não aquietar o abalo, e convulsão em que anda o mundo por amor de Bonaparte.

Todas estas desgraças nascêrão do abuso das Scieneias, porque se não considerárão como hum divertimen-

to , ou occupação pacifica , e o amor das enovações em Moral levado até o excesso de Atheismo , arruinarão a desgraçada França , e o Imperio da barbaridade existente , nasce da nimia soberba scientifica. Tomára que os Francezes me dissessem onde estão , onde párao agora aquelles Filozofos impostores , illustres reformadores do mundo , os grandes defensores da humanidade ultrajada ? He esta a felicidade , que elles prometterão , e he esta a perfeição a que elles dizião , querião conduzir os homens ? Insensatos , e cúmplices dos Tyrannos , se abastarão com elles do sangue , e das lagrimas de tantos miseraveis , arrastrando-se a traz de Bonaparte , e dos algozes , que o rodêao lambem até o pó , em que este malvado deixa estampadas as plantas de seus pés , maldita seja a sua infernal doutrina , e toda a sua sciencia. Os conventiculos filosoficos servirão unicamente de utilidade ao crime , a virtude encontrou nelles seu

verdadeiro algoz. Sim Ente Supremo, se o meu espirito podéra ser tão fraco, ou tão perverso, que formasse dúvidas sobre tua existencia, todas estas dúvidas se dissiparião como o fumo depois que vi, que estes malvados Filósofos a combatem. E nós os Portuguezes minados destes ladrões, discipulos estimados de taes mestres, vemos a nossa Patria oppressa do peso dos mais crueis infortunios, porém no meio destes males a minha alma se levanta com a idéa de Divindade, reanima-se meu animo, a luta que sustento com tantos scelerados, não he para mim trabalhosa, porque a soffro na presença de hum Deos, que he vingador.

SOLILOQUIO LXVII.

O Homem isolado, e solitario, que rompeo todos os laços, que o união ao mundo, e que fugindo delle se

põe em certa distancia para o contemplar, e vêr livre do reboliço, e mouim que o aturdia, e lhe fazia dar volta ao miolo, está em estado de manifestar em liberdade todos os seus sentimentos, e idéas, sem aquelle constrangimento que he inseparavel das sociedades do mesmo mundo; nelle não se póde dizer a verdade nua, e crua, e manifestar segredos, que põe a calva á mostra aos homens refalsados, contrafeitos, lisongeiros, e mentirosos, he hum attentado horrivel. Mas eu só, eu fallando comigo mesmo muito á minha vontade, e satisfação, por que não direi eu a verdade? Sempre me embalarão, que a Sciencia de viver no mundo, era huma Sciencia indispensavel a todo o homem de educação, e que sem esta Sciencia, que tem principios, axiomas, e corolarios, não se podia viver com os outros homens. Aos Doutores nesta faculdade, chamão homens do mundo. E que cousa será o homem do mundo? O homem do

mundo, nem por isso foi sempre o melhor homem do mundo. E depois que se occuparão tanto os Filozofos em reformar os costumes, e melhorar os homens, este caracter, que ao principio era só artificioso, se tornou verdadeiramente detestavel, e para confusão eterna dos fanfarrões Filozofos, e reformadores, se está vendo, que o mundo quanto mais envelhece, tanto mais peiora, e se corrompe. Nos tempo de minha avó, o homem do mundo, que sabia viver, e queria conviver com os outros, não era obrigado mais que a lisongear, e podia fazer tudo isto com huma certa discrição, que lhe não era decorosa. Bastava que soubesse persuadir as mulheres, que são bellas, e moças, cousa na verdade bem facil de persuadir ainda aos mais velhos dragões, e tediosas, e repugnantes tartarugas, para isso não era preciso ter a eloquencia de Lucio Crasso, e de Marco Tulio, bastava que soubesse dizer bem do novo candidato,

que alguma admittia, e que não dissesse nem bem, nem mal daquelle a quem tivesse dado a sua demissão, podia estar seguro com estas qualidades, de que era hum heroe para com as mulheres, quero dizer, hum daquelles heroes que nada significão, e que servem para passar o tempo.

Mas para viver com os homens, houve mister sempre alguma cousa mais difficultosa; porém sahia-se o homem bem, tendo huma pequena dóse de arte, e de experiencia do mundo. Se era convidado para algum jantar, bastava que louvasse o cozinheiro, e se se bebia huma zurrapa, dizer cheio de satisfação, ainda que fizesse estranhas caretas, quando acabasse de beber, que era melhor, que Madeira secca, ou Carcavellos legitimo. E se o dono da casa mettido a engraçado, dizia alguma parvoice mais fria que huma noite da Laponia, bastava que soubesse applaudir, tapando a bocca com o lenço para mostrar, que estoirava de

riso. Estes grandes caractéres são copiados litteralmente de Theofrasto, que vivia trezentos annos antes da era vulgar. Vejão a que folhas isto vai, e que dourados tempos erão estes! Com tudo isto não se póde duvidar que os homens fossem sempre os mesmos, e em todas as partes do mundo, onde quer que tenham chegado a hum certo gráo de cultura, e he hum erro considerar os homens como ligeiros, e inconstantes: mudão assim he, de penteados, de chapéos, de pantalonas, e de casacas, mas são constantemente os mesmos impostores, aduladores, e veihacos que sempre forão.

Com tudo depois de estabelecida, e arreigada a nova Filosofia, e que a imperiosa, e pestifera França com suas modas, tem embutido aos homens seus pervertidos sentimentos, he preciso que o homem do mundo, e que tem a desgraça de querer viver com os outros, e frequentar as companhias, cujo officio he jogar, e

fallar em Bonaparte, carregue muito a dóse da complacencia, da lisonja, da mentira, e até do desaforo, e se prepare para fazer maiores, e mais custosos sacrificios á decencia, e á Moral. Se se falla de mulheres, se são moças, e bellas, já se sabe qual he o terceiro epitheto que se lhe deve ajuntar. Se algum não muito corrompido, se lembra de dizer na sociedade, que Luzia he cortez, e brilhante nas suas maneiras, mas que nem por isso deixa de ser virtuosa, e morigerada, e que Antonia he viutada, mas que nem por isso deixa de ser fiel ao marido, este homem he escarnecido, insultado, e mostrado com o dedo como hum imbecil; e se se obstina em defender a honra, reputação das mulheres contra alguma brigada de ociosos entulhadores de Botequins do Rocío, ridiculos parlamentos, onde se decide a sorte da Europa, este homem, que ainda mostra conservar alguns restos de boa educação, que seus páis lhe dêrão

antes da entrada das Novellas Fran-
 cezas neste Reino , ouve logo citar
 hum longo rol de aneddotas em con-
 trario , que tem sido religiosamente
 recolhidas , e classificadas pelos mais
 solemnes arbitros das conversações ,
 e mais dignos de fé , que existem nas
 sociedades do aladroado voltarete , e
 incapazes , como he constante de pro-
 duzirem huma proposição , que não
 traga em si impresso o respeitavel
 sinete da verdade. Por pouco que se
 escandeção na disputa , corre risco o
 pobre homem de ser desafiado para
 sustentar a deshonor , e o descredito ,
 como se desafiavão nos abençoados
 tempos da antiga cavallaria para sus-
 tentar a honra , e o crédito das mu-
 lheres.

Se se falla da Religião entre me-
 ninos enlabusados com dois dedos de
 Helvecio , e Volnei , ou passeado-
 res dois annos pelas margens do
 Mondego , he preciso dizer que he
 huma impostura , e applaudir por
 força os Apostolos do Atheismo ; sua

eloquencia he tão varonil , e tão vigorosa , e seus costumes são aliàs tão puros , tão exemplares ; e tão acreditados ; seu coração , e suas mãos são tão puras , e ilibadas ; que he preciso mostrar-se logo persuadido , e convencido , e ceder muito de pressa á grande força de suas razões. O homem do mundo , que quer viver bem com todos , não deve contradizer seus oraculos , e se se atreve a fazello , ou esgueirar-se da contestação , segundo os dictames da antiga prudencia , he considerado como hum homem de espirito debil , sem energia , e sem luzes , digno de viver entre velhos zoticos , e entre mulheres da antiga tarifa. A companhia escolhida do presente seculo , fez-se para espiritos fortes , e superiores , que chegarão á força de leitura de bons Romances Francezes , e de profundo estudo das contradicções de Jaques , a livrar-se de toda a inquietação , e a roubar indistinctamente sem temor , e sem remorsos , e só lhes resta

MOTIM LITERARIO.

NUMERO XXXI.

Continuação do Soliloquio antecedente.

chegarem a realizar hum projecto perfeitamente analogo ao roubo , que vem a ser , promover hum pouco de anarchia , para se livrarem de certos pequenos inconvenientes , que ainda restão , como por exemplo , as galés , e mais a força.

Se nestas escolhidas companhias do seculo se falla dos governos , porque chegamos a tempos de se vêr tres illuminados Publicistas , e Economistas politicos em tres homens , que se ajuntem a conversar (já se sabe , que qualidade , ou que especie de governo se applauda , se promova , se

preconize, que he o dos salteadores; que á quasi nove mezès nos vão deixando sem camiza no corpo.) Em summa, quem quer fazer profissão de ser complacente, e de viver bem na sociedade, he preciso que faça a corte aos vícios mais communs, e dominantes, e que vá seguindo seus progressos até onde elles possam chegar. Huma pouca de liberdade em pensar, depois em fallar, e depois huma pouca de liberdade em obrar, são cousas, que no dia de hoje vão ajojadas sempre, e para ser verdadeiro homem do mundo he preciso ser hum solemne velhaco, e se isto ainda he pouco, he preciso ser hum legitimo Francez. A differença, a imitação das maneiras Francezas, que he o mesmo, que a depravação geral, são cousas que se buscão em o homem illuminado, e capaz de admirar o grande Napoleão. Que symptomas de decadencia, e de ruina, tinhá eu observado em Portugal ha huns annos a esta parte, quando de-

visava este tom em que os Portuguezes se comprazião tanto de permanecer! A que ponto chegarão estes illuminados, que se julgavão só dignos de figurar no mundo, de serem alma, e a vida das sociedades! Que atrazamento na moral, no estudo sério do homem, no conhecimento dos verdadeiros interesses da vida civil, e das obrigações reciprocas, que devião ligar os homens! Sem ser muito Gonsalo Annes Bandarra, eu pronostiquei o estado de aviltamento e de escravidão em que existimos, os males que pesão sobre nós, e as desventuras de que estamos sendo testemunhas! Eis-aqui o que me obriga a fallar só, a enterter-me de objectos indifferentes, e a passar em revista a pequenez, a incerteza, e inutilidade das Sciencias humanas, as manias dos homens, as diversas ramificações do Napoleanismmo, e a miseria destas chamadas luzes, que o infernal Jaques intentou espalhar.

SOLILOQUIO LXVII.

QUando o Mundo inteiro estava quieto, e os homens se enterti-
 nhão em cousas uteis, e necessarias
 para a vida, e os litteratos quebravão
 apenas a cabeça com questões gram-
 maticas, e os Poetas se exercitavão
 em se descompôr huns aos outros,
 ou em louvarem as suas respectivas
 divindades com huma cousa muito
 enfadonha, chamada Soneto, hum
 diabolico tropel de methafysico-Poli-
 ticos se lembrou de perturbar a do-
 ce paz de que gozava o genero hu-
 mano, levantando questões que vie-
 rão volcanizar todas as cabeças. Este
 rico presente de perturbações deve-se
 em grande parte a Jaques, e a seus con-
 frades Encyclopedistas; e começarão
 como primeiro toque a rebate geral;
 por agitar a célebre questão, se era
 melhor deixar o Povo em sua natu-
 ral ignorancia, ou instrui-lo, e illu-

mina-lo? Os do partido da ignorancia, não só dissérão que era preciso guardar-se bem de o ensinar, mas até gritárão, que convinha illudi-lo, e tapar-lhe de tal maneira os olhos, que ficasse reduzido quanto fosse possível á condição dos brutos (tambem entre os Portuguezes houve mancebos deste voto, porque o contagio encyclopedista tambem para cá penetrou). Os do partido das luzes, exagerando o sentido contrario dissérão, e afirmárão, que era preciso illustrar o Povo, e cultiva-lo, principalmente em materias politicas, e despoja-lo de seus amados, e vulgares costumes, e habitos com que tranquillamente vivia, e engordava, e fazer do mesmo Povo huma Universidade de Filozofos, sem erros, e sem preocupações. Jaques, o Methafysico Jaques não era por certo do partido dos primeiros ainda que em o discurso sobre a desigualdade dirigido aos Republicanos de Genebra queira provar com a costumada en-

fiada de paralogismos , que seriam muito dignos de louvor os homens , se procurassem fazer-se bestas , isto he , bestas livres para irem viver , e passear livremente pelos campos com os outros animaes , e não para viver na sociedade.

Os que querião , que se deixasse viver o Povo como sempre viveo , dizem que he impossivel instruilho bem e que nada ha peor , que instruilho mal. Pelo contrario dizem os outros Vigarios geraes , e Reformadores do genero humano , que certos principios , e rudimentos são ao alcance de todo o mundo , e que he cousa boa abrir os olhos aos que os tem fechados para lhes fazer conhecer a verdade. Mas , dizia hum Filosofo da antiga tarifa , que se tivesse todas as verdades ainda as mais importantes fechadas nas mãos , se guardaria bem de as abrir. Eu faria o mesmo sem ser demasiadamente Filosofo. Estou persuadido que os maiores Legisladores , começando des-

de Romulo até Mafoma. Montesquieu, e Companhia se acharião em grande embaraço, se se vissem necessitados a instruir, systemar, e organizar Povos Filósofos sem erros, e sem preocupações. Se isto conseguissem, talvez não conseguirião tão facilmente fazelos ir á guerra, e á morte, e inflamar seu coração no amor da Patria, que he tão efficaz, ou ao menos no amor da gloria, que he hum supplemento ao amor da Patria; tambem não percebo como os sугeitarião de bom grado com todo o coração, e toda a alma ao imperio daquella Religião que lhes prégarão, sem a qual ainda entre Nações barbaras, e idolatras, as mais bellas instituições, são máquiñas frageis, que de nada aproveitão.

Parece-me, que se póde fazer huma distincção na questão proposta, que eu não quero agora nem discutir, nem decidir. Pode-se distinguir aquelle genero de cultura, que se encaminha á educação moral do Povo,

instruindo-o em seus essenciaes deveres, ou obrigações, affeição-o á sua familia, e a sua Pátria. Esta especie de cultura, deve sem dúvida propagar-se, e refinar-se, e eu a julgo essencial, e indispensavel em toda a sua extensão. Ha outra especie de cultura relativa ás Sciencias, e letras, e aos objectos que dellas dependem, e que se encaminha a curar o Povo de suas preocupações, e erros ordinários, que são de sua natureza não prejudiciaes, e nocivos, e a desgosta-lo daquelles seus antigos habitos grosseiros, a puli-lo, civiliza-lo, e vesti-lo á moda, e com bom gosto. Esta especie de cultura, longe de a julgar essencial para a prosperidade do Povo, e ventura das Nações a julgo opposta, e contraria a esta mesma ventura, pois faz perder o equilibrio civil, e a tranquillidade pública. Persuado-me, que reduzindo-se a questão a estes limites, ou termos discretos sem dar em excessos, e extremos, haveria boas ra-

zões que allegar de huma, e de outra parte.

Entre todos os Póvos da terra, eu observe hum que sempre me mereceu huma particular attenção. Este Povo se persuadio, que huma loba déra de mamar a seu primeiro Rei, e que suas mais antigas Leis forão dictadas a outro de seus Monarcas por hum Espirito em fórma de Nynfa. Desde este tempo o mesmo Povo pagou grossos salarios, ou ordenados a hum grande número de Sacerdotes, cujo emprego era o mesmo dos nossos magarefes do campo do Currál, matar Bois, Carneiros, Bodes, e Porcos, examinar-lhes o deventre, especialmente os figados, para conhecer escrita, e escarrada nas mesmas ventrexas a vontade dos Deoses, e o bom ou máo agouro para emprender qualquer grande façanha, de que pendesse a liberdade da Patria, e engrandecimento da Nação. Este mesmo Povo, por mão de seus Augures, e Flamines, quando emprendia

huma guerra tão justa como as que faz agora Bonaparte, deixava a avoar hum bando de Patos, e Gallinhas, (Perus ainda não, porque ainda os Padres da Companhia nos não tinham trazido este delicado presente das suas Indias de Hespanha), e se este bando voava para a esquerda, ou para a direita, era hum signal infallivel que a expedição iria bem, ou mal. Se o seu Paiz era atacado da peste, ou de outro algum flagello Francez peior que a pestilencia mais teimosa, persuadia-se este Povo, que o remedio topico para se livrar deste cruel assoite, era furar com hum prego de bronze as fontes da cabeça a alguma personagem de grande representação. (Este remedio applicado bém a Bonaparte, por certo livraria o genero humano de todos os males que actualmemente padece.)

Ora se alguém me escutasse este longo arranzel diria, e clamaria que me calasse, que não era preciso

saber mais para se conhecer, que este Povo era hum Povo de caturras, e de loucos, e se não erão loucos por certo era de escravos, e que era preciso até por caridade mandar hum officio ao Instituto Nacional da França, e pedir-lhe, que dentre os seus noveleiros, versejadores, e publicistas, escolhesse Missionarios zelosos, propagadores das luzes para instruir este Povo, e para o regenerar, abrindo canaes, resuscitando Camões, e dar-lhe huma constituição fixa, que lhe promettesse hum futuro brilhante, o interessasse no systema continental com outras frases mais, com que se tem illustrado o mundo, e obrigado as Nações a occuparem o lugar que lhes he devido. Basta, lhe tornaria eu, este Povo de que fallo, he o mais sábio, o mais virtuoso, o mais livre, e o mais respeitavel que tem existido no mundo; he hum Povo, que produzio os Camillòs, os Fabios, Scipiões, e Marcelos, os Catões, e os Brutos; hum Povo fi-

nalmente que conto em o numero dos Cidadães Marco Tulio, Lucio Anco Seneca, e Cornelio Tacito; meu Senhor da missão do Instituto, incline-me bem essa cabeça, que eu fallo do Povo Romano. Leia suas Historias, deite os olhos para as Decadas de Tito Livio, e para os Commentarios de Cesar, e verá que este Povo, era tão livre, tão cheio de virtude, e de patriotismo, quanto era preocupado, e supersticioso; mas seus erros, e suas religiosas ceremonias, como atiladamente observa Montesquieu em nada alteravão a pureza da sua moral, e a severidade de seus principios, e se combinava muito bem, que hum Povo ignorante era o melhor Povo do Mundo. Tanto he verdade (tomára que soasse por toda a terra este Epifonema!) que a boa moral faz tudo, que as ôcas declamações dos illuminados nada fazem, se eu faço alguma reflexão sobre as grandes emprezas deste Povo, sobre seus gloriosos feitos de

armas , que tanto o distinguem sobre os outros Povos , fico intimamente persuadido , que este seu lustro inaccessible , he devido sem dúvida á sua virtude , e tambem he devido em muito grande parte ás suas preoccupações , e a seus erros. O derramamento de luzes assim chamadas entre o Povo Francez , verdadeira praga de nossos dias , lhe fez tomar o freio nos dentes , e sacudir todo o jugo das leis , e renunciar a todos os princip'os da moral. As luzes funestas que recebo , forão humas tochas funebres que lhe marcarão o caminho para a sepultura ; cada cabelleireiro Francez se reputou hum Filosofo ; todos os barbeiros , e amoladores de París se reputarão outros tantos Platões republicanizadores , e hum Povo em que todos são Filosofos , todos são doidos. Estas filosofias , estes systematicos tratadistas de Direito natural , desconcertarão a harmonia social , a decadencia , a ruina da Nação inteira , foi em proporção

da sua illustração. Em Portugal depois que os Petitmetres se avezárão aos oráculos Francezes , tudo foi de cabeça abaixo , quando nossos páis se arripiavão com medo de bruxas , quando a Filosofia reduzida a tenebrosa dialectica morava apenas pelos cantos das gritadoras aulas , havia moral , honra , patriotismo , respeito ás Leis , heroismo , victorias , conquistas , e muito dinheiro na algibeira , e nossas singelas , e virtuosas avós , com seu manto de gorgorão , e saia de picote , apresentavão-se nas Igrejas carregadas de ouro , diamantes , e safiras orientaes , com cada olho nas filhas , que as não deixavão pôr pé em ramo verde , rezando por tamanhas contas de ouro , que encherião da devoção as mão de hum Francez , para ir ganhar com ellas as indulgencias de Napoleão. E os nossos mancebos sem Mablis , Condilhaques , e Maurys hião para os baluartes de Diu , pôr o sal na moleira ao fanfarrão de Cojesofar , e a seu successor

Rumecão , não conhecendo , dizião elles , Framengos a meia noite , nem consentindo aqui hum Francez , ainda que amolasse facas , e tesouras. Affonso de Albuquerque espantava , e aterrava o Oriente desde o Nillo , até ao Japão , e rezava na Ermida da Senhora do Outeiro de Malaca. Ora vão lá explicar ao Povo o contrato social de Jaques , ve-lo-hão lisongean-do Junot , sem quebrar de huma vez a cabeça a quantos Franchinotes , e salteadores o acompanhão. A conservação , e a gloria de hum Povo deve-se ás suas virtudes , e vão ás suas luzes.

SOLILOQUIO LXVIII.

HA falsas opiniões , e erros successivos , que se transmitem de geração em geração , e á força de se repetirem , e acreditarem vão adquirindo o caracter de verdades demons-

tradas. Ora eu mais cheio de proverbios que Sancho, sempre gostei muito daquelle que me diz, que nem tudo o que luz he ouro, e todas as vezes que vejo luzir, applico bem a attenção para ver se com effeito he ouro. Porque muitos seculos, e muitos homens dizem huma cousa que he de pura authoridade humana, nem por isso eu devo acreditar esta cousa sem hum maduro, e bem circumstanciado exame. Toda a minha vida me embalárão com as virtudes dos Sparciatas. Lia por esses paxorrentos colectores, e compiladores de apogre-mas, grandes ditos, e grandes feitos dos taes Sparciatas, estava disto mais alguma cousa esquecido, quando o inferno vomitou a revolução Franceza, e tornárão-me a quebrar a cabeça com estes Sparciatas, de quem os féros Republicanos *sans culotes*, se dizião netos, e imitadores. Quem são estes Sparciatas, dizia eu comigo? Eu hei de ir basculhar as têas de aranha, que cobrem as ruinas de

Lacedemonia para me formar humz idéa destes Sparciatas tão decantados, e meditando bem sobre a cousa, achei que os Sparciatas são hum Povo delirante, atroz, onde a somma dos vicios excedia infinitamente a somma das aprégoadas virtudes.

O orgulho, he a manqueira ordinaria das almas livres, e fortes. De balde os meus modernos sofistas de París, e de Genebra tem querido fazer grandes apologias deste vicio, confundindo-o bem pouco a proposito com a córagem, e elevação da alma. Para mim não ha cousa mais insupportavel, e intolleravel, que hum homem orgulhoso, e o que he intolleravel em hum homem, muito mais o he em huma Nação inteira; o que he hum homem para os outros, he hum Povo para os outros Povos. Este orgulho he origem, e causa de odios, e antipathias nacionaes, e guerras injustas, e a historia dos taes Lacedemonios está cheia de memoraveis exemplos, que attestão esta verdade.

O cabeçudo Licurgo longe de dictar Leis para reprimir este pernicioso orgulho, e amaciar o character feróz, e intratavel dos Sparciatas, parece que a acinte o quiz fomentar, estabelecer, e arreigar ainda mais. A persuasão em que vivião, de que hum Divindade lhe havia dictado suas Leis, o desprezo, que o mesmo Licurgo lhes soube inspirar para tudo o que erão usanças, e costumes estranhos, o imperio tyrannico com que tratavão seus pobres, e miseraveis escravos; a igualdade perfeita, que entre elles reinava, e que os modernos Sparciatas tanto, e tão infructuosamente quizerão imitar; a austeridade, ou rusticidade de seus costumes, sua mesma ociosidade, e ignorancia, tudo isto junto os enchia de fumaças, e lhes mettia em cabeça, que erão muito superiores aos outros homens, e a todos os Povos da terra, e esta ridicula presumpção se lhes tornou mil vezes prejudicial, ruinososa, e funesta. A dureza do coração

he huma consequencia immediata , e necessaria do orgulho : poucos sensiveis somos aos males daquelles , que desprezamos , e daqui nasce a desconfiança natural , e antipathia secreta , que todos tem com os corações duros , soberbos , intrataveis , e orgulhosos. A mais céga paixão pelos Sparciatas , quando se ponderar bem as cousas , não poderá excusar os usos estabelecidos , e tolerados por Licurgo. Toda a antiguidade grita , e berra com razão , contra o costume barbaro dos taes virtuosos Sparciatas de dar a morte aos meninos , que nascião contrafeitos ; devergia a Natureza dos caminhos ordinarios , e era por isto punida a humanidade sem crime , e a innocencia sem culpa , porque nascião com hum pé torto , não tinham direito á conservação da existencia , e devião logo morrer. . . Que taes são as virtudes dos Sparciatas ? He acaso mais revoltante a ferocidade dos Canibaes ? Matar hum menino que nasceo alcorcovado , he

o mesmo que matar em França hum homem por dizer, que o pai de Bonaparte não era seu pai. Que costume tão digno de hum Povo de heroes, como se dizião os senhores Lacedemonios, era o de assoitar diante dos altares as pobres crianças, até as fazer morrer á assoites, obrigando-as a se não queixar das dores, que soffrião, como se a irritabilidade dos nervos, e a sensibilidade fysica fossem hum delicto! Que costume tão doce, virtuoso, e filosofico era o daquelles combates, em que os mancebos são obrigados a entrar, e em que reciprocamente se matavão ás estocades para exercitarem sua coragem, e valentia! E dizem os Francezes, que os Hespanhoes são barbaros, porque gostão dos combates de Toiros! Que matronas são as Lacedemonias, que doçura de character tinhão, quando insensíveis aos gritos da natureza, e ao amor ternissimo que ella inspira para com os proprios filhos, ainda os mais ingra-

tos , e desconhecidos , davão ellas mesmas a morte aos filhos , que tinham fugido de alguma batalha ! E chamão-se virtudes a estas monstruosidades ! Quanto he certo que he preocupações successivas , e que a maior parte das cousas se acreditão , e recebem sem reflexão , e sem exame !

O que de todo me faz crer , que os virtuosos Sparciatas erão peiores que Roberspierre , e Bonaparte ; o que de todo escandaliza a humanidade , e he capaz de indignar o homem de bem , são as inauditas crueldades dos taes senhores Sparciatas para com os Iliotas seus escravos ; a isto nada chega. Hum duro Minhoto , que de cá foi em calças , e jaqueta , e que se fez no Brazil senhor de engenho , não trata com tanta deshumanidade os miseráveis negros. Não sómente os embebedavão algumas vezes para os tornar hum objecto de ludibrio aos mancebos , a quem pertendião inspirar o aborrecimento deste vicio , mas

até lhes prohibião entoar as mesmas canções , que cantavão os homens livres : eis aqui a grande principiada igualdade , e liberdade , bem desenvolvida entre os Sparciatas ! Para que estes miseraveis , escravos se não esquecessem de sua servidão , e deploravel estado , levavão todos os dias por almoço certo numero de assoites , dados com toda a reflexão , e sangue frio , isto não fazem os Carabos aos mesmos prizioneiros de guerra : esta acção me fez sempre detestar de todo o meu coração os Lacedemonios , e considerar como hum Diabo vivo o seu decantado Licurgo com todos os panygiricos , que lhe faz o Authór das viagens de Anacarsis. Desgraçado daquelle Iliota , que tinha recebido da natureza algum talento , e mostrava grandeza de alma , ou qualquer vislumbre de virtude em seu infausto cativo , contasse de certo com a morte , a virtude em hum escravo era hum cri-

me capital nas Leis de Sparta. A primeira cerimonia que os Eforos fazem no dia de sua nomeação era sem mais nem mais, declarar o odio eterno, e guerra eterna aos Iliotas. Se estes infelizes se multiplicavão entre aquelle Povo de moralistas, por huma das Leis fundamentaes de Esparta, que lhe mandava dar cabo dos ossos, erão obrigados os mancebos de Lacedemonia, a se emboscarem de noite, darem sobre os inermes Iliotas, e assassinaresem sem cerimonia quantos podião; chamava-se a este acto de caridade, a *Cryptia*. Tucidades conta com toda a ingenuidade, que na guerra do Poleponeso, os Lacedemonios fingirão dar liberdade a dois mil Iliotas, que lhes tinham feito assignalados serviços na campanha, coroárão-nos de flores, dérão-lhes grandes banquetadas huma noite; e ao amanhecer não havia fumo dos taes Iliotas, e nunca se póde saber o que foi feito delles. Isto excede em

crueldade, todo o que os viajantes nos contão da ferocidade de alguma ordas americanas nos Bosques do Canadá. Quem poderá considerár estas cousas sem horror ! Quem não pasmará da docilidade dos homens em acreditarem como verdades enganos successivos, e mentiras manifestas, que por virem de mui longe se nos querem impingir apadrinhadas com o peso dos seculos. Se existio Povo barbaro, foi o de Sparta, com huma differença muito notavel, e escandalosa. Os outros Povos existem no estado de barbaridade, e incomunicabilidade, em quanto não recebem leis, e se não estabelecem alguma fórma de governo, com este se amaciação os costumes, e perdem até os ultimos vestigios de rudez, e barbaridade. Não assim os amigos Sparciatas, erão barbaros orgulhosos, atrozes, aborreido, e erão aborrecidos dos outros Povos pelo espirito, ou interção de suas me. mas Leis,

sua barbaridade não era natural era systematica, e por isso mesmo mais perversos, e mais dignos da execração dos outros Póvos. Além de orgulhosos, erão egoístas, e só inenos máos que os Francezes.

SOLILOQUIO LXIX.

A Vida humana no estado social em que existimos, tem necessidades indispensaveis, que he preciso satisfazer a todo o custo; não fallo só das necessidades fysicas, dessas ninguém pôde duvidar, assim como ninguém pôde dispensar-se; fallo de necessidades moraes, ás vezes mais urgentes do que as fysicas. Eu medito de continuo sobre este grande objecto, e talvez que desprezado, ou pouco attendido pelos maiores philosophos do seculo, e creio (aqui arquearão os sobrolhos, os profundos

contemplativos), creio que huma das maiores necessidades moraes, que experimentão os homens no estado social, he a de disputar? Pois acaso he huma necessidade, o que parece hum tormento, e o que alguns homens prudentes procurão com tanta ancia evitar? Sim. O mundo foi entregue aos homens para objecto de suas contestações, e disputas; he preciso disputar, ou sobre as côres, ou sobre a politica, ou sobre a musica, ou sobre o livre arbitrio; he huma necessidade indispensavel, he preciso satisfazela. Eu antes quero ler as visões do Padre Harduino, que as de Jaques; antes a dança dos turbilhões de Descartes, que as controversias do Ministro Jurieu; antes o Commentario do Apocalypse de Newton, que a historia da Revolução de França; porque além do divertimento, he sempre a teima, e a controversia que faz a materia, e fundo destas ridiculas obras. Felizes os Po-

vos, e os litteratos, cujas disputas não tem por objectos mais do que ridicularias! Quantas cabeças, quantas carapuças, foi, e será sempre a divisa das sociedades, e conversações humanas, tanto em tempo de luzes, e apurado gosto, como em tempo de trevas, ignorancia, e barbaridade. Nem sempre he por genio emburrado, ou por espirito de contradicção, que se defende huma opinião nova, ou huma contraria á opinião recebida; quasi sempre he por amor da independencia, natural aversão que se tem ao jugo, seja qual for sua qualidade, pela repugnancia que se tem a authoridade que os grandes Mestres se arrogão, e tambem, (creio que isto he o mais frequente, e o mais conforme á marcha da inconstancia humana) pelo enjôo, que causa a uniformidade! Pois sempre havemos opinar o mesmo em materias indifferentes como são quasi todas as questões filosoficas? Dizem alguns homens, e eu com elles?

Sabe-se qual foi o motivo, que obrigou a Jaques a deitar-se no partido inimigo das letras. Quando Diderot lhe deo o conselho, conhecia-lhe bem o genio, o pobre pedinte, e peregrino Jaques, tinha mais fome de gloria, que de pão, e seguir os caminhos ordinarios, abraçando a defesa, e fazendo o apologetico das Sciencias, era querer ficar ignorando no mundo sem nome, e sem motim. Que te fez Aristides, dizia elle ao homem, que escrevia seu nome em huma casca de ostra para o condemnar? Estou enfastiado de o ouvir louvar tanto, já não tenho orelhas para escutar seu elogio. Eis-aqui o crime de muitos homens, e eis-aqui a chave, ou a solução de muitos, e frequentes enigmas, que parecem ind cifráveis. De quantos desertores da boa causa entre nós, que suspiravão por huma revolução, e a virão como realizada, quando entrou a longa engrazada de pedintes Francezes, se podião explicar bem as metamor-

foses com aquella expressão do ambicioso Cesar ! He melhor , e vale mais ser primeiro em Rimini , que gundo em Roma ! Saiba o mundo que eu existo , dizia hum dos Corifeos em Revolução , e faça-me enfiar , ou persiga-me , que eu andarei com a Republica na algibeira : e o Historiografo da França , dizia , fallando dos seus amigos , tanto hão de fallar de Duclos , que o hão de obrigar a ir á Missa só para fallarem mais.

He cousa tão deploravel como verdadeira , dizia ha mais de 1400 annos hum santo Francez , escrevendo ao Imperador Constancio , que haja entre os homens tantas doutrinas quantas inclinações. Cada anno , cada mez inventamos novos symbolos para explicar misterios invisiveis ; arrependemo-nos amanhã do que fizemos hoje ; detestamos o que adoramos , e condemnamos a doutrina dos outros , porque não he a nossa

doutrina, e queixando-nos com reciproco escandalo, caminhamos para a nossa ruina, e desventura.

He muito digna de estima a bondade, e ingenuidade dos Authores, que trabalham por conciliar os espiritos; mas contar com o bom successo desta tentativa, he hum erro. Se hum Molinista, dizia o esturrado Voltair fizesse hum livro para provar, que dois, e dois são quatro, eu não duvido, que hum Jansenista não viesse logo com hum volume, tres vezes mais grosso para provar, que dois, e dois são cinco. Ora pois se he preciso disputar, e não pôde haver conversação sem contestação, se o contagio das disputas contamina todos os homens á excepção dos mudos, ainda que estes tambem teimão, quanto melhor seria disputar sobre a arithmetica, e sobre as modas, que sobre questões politicas, e religiosas.

A controversia em litteratura,

ainda que ás vezes traga consigo debates pueriz, nunca foi perigosa, e traz quasi sempre consigo grandes vantagens. Felizes tempos em que na Europa, longe de se levantarem bandos de disputadores sobre as funestas revoluções, que de tantos lutos tem coberto a humanidade, se disputava sobre huma passagem bem, ou mal entendida de hum Author Grego, ou Romano, exposta segundo as regras grammaticaes! E ditosa França, quando o actual viveiro de todos os vicios, París estava dividido em duas facções, huma levantando os modernos acima dos antigos, outra os antigos acima dos modernos! Suavissimas disputas, que forão succedidas pelas dos Brissotistas, e Maratistas, que tanto sangue derramárão! Feliz Portugal! Quando não havia cafés, e Gazetas! Quando as Academias dos Singulares, e Anonymos, dos occultos, e outras mais vião apparecer os Ericeiras com hu-

ma longa Dissertação de controversia, sobre qual dos amares fo a mais favorecido de Cloris, que estava sangrada, se Fabio que levou o chumaço, se Silvio que levou a atadura. Felizes tempos, em que na Academia dos Generosos disputava Thomás Pinto, com o torto de Fr. Simão, e em que alguns Frades derramávão torrentes de erudição velha, e injúrias novas, para provar que os Bentos são mais antigos, que os Jeronymos! São estes divertidos, e innocentes objectos a materia sangui-naria das eternas disputas, que agora escutamos! São estes os problemas, que tanto prazer derramavão, em que o homem de siso tinha a consolação de ouvir dois tolos eruditos, mas fóra da controversia homens de bem, bons Cidadãos, e verdadeiros Portuguezes?

Esta idade passou, e a que lhe succedeo, he a que estou vendo. Continúão as disputas, porque continúão

as conversações, porém esquecerão todos os objectos uteis, agradáveis, instructivos; e a Nação dividida em dois partidos, hum quer sua ruina, outro sua conservação; porque hum quer ser Francez, outro quer ser Portuguez. Quando virá o tempo em que de todo se abandonem estas ruinosas disputas! Em que os sábios abominem as disputas sobre igualdade, liberdade, e governo; em que todos se persuadão, que a melhor fórma de governo (eis-aqui hum oraculo digno de Solon) he aquella que tem durado mais tempo: ou he bom, porque o he de natureza, ou he bom, porque o fez o habito, e o costume: não mudemos! Dispute-se embora, porque em fim, a boa conversação não he mais que huma bem ordenada disputa, e huma perpetua controversia, e he obra de hum bom engenho conte-la em limites de prudencia, e urbanidade.

Socrates disputava em os banque-

tes ; até nú , e crú dentro de hum banho tambem disputava : não era isto mania no bom do velho , era hum meio seguro de tratar sem aparato , e enfasi das escólas , as mais importantes materias de Filosofia moral , unica que elle desejava vêr conhecida , e cultivada pelos homens ; era o modo de aguçar o entendimento , de apurar a razão , e de despojar de atavios inuteis a dialectica ridicula , que os Sofistas tinham introduzido. O velho sabia muito bem , que a contrariedade faz saltar o genio , ou o engenho amortecido , como ao golpe do fuzil salta o fogo , que dorme nas veias da pederneira.

Os Inglezes , que na verdade são homens de huma excessiva singularidade , dizem , que o fallar estraga a conversação , e com effeito elles não fallão , disputão sempre. Os perpetuos debates das Camaras alta , e baixa , tem formado grandes Oradores , ainda que muitas vezes prosti-

tuem a magestade oratoria a objectos
taes como algodão de Pernambuco,
e café das Martinicas. Acabadas fo-
rão no Mundo as querélas politicas,
e, viesse já o tempo em que as mu-
lheres disputassem de modas, e os
homens de alguma cousa util á vida
animal, e moral dos mesmos homens!

Fim do III. Tome.

LISTA

DOS

ASSIGNANTES

Que tem comprado a Obra *Motim Literario*, impresso á custa de Desiderio Marquez Leão, Livreiro em Lisboa no Largo do Calhariz N.º 12.

O Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja.

O Sr. P. Antonio Joaquim Cordeiro.

O Sr. Fr. Antonio dos Santos Vieira.

O Sr. Antonio Manoel de Castro.

O Sr. Antonio Eustaquio da Silva.

O Sr. Antonio José de Abreu Prada.

O Sr. P. D. Benvenuto Antonio Caetano Campos.

O Sr. Bernardo João da Silva.

O Sr. Capitão de Santa Barbara.

O Sr. Dr. Caetano José Nunes Delgado.

O Excellentissimo Sr. Conde de Castro-Marim.

- O Sr. Cesario José de Oliveira.
- O Sr. Domingos Antonio de Carvalho.
- O Sr. P. Elias João da Matta.
- O Sr. Francisco Leite Pereira.
- O Sr. P. Prior Feliciano José.
- O Sr. João Henriques de Sequeira.
- O Sr. Joaquim Raymundo da Cruz.
- O Sr. P. Joaquim Coelho.
- O Sr. José Antonio de Almeida.
- O Sr. Ignacio Antonio de Amorim Vianna.
- O Illustrissimo Sr. José Joaquim Paes de Sande de Castro.
- O Sr. José Nicoláo de Massuellos Pinto.
- O Sr. P. Joaquim Dias Torres.
- O Sr. José Dias Torres.
- O Sr. João Baptista da Costa.
- O Sr. José Daniel Rodrigues da Costa.
- O Sr. João José Cordeiro.
- O Sr. Joaquim José Pedro Lopes.
- O Sr. Dr. Joaquim Antonio de Sousa.
- O Sr. Joaquim de Abreu Ferrugento.

- Sr. Ignacio José de Sam-Payo Pe-
reira e Andrade.
- Sr. Manoel Lopes Porto.
- Sr. Joaquim José da Silveira e An-
drade.
- Sr. P. Dr. Manoel Nunes da Fon-
seca.
- Sr. Manoel Euzebio da Costa.
- Sr. Manoel Joaquim Maravilhas.
- Sr. Fr. Manoel de Santa Marga-
rida.
- Sr. Manoel Zeferino.
- Excellentissimo Sr. Conde de Mes-
quitella.
- A Excellentissima Condessa de Mes-
quitella.
- Sr. P. Prior de S. Sebastião da
Pedreira.
- Sr. Ricardo José da Cunha.
- Excellentissimo Sr. Conde de Sou-
re.
- Sr. Thomás Caetano Rodrigues
Portugal.

ADVERTENCIA.

O Editor declara ao Público, que vai continuando a imprimir esta Obra *Motim Literario* em Folhetos Periodicos, que irão sahindo com toda a brevidade. E declara o mesmo Editor aos Senhores Assignantes (e a todos os mais que o quizerem ser), que se venderá cada hum dos volumes a 480 réis, e para os que não forem Assignantes a 600 réis cada volume.





